

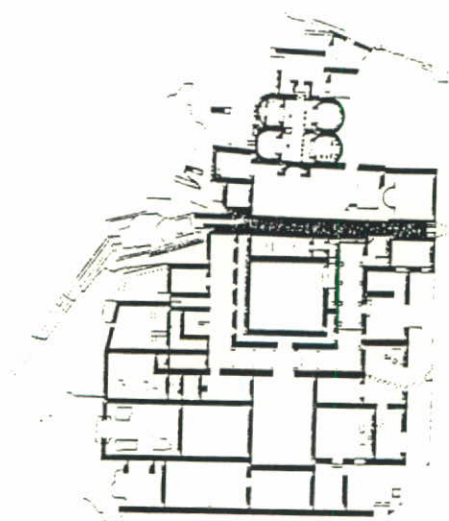


T 7567/1

Teresa Maria da Trindade de Campos Coelho

CONIMBRIGA  
**Termas do Aqueduto**  
Integração urbana . Estudo arquitectónico

Volume I



Dissertação de Mestrado em História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

Lisboa 1993

39872

<i>Vitrúvio</i> e a problemática da <i>reconstituição</i>	122
A procura do <i>módulo</i> - algumas características da sua <i>geometria</i>	127
Conclusões	133
Bibliografia	I
Glossário	XVII
Apendice documental	
Índice dos documentos	XXI
Documentos	XXIII

Índice

Agradecimentos	p. iii
Abreviaturas	v

**CONIMBRIGA , Termas do aqueduto**

Introdução	3
I. <i>A Architectura Termal</i> como Architectura de prestígio	5
Evolução tipológica	13
Principais técnicas e materiais construtivos	27
Planta centralizada : modelação e simbologia do espaço	36
II <i>CONIMBRIGA</i> , Origem e integração no mundo romano	49
Da referência histórica às campanhas de escavação	54
Evolução urbana	64
III <i>Termas do aqueduto</i> - Estudo analítico e comparativo	69
Exumação das ruínas	77
Integração urbana	80
Análise <i>formal</i> e <i>funcional</i> do sector a norte do aqueduto	92
Descrição do edifício	95
Interpretação dos vestígios existentes	111

forçosamente, em *CONIMBRIGA*, que podemos considerar, no âmbito dos estudos romanos em Portugal, uma situação de excepção, onde essa mesma arquitectura está documentada em diferentes momentos da vida da cidade, dando continuidade a trabalhos anteriores, sobre a Basílica Paleocristã, apresentados na *III Reunião de Arqueologia Paleocristã*, realizada em Setembro de 1988, em Maó, Baleares.

Durante a minha investigação numerosos foram os apoios prestados por instituições e pessoas, a quem quero expressar todo o meu agradecimento:

- Em primeiro lugar, ao seu orientador, Professor Doutor João Manuel Bairrão Oleiro que, acompanhando a sua evolução e sendo conhecedor das diversas dificuldades com que deparei, não deixou de me encorajar, colocando ainda, ao meu dispôr, bibliografia e material que não consegui localizar nas diferentes bibliotecas por mim consultadas.

- À Dr<sup>a</sup> Adília Alarcão, Directora do Museu Monográfico de Conimbriga, bem como ao Dr. Virgílio Hipólito Correia (que comigo colaborou, entre outros, na discussão de alguns dos problemas com que me debati, e no levantamento de parte das estruturas), pelo apoio e disponibilidade que sempre mostraram neste e noutros trabalhos, agradecimento extensível a toda a equipa do museu e ruínas, sem os quais não teria podido apresentar este estudo.

- Ao Professor Doutor Jorge de Alarcão pelas informações e sugestões dadas em estudos anteriores, fundamentais para um correcto entendimento de *CONIMBRIGA*.

## Agradecimentos

O trabalho aqui apresentado resultou de uma série de pesquisas feitas no âmbito do *Curso de Mestrado em História da Arte* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a que se juntou a reflexão imposta por uma prática profissional centrada nas mutações que sofrem os espaços urbanos, e no significado que os edifícios, enquanto entidades autónomas, encontram em novos contextos.

O inegável interesse que desperta, em qualquer arquitecto, a investigação sobre as possibilidades de modelação do espaço oferecidas pela planta centralizada, conduziria à procura do momento histórico em que seriam exploradas, até ao limite, as suas potencialidades (e técnicas construtivas que as permitiriam) e, conseqüentemente, ao estudo da arquitectura romana, com especial incidência na *arquitectura termal*.

Tendo-me proposto, inicialmente, ao estudo da *arquitectura termal romana em Portugal*, este projecto seria abandonado de imediato por variadas razões, residindo a principal, no facto de não existirem dados de escavação suficientes que permitissem tirar conclusões significativas.

Optei, assim, e segundo sugestão do professor da cadeira de *História da Arte da Antiguidade Clássica*, Doutor João Manuel Bairrão Oleiro, cingir o meu estudo a um conjunto de edifícios que, num núcleo específico, fosse representativo da evolução dessa mesma arquitectura. A escolha recairia,



- À Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em especial à Dr<sup>a</sup> Margarida Alçada e à Dr<sup>a</sup> Paula Noé, que prontamente me facultaram a consulta dos respectivos processos e arquivos.
- Aos meus amigos José Ventura, Leonor Ferrão, Mariana Pardal Monteiro e ao João Pedro que, através da colaboração e encorajamento que me deram, insistiram na sua conclusão.
- Por fim, não posso deixar de agradecer a todos os que, realizando trabalhos de investigação ou contribuindo para a preservação de *CONIMBRIGA* são, também, os autores do presente estudo.



## ABREVIATURAS

<b>A.B.</b>	Arquivo de Beja
<b>A.D.</b>	Architectural Design
<b>A.E.A.</b>	Archivo Español de Arqueologia
<b>A.J.A.</b>	American Journal of Archaeology
<b>A.P.</b>	Arqueólogo Português
<b>A.R.I.D.</b>	Analecta Romana Instituti Danici
<b>D.A.G.R.</b>	Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines
<b>Enc.Class.</b>	Enciclopedia Classica
<b>Hum.</b>	Humanitas
<b>M.E.F.R.</b>	Mélanges de l'École Française de Rome
<b>Pall.</b>	Palladio
<b>St. Arch.</b>	Studia Archeologica

Temos consciência de que o presente estudo está, ainda, muito incompleto, e que a sua conclusão dependerá, entre outros, da realização de novos trabalhos de escavação, de um levantamento topográfico rigoroso, bem como da realização de trabalhos que nos elucidem sobre as características dos módulos adoptados no resto da cidade, a nível arquitectónico e urbano, estabelecendo uma relação íntima entre os dois.

A estes problemas juntaram-se, ainda, as dificuldades que tivemos em encontrar alguma da bibliografia por nós considerada essencial, na ausência de termos comparativos, na insuficiência dos dados sobre os circuitos de difusão dos modelos teóricos, bem como de estudos de catalogação de edifícios termais, e de materiais de construção em território nacional.

Restou-nos, portanto, a alternativa de elaborar uma proposta de reconstituição informada pelos escassos dados e exemplos comparativos de que dispunhamos, e recorrendo, sempre que possível, ao preceito vitruviano, ainda que incorrendo no risco de estarmos a utilizar referências não significativas no contexto global da arquitectura romana e no espaço cronológico referente ao objecto do nosso estudo.

## INTRODUÇÃO

Ocupando um lugar privilegiado no âmbito da arqueologia e dos estudos romanos em Portugal, *CONIMBRIGA* gozou do raro privilégio de imunidade que, paradoxalmente, só as grandes catástrofes naturais ou de ordem social, permitem aos espaços usufruir.

Abandonada no séc. VIII, as suas estruturas escapariam, assim, aos processos de mutação que, quase sem excepção, sofrem todos os espaços urbanos, apagando, na maior parte das vezes, os vestígios desse mesmo processo evolutivo.

Neste contexto podemos incluir, também, a sua arquitectura termal, representada nos momentos mais significativos da sua história, num espaço cronológico que, começando no séc. I, com a dominação romana, em período *augustano*, se estenderia até ao Baixo Império.

Na ausência de dados imprescindíveis a um estudo aprofundado, o presente trabalho não pretende mais do que elaborar uma reflexão em torno de um edifício que, estando até à data por estudar fecha, de acordo com os vestígios urbanos actualmente existentes, o ciclo da arquitectura termal de uma cidade que, apesar de uma pré-existência céltica, soube adaptar-se e integrar-se nos modelos impostos pelos quadros de vida romanos.

Apesar da sua modesta aparência, as Termas do Aqueduto são representativas das mutações por que passaram as cidades romanas a partir de finais do séc. III, permitindo estabelecer, ainda que sumariamente, um estudo comparativo com os outros sectores termais da cidade já estudados.

da cozinha, na qual eram feitas as lavagens diárias, sendo o banho, propriamente dito, tomado apenas uma vez por semana.

Só em finais do séc. III a.C. ou inícios do séc. II, passaria a existir uma sala destinada para este fim, a que Catão e Séneca chamariam *balneum* ou *balneolum* <sup>5</sup>, palavra de origem grega e que se passou a aplicar não só ao banho em geral, como também ao próprio edifício.

Inicialmente, quer os banhos privados quer os públicos eram aquecidos por *braseiros*, o que em curto espaço de tempo viria a ser substituído por um sistema mais sofisticado, constituído por uma sala quente, *caldarium*, com uma banheira, *alveus*, provida de sala de aquecimento, *officina* ou *praefurnium* e, por vezes, de uma outra sala, vestiário, *apodyterium*. Nalguns casos particulares, o *hypocaustum* era aquecido por um forno de pão que se situava sob o *balnearium*, como se pode ver em Pompeia, na Casa de Menandro <sup>6</sup>.

A descrição que, já no séc. I da nossa era, Séneca <sup>7</sup> nos dá do banho de Cipião como um espaço reduzido e escuro <sup>8</sup>, mostra bem o carácter primitivo destas primeiras instalações, que nada têm a ver com as formas que os edifícios termas assumiriam a partir do séc. I a.C., até ao fim do império, mesmo na arquitectura privada.

Na *Península Itálica* os primeiros banhos aparecem-nos na Campânia, indiscutivelmente ligados ao aproveitamento das capacidades terapêuticas das fontes naturais situadas a norte da baía de Nápoles. " Ardores autem esse

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 652

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 648

<sup>7</sup> Epist., 86; 4-11

<sup>8</sup> CREMA, Luigi, *Enci. Clas.*, Sezione III, Vol. XII, Tomo I, "Architettura Romana", Torino, 1959, p. 68 "...**balneolum angustum, tenebricosum**...rimae magis quam fenestrae muro lapideo exsectae..."

## Capítulo primeiro

### **Architectura Termal - da higiene pessoal à architectura de prestígio**

Considerada por Vitruvius, como fazendo parte integrante de uma das três partes em que se divide a architectura (*aedificatio*), no grupo dos edifícios públicos destinados ao conforto dos povos <sup>1</sup>, os banhos quentes constituíam já um uso corrente entre os gregos, como o demonstram os *Banhos de Síbaris*, anteriores a 510 a.C. Embora os respectivos pormenores tenham sido descritos por Homero na *Íliada* <sup>2</sup> e na *Odisseia* <sup>3</sup>, onde se exaltam as suas propriedades terapêuticas após um dia de trabalho, a sua prática parece ter sido usual apenas entre os Jónios, uma vez que as antigas leis de Atenas não permitiam banhos quentes dentro da muralha, privilegiando o banho frio que fazia parte da primeira educação <sup>4</sup>.

Na sua forma mais simples os primeiros banhos domésticos romanos eram compostos por um espaço, *lavatrina*, situado, por razões funcionais, junto

---

<sup>1</sup> VITRUVIUS, *De Architectura*, I, III, 1 "PARTES ipsius architecturae sunt tres : **aedificatio, gnomonice, machinatio. Aedificatio autem divisa est bipartito, e quibus una est moenium et communium operum in publicis locis conlocatio, altera est privatorum aedificiorum** explicatio. **Publicorum autem distributiones sunt tres**, e quibus est una defensionis, altera religionis, tertia **opportunitatis**. Defensionis est murorum turriunque et portarum ratio ad hostium impetus perpetuo repellendos excogitata, religionis deorum immortalium fanorum aediumque sacrarum conlocatio, **opportunitatis communium locorum ad usum publicum dispositio**, uti portus, fora, porticus, **balinea**, theatra inambulationes ceteraque, quae isdem rationibus in publicis locis desingnantur" (sublinhado nosso, como acontecerá em todas as outras citações)

<sup>2</sup> X, 574, X

<sup>3</sup> IV, 48; X, 362

<sup>4</sup> DAREMBERG, Saglio, *D.A.G.R.*, Tomo I, Graz, 1962, p. 648 - *balneum*

" O banho não era uma prática de higiene, mas um prazer complexo tal, como entre nós, a vida de praia...o gongo (*discus*) que diariamente anunciava a abertura dos banhos públicos era, segundo **Cícero**, mais doce de ouvir do que a voz dos filósofos da sua escola ." <sup>10</sup>

Isto poderá explicar a multiplicação rápida de instalações por todo o império. Na *antiguidade tardia*, parecem ter existido em Roma, pelo menos, onze grandes instalações gratuitas, e mais de oitocentas e trinta privadas <sup>11</sup>. As fontes do séc. IV fornecem-nos, também, um número muito próximo deste, embora com algumas diferenças entre elas ; assim, enquanto que segundo o *Breviarium* das diferentes regiões ele era de 856, para o *Curiosum* seria de 942, e que a *Notitia* avaliava em 967, total que parece ser o mais verosímil, em virtude dos totais regionais<sup>12</sup>.

Contraditórias são, também, as notícias respeitantes ao horário de abertura dos banhos ( o que se poderá explicar, talvez, por diferenças regionais, ou mesmo por uma alteração nos hábitos ), sendo apenas concordantes quanto ao horário de encerramento ( pôr do sol), com algumas exceções em Roma e Pompeia, em que estariam abertas durante a noite <sup>13</sup>. Como atrás vimos, Vitrúvio fixa o seu funcionamento entre o meio dia e o pôr do sol " **quod maxime tempus lavandi a meridiano ad vesperum est constitutum** " <sup>14</sup>. Juvenal refere que elas eram utilizadas pelo público a partir da hora

<sup>10</sup> VEYNE, Paul, *História da vida privada*, Vol. I, " O Império Romano ", Lisboa 1989, p. 192

<sup>11</sup> CARCOPINO, Jérôme, *A vida quotidiana em Roma no apogeu do império*, Lisboa, s/d, p. 308

<sup>12</sup> HOMO, Léon, *Rome Impérial et l'urbanisme*, Paris 1971, p. 300.

<sup>13</sup> CARCOPINO, Jérôme, *op. cit.*, p. 308

<sup>14</sup> VITRUV, V, x, 1

in his locis etiam haec res potest indicare, **quod in montibus Cumanorum Baianis sunt loca sudationibus excavata**, in quibus vapor fervidus ab imo nascens ignis vehementia perforat eam terram per eamque manando in his locis oritur et ita sudationam egregias efficit utilitates. Non minus etiam memorentur antiquitus crevisse ardores et abundavisse sub Vesuvio monte et inde evomuisse circa agros flammam" <sup>9</sup>

Os banhos públicos faziam parte das vantagens da vida urbana, *commoda*, que desta forma punham ao serviço da plebe os prazeres que só os ricos podiam usufruir nas suas *domus* ou *villae* (est. I, 1 e II, 2). Juntamente com os edifícios destinados aos espectáculos, desempenhavam um papel primordial na vida civilizada de uma cidade, verdadeiro luxo urbano, pagos, em grande parte dos casos, pelo *dever de ostentação* que o *evergetismo* impunha àqueles que aspiravam, assim, a fazer parte da *memória colectiva* da urbe.

Não será, então, de admirar que, tanto num caso como no outro, e na qualidade de instrumento privilegiado de propaganda, estatal ou privada, consoante se tratasse de mecenato imperial ou particular, os preços dos respectivos ingressos se mantivessem módicos, ou mesmo gratuitos. Em 33 a.C., Agrippa, edil a quem competia superintender os banhos públicos de Roma (vigiar o seu aquecimento, limpeza e policiamento), tomou a seu cargo todas as entradas (pelo menos nesse ano), encargo assaz oneroso, se tivermos em conta que nesse período, entre banhos públicos e privados se contavam já perto de duas centenas.

---

<sup>9</sup> VITRUV, II, VI, 2

(527-565), a legislação <sup>21</sup> ditava que o facto de uma mulher ter estado no banho com homens constituía motivo suficiente para divórcio <sup>22</sup>.

Públicos ou privados, muitos deles eram arrendados a um *procurator*, que para além de cobrar a entrada ( cujo custo parece ter sido, na maior parte dos casos um quarto de *asse*, *quadrans* ),era responsável pelo seu aquecimento e deveria fornecer, também, as substâncias necessárias às massagens (*unguenta*). A vigilância estava a cargo do *balneator*.

Despiam-se no *apodyterium*, onde as classes mais abastadas deixavam um escravo a guardar os seus haveres, passando em seguida ao *tepidarium* e deste ao *laconicum* ou ao *sudationes* <sup>23</sup>, o que seria completado com diversas massagens (que incluíam o uso de *strigilis*) seguidos de banhos quentes e frios tomados, respectivamente, no *caldarium* e no *frigidarium*. Todo este ritual era completado pelas inúmeras comodidades que estes complexos edifícios estavam preparados para oferecer que, não se preocupando apenas com o cuidado físico, permitiam aos seus utilizadores usufruir de ambientes propícios à actividade do espírito - bosques, pórticos, *exedrae* e bibliotecas, e decorados com estuques pintados e mosaicos (que privilegiam temas marítimos, ou relacionados com outros aspectos da natureza, tão apreciados pelos romanos, como podemos ver no *frigidarium*

---

e os homens, da oitava à segunda da noite (cf nota 14). De propriedade estatal, a exploração das termas era feita por concessões anuais, cabendo ao estado a definição do preço de entrada, que era de um "as" para cada mulher e de meio "as" para os homens, sendo gratuita para as crianças, funcionários administrativos e soldados da guarnição local. ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, England 1988, Vol. II, fasc. 3, p. 175 -178

<sup>21</sup> Cod. V, 18, 11, § 2;

<sup>22</sup> DAREMBERG, Saglio, *op.cit.*, p. 652

<sup>23</sup> Não está bem definida a diferença entre um e outro mas, segundo Celso (II,17), o *laconicum* parece ter sido destinado aos banhos de ar quente e o *sudationes* ao de vapor (CREMA, Luigi, *op.cit.*, p.69)

quinta antes da meridiana <sup>15</sup>. A *História Augustana* relata, no entanto, que Adriano (117-138) ordenou que ninguém, excepto em caso de doença, fosse autorizado a banhar-se nas termas públicas antes da hora oitava, ao passo que, na vida de Alexandro Severo (222-235), lembra-se que no século anterior, essa permissão só era dada a partir da hora nona, sendo a hora décima a preferida pelos homens <sup>16</sup>.

Embora o Tratado de Vitruvius estabeleça já a separação dos sexos nos banhos " *Et item est animadvertendum, uti caldaria muliebria et virilia coniuncta et in isdem regionibus sint collocata* " <sup>17</sup>, muitas instalações eram mistas, *mixta balnea*, pois períodos houve, como nos reinados de Domiciano (81-96) e Trajano (98-117), em que nenhuma proibição formal parece ter impedido que mulheres e homens se banhassem conjuntamente <sup>18</sup>.

Adriano decretou, de acordo ainda com a *História Augustana*, a separação dos sexos nos banhos, o que implicaria, em virtude da existência de instalações com *frigidarium*, *tepidarium*, e *caldarium* únicos, a realização de turnos <sup>19</sup>. Resultante dessa legislação poderá ser o que está consignado no regulamento do *Metallum Vispacense* de Aljustrel, que permitia que as mulheres se banhassem desde o amanhecer até às duas da tarde, e os homens desde essa hora até às oito da noite <sup>20</sup> Já no reinado de Justiniano

---

<sup>15</sup> A noite dividia-se em quatro partes, *vigiliae*, do pôr ao nascer do sol, de duração variável de acordo com a estação do ano. O único ponto fixo era a meia noite, que marcava início da terceira vigília. O dia, por oposição à noite, dividia-se em doze partes iguais, entre o nascer e pôr do sol, cada uma delas também de duração variável, de acordo com a estação do ano. O único ponto fixo era o meio dia, que marcava, por sua vez, o início sétima hora. BORNECQUE, H., MORNET, D., *Roma et les Romains*, Paris, 1914, p.158

<sup>16</sup> CARCOPINO, Jérôme, *op.cit.*, p. 312

<sup>17</sup> VITRUV, V, x,1

<sup>18</sup> CARCOPINO, Jérôme, *op.cit.*, p. 312

<sup>19</sup> *Ibidem* p. 313

<sup>20</sup> ALARCÃO, Jorge de, *Portugal Romano*, Lisboa 1974, p. 129. Em termos de horário romano, isto significava que as mulheres se podiam banhar da primeira à sétima hora,

Verdadeiras *catedrais do paganismo* <sup>29</sup> ou, como refere Carcopino <sup>30</sup>, *palácio da Água romana*, a sua persistência física no tecido urbano seria assegurada no mundo cristão, ao serem reutilizadas, nomeadamente, como basílicas as quais estava associado o baptistério, no qual se veicularia uma nova simbologia para a água <sup>31</sup>.

Assegurada, assim, a sua persistência física, a sua persistência formal seria também assegurada, na importância que as soluções técnicas nelas ensaiadas tiveram para a História da Arquitectura, ao criarem novas tipologias e articulações espaciais. Confirma-o, como veremos mais adiante, o papel preponderante que o uso da planta centralizada viria a ter, tanto no mundo ocidental como oriental (como, por exemplo, nos banhos muçulmanos, ou nas mesquitas), numa variedade de edifícios que vão desde os baptistérios, mausoleus (ou mesmo basílicas) paleocristãos, até à mais recente arquitectura contemporânea." **In every town they brought people together, standing in a social sense for the unity of regions and cultures the Romans encouraged or enforced** <sup>32</sup>.

<sup>29</sup> VEYNE, Paul, *op.cit.*, p. 194

<sup>30</sup> *Op.cit.*, p. 318

<sup>31</sup> Com efeito, a sua reutilização como *basílica*, a que estava próximo o *baptistério*, parece dever-se, não só às dimensões do espaço físico mas, principalmente, à presença da água, indispensável na liturgia paleocristã. O mesmo factor de proximidade poderá ter influenciado na escolha da implantação da basílica paleocristã de CONIMBRIGA. MACIEL, Justino, CAMPOS-COELHO, T., *A Basílica e o Baptistério Paleocristãos de Conimbriga*, Comunicação à III reunião de Arqueologia Paleocristã, Maó, 1988. Cif. BARRAL E ALTET, Xavier, *Transformaciones de la topografía urbana a la hispania Cristiana durant l'Antiguidat tardia*, II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispanica, Abadia de Montserrat, 1982, p. 114, com ampla bibliografia sobre o assunto.

<sup>32</sup> MACDONALD, William L., *The architecture of the Roman Empire*, Vol. II, "An urban appraisal", New Haven, 1986, p. 219

das *Termae Stabianae* <sup>24</sup> ), num quotidiano ricamente povoado por muitas das imagens que hoje podemos apreciar em alguns museus .

Do recato dos tempos da República, que proíbia Catão de se banhar na frente dos seus filhos, aos exercícios e cuidados corporais que durante o Império se tornaram prática corrente e um prazer apreciado por todos, os edifícios termais foram responsáveis pela transformação de costumes que tentaram, em vão, os primeiros imperadores ao realizar, em Roma, uma cópia dos Jogos Olímpicos <sup>25</sup>.

Com o cristianismo , uma nova liturgia, conseqüente de um novo conceito de vida, traria inevitáveis alterações no comportamento humano e na própria utilização dos espaços, sobretudo a partir do séc. V, bem patentes nas epístolas de S. Jerónimo <sup>26</sup> e de Santo Agostinho <sup>27</sup>, que condenam a prática do banho em virtude da promiscuidade e do grande cuidado dedicado ao culto do corpo, nela implícitos. " Em Antioquia, por exemplo, João Crisóstomo ousou mesmo atacar **os banhos públicos, ponto de reunião social por excelência da sociedade política da classe superior**. Criticou, nas damas aristocráticas, o hábito de exibirem, perante um exército de servidores, as suas carnes bem nutridas somente adornadas com pesadas jóias que eram a marca do seu elevado estatuto " <sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> GRIMAL, Pierre, *Les jardins romains*, 1984, p. 195

<sup>25</sup> CARCOPINO, Jérôme, *op.cit.*, p. 312.

<sup>26</sup> 14, §10

<sup>27</sup> 211, § 13

<sup>28</sup> BROWN, Peter, *Historia da Vida Privada*, Vol. I, "Antiguidade Tardia", Lisboa, 1989, p. 286

de condutas de aquecimento nos *Banhos de Gorys* , *Olimpia* e *Siracusa* , achados esses que remontam ao início do séc. III a.C. <sup>36</sup> Nesta primeira fase, o abastecimento de água nas *Termae Stabianae* seria feito por um poço, e não através dos típicos aquedutos que, em breve, iriam povoar a paisagem urbana. Com as alterações sofridas no séc. II a.c., que juntaram ao plano anterior um *apodyterium* , um *tepidarium* e um *caldarium* do lado oriental da palestra, estava cumprido o programa mínimo que iria caracterizar os estabelecimentos termais itálicos do tipo *balneum* , e que nos esquemas mais evoluídos ( *thermae* ) seriam acompanhados, ainda, de outros ambientes, como o *frigidarium* , *laconicum* , *sudationes* , *detractum* , ou mesmo bibliotecas, museus e *exedrae* .

Embora de inspiração grega, as *Termae Stabianae* apresentam algumas características que as distinguem dos edifícios gregos, cuja evolução criaria o que será, sem dúvida, a expressão máxima da funcionalidade e génio romanos. No lugar em que, tradicionalmente, se situaria na *palestra grega* , o *exédrión* , vamos encontrar aqui uma piscina que, em virtude das suas reduzidas dimensões, não se destinaria ao banho, mas a abluções. A par da ausência do *stadium* e do grande desenvolvimento das estruturas balneares, que estão separadas da palestra pelo *apodyterium* , o exercício físico torna-se, assim, contrariamente ao que imperava no ideal grego, um acessório higiénico do banho, diminuindo, por consequência, a importância do ginásio.

" Le terme romane sembrano derivare dalla fusione di due tipi di edifici : **il bagno, comune nei paesi mediterranei, ed il ginnasio** " <sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> ADAM, Jean-Pierre, *La Construction Romaine* , p. 288.

<sup>37</sup> OSSAT, Guglielmo Angelis d', *Tecnica costruttiva e impianti delle terme* , 1919, p. 5

### *Evolução tipológica*

Veículos importantes de romanização, imagem de poder pessoal e colectivo de uma cidade, as termas desempenharam um papel fundamental no urbanismo romano, ao que correspondeu, em termos físicos, uma escolha criteriosa para a sua implantação, determinada, simultâneamente, por factores de ordem funcional e simbólica. A par dos estabelecimentos existentes nos quarteirões predominantemente residenciais e comerciais, os edifícios mais significativos situar-se-iam nas principais vias urbanas, constituindo um dos elementos essenciais daquilo que MacDonald definiu como *armadura* de uma cidade - "the setting for the familiar Roman civic building typology, **the framework for the unmistakable imagery of imperial urbanism**. As the central arenas of public activity, they are integrated functional and symbolic wholes" <sup>33</sup>.

Como já afirmámos, os primeiros banhos romanos situaram-se na Campânia. Uma relação importante entre os mesmos e os seus congéneres gregos, foi revelada pelas escavações que na década de oitenta tiveram nas *Termae Stabianae* de Pompeia (est. III, 3), que puseram a descoberto, a norte da *palestra*, salas para banhos datadas do séc. IV a.C. <sup>34</sup>, o que recua em dois séculos a sua existencia, até muito recentemente atribuída ao séc. II a.C., confirmando as afirmações de Séneca<sup>35</sup>, e de acordo com o achado

---

<sup>33</sup> MACDONALD, *op.cit.*, p. 5

<sup>34</sup> SEAR, Frank, *Roman Architecture*, London, 1989, p. 39

<sup>35</sup> Ep., XC, 25

curvaturam hemisphaerii " . Com efeito, Staccioli segue a opinião de Delorme<sup>43</sup>, segundo a qual a *natatio* existente nas *Termae Stabianae* , junto da palestra, é um verdadeiro *frigidarium* . Uma possível justificação para o silêncio de Vitrúvio poderá ser dada pelo facto deste tratado ter sido escrito numa fase importante de transição da arquitectura romana e, como tal, anterior à formação dos grandes programas termais<sup>44</sup>.

A arquitectura termal de Pompeia pode ser considerada *a primeira fase* da arquitectura termal romana. A posição tomada pela cidade em 90 a.C. contra Roma, que lhe valeu a confiscação de todas as propriedades, levou ao estabelecimento de uma colónia de veteranos ( cujo número foi avaliado entre 3000 e 5000 )<sup>45</sup>, após o que recebeu o nome de *Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum* . Iniciava-se, então, uma campanha de obras, a nível urbano, de acordo com a imagem que o império iria impor e desenvolver, marcando, em absoluto, o domínio da grande cidade - *Roma* .

Pelas características atrás indicadas , os edifícios termais seriam dos primeiros a serem reformulados. Datam deste período a renovação das *TermaseStabianae* , bem como a construção das *Termas do Forum* (est IV, 4 ), mandadas construir com dinheiro público<sup>46</sup>, e com uma organização semelhante às primeiras. Tanto numa como noutras, instalações separadas para os dois sexos, pátio porticado em três dos seus lados, a delimitar a *palestra* ( que nas *Termas do Forum* é de menores dimensões, acusando

<sup>43</sup> *Étude architecturale sur Vitruve* , B.C.H., 1949, II, p. 389 e ss.

<sup>44</sup> Sobre a problematização desta questão, cfr. ainda, HESPANHA, Maria Cândida da Fonseca Oliveira, *Estudo comparativo das termas romanas em Portugal* , Dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, policopiado, 1963, p.21-23

<sup>45</sup> SEAR, Frank, *op.cit.*, p. 113

<sup>46</sup> ÉTIENNE, Robert, *La vie quotidienne à Pompei* , Paris 1977, p. 371

Isto poderá justificar o facto de, apesar de existente nas *Termae Stabianae*, em breve a *palestra* grega deixar de desempenhar um papel fundamental nos banhos romanos, como o refere o próprio Vitrúvio "Nunc mihi videtur, tametsi non sint italicae consuetudinis palastrarum aedificationes, traditae tamen, explicare et quemadmodum apud Graecos constituentur, monstrare."<sup>38</sup> (est VII,7 e VIII,8)

Esta alteração no conceito do espaço, relativo ao banho, estender-se-ia, também, aos espaços ajardinados que, não se submetendo a nenhuma regra nos edifícios gregos, estariam, no mundo romano, subordinados à própria arquitectura, e `as regras que estabeleceriam a coerência formal de todo um complexo de ambientes.

Uma nota curiosa consiste no facto de Vitrúvio se referir ao *frigidarium* não como espaço integrante dos banhos ( onde prevê apenas uma tina para água fria <sup>39</sup>), mas da *palestra* "...a conisterio in versura porticus frigida lavatio, quam Graeci *loutron* vocitant ; ad sinistram ephebei elaeothesium, **proxime autem elaeothesium frigidarium**, ab eoque iter in propnigeum in versura porticus"<sup>40</sup>. A omissão de Vitrúvio tem originado alguma controvérsia entre os historiadores, nomeadamente no que diz respeito à identificação, por alguns, de um *frigidarium* nas sala circular das *Termas do Forum* em Pompeia. Segundo Staccioli <sup>41</sup> as salas cupulares destas termas, deverão ser consideradas como *laconica*, de acordo com a recomendação vitruviana <sup>42</sup> " **Laconicum sudationesque sunt coniungendae tepidario** ; eaeque quam latae fuerint, tantam altitudinem habeant ad iman

---

<sup>38</sup> VITRUV, V, XI, 1

<sup>39</sup> *Ibidem*, V, X, 1

<sup>40</sup> *Ibidem*, V, XI, 2

<sup>41</sup> R.A., *Le rotonde delle Terme pompeiane*, Roma, 1954

<sup>42</sup> V, X, 5

logo no início, Vitruvius ao referir-se às instalações para banhos utiliza apenas a expressão *balnea*, não aparecendo a palavra *thermae* em nenhum dos livros do seu tratado.

Parece não haver uma distinção nítida entre *balnea* e *thermae*. Para Russell Meiggs<sup>49</sup> a diferença é, sobretudo, uma questão de escala, das possíveis condicionantes espaciais com que o arquitecto teve que se defrontar, sendo os *balnea*, provavelmente, resultado da iniciativa privada, razão pela qual são conhecidos, grande parte das vezes, pelo nome de particulares. " While *thermae* stand free and dominate the block in which they stand, the plan of *balnea* is largely dictated by the size and shape of the building plot available. They are often built in the middle of blocks and usually enclosed on at least two sides by other buildings."<sup>50</sup>

O mesmo critério quanto à origem da iniciativa da construção e à escala do edifício parece ser seguido por Macdonald, " *Balnea*, smaller, privately owned establishments, did not have the duplicate facilities and large central halls of the much grander municipal or imperial *thermae* "<sup>51</sup>, que nos fornece, no entanto, outro elemento de diferenciação - a *assimetria* dos primeiros- por oposição aos grandes programas das termas imperiais. No entanto, este critério não é absolutamente rígido pois admite algumas excepções - edifícios de menor porte, com composição perfeitamente simétrica como, por exemplo, as *Termas da Caça* em Leptis Magna, ou grandes edifícios com composição irregular, como os *Banhos de Faustina* em Mileto.

---

FRONTINO, IX, 98  
 PLÍNIO, Hist.Nat., XXXVI, 104,121  
 DIO CASS., XLIX, 43 e LIII, 27  
 FOUILLES, I, p.185

<sup>49</sup> *Roman Ostia*, Oxford, 1973, p. 416

<sup>50</sup> *Ibidem*

<sup>51</sup> *Op.cit.*, p. 215

já as alterações introduzidas pelo programa termal romano ), sistemas de aquecimento comuns aos dois sexos, como preconiza Vitruvius <sup>47</sup>. As instalações masculinas apresentam, também nos dois casos, um *frigidarium* de reduzidas dimensões, de forma circular e rodeado de quatro nichos, bem como um *caldarium* rematado por uma ábside.

Características completamente diferentes teriam as *Termas Centrais* (est. V, 5) cujo nome se deve à sua estratégica localização no cruzamento do *decumanus maximus* com o *cardo maximus* ), construídas após o sismo de 62 d.C., servindo os quarteirões orientais, de acordo com as exigências de uma forte burguesia urbana, agora já perfeitamente integrada no quadro da sociedade romana. Ocupando um quarteirão onde antes do grande sismo se situava uma *insula* , possuía, tal como os dois estabelecimentos atrás referidos, um pátio porticado em três dos seus lados, para o qual se abriam as principais salas. Com um *apodyterium* servido por duas entradas, o *caldarium* constituía a sala melhor aquecida e a mais iluminada. Sem *frigidarium* , estava prevista , no entanto, uma piscina de grandes dimensões, não se tendo concluído o edifício em virtude da erupção do Vesúvio que, em 79 d.C., soterrou toda a cidade.

A arquitectura termal tem, com Agrippa, grande implementação, através, da construção de numerosos banhos públicos, em especial os *balnea* construídos entre 25 e 19 a.C. que, conjuntamente com o *Poseidon* e o *Panteão* (este datado de 19 a.C. ) constituíram as primeiras instalações a que foi aplicada a designação de ***Thermae*** <sup>48</sup>. Com efeito, e como vimos

---

<sup>47</sup> VITRUV, V, X, 1

<sup>48</sup> CREMA, Luigi, *op.cit.*, op. 185.

características - *frigidarium* , *tepidarium* , e *caldarium* . Neste tipo verifica-se, ainda, a existência de um *frigidarium* ao ar livre, *natatio* . (est. **XIII**,16 a **XVI**,21 )

A classificação proposta por Ossat contempla apenas, a organização planimétrica, não entrando em conta com outro tipo de factores, como o número de salas, dimensões das mesmas, natureza das águas, etc., factores que estão já presentes na classificação que nos é proposta por Ward-Perkins <sup>54</sup>, também ela dividida em três grandes grupos :

- 1º tipo - Antecedente do edifício termal moderno , caracterizado pelo número e dimensões das piscinas, de acordo com as próprias características das águas ; inspirados nos modelos da Campânia a que, em breve, se juntariam influências regionais - Gália, Bath, Algeria
- 2º e 3º tipos - Derivam dos modelos itálicos, que só se desenvolveram a partir do séc. II d.C. Dividem-se em dois sub-grupos :
- a) Edifícios de tipologia semelhante à que Ossat definiu como *imperial* os quais, independentemente das dimensões e variações regionais que possam apresentar, derivam, directamente, dos modelos adoptados em Roma.
  - b) Edifícios de planta mais simples, cuja orgânica interna se sobrepõe à concepção volumétrica, e que constituem a maior parte dos estabelecimentos termais fora de Roma. Estes edifícios desenvolvem-se, quase sempre, segundo um esquema axial, com salas de pequenas

---

<sup>54</sup> *Architettura Romana* , Milano, 1979 , p. 125.

Nenhum outro tipo de edifício romano se caracterizou por tanta variedade de formas, em planta ou em alçado, como as *termas*, o que poderemos explicar pela necessidade que tiveram os seus arquitectos de articular espaços funcionais de diferentes naturezas e dimensões (est. IX,9 e X,10)

Segundo a classificação proposta por Angelis d'Ossat<sup>52</sup> podemos agrupar as instalações termais em três tipos, de acordo com a respectiva disposição planimétrica :

1 - Esquema termal simples, com as salas dispostas umas a seguir às outras - *apodyterium*, *frigidarium*, *tepidarium* e *caldarium*, que nos espaços mais complexos possui, ainda, um *laconicum* (situado sempre antes do *caldarium*), e uma *palestra*. Este esquema apresenta também uma variante, no qual as salas estão dispostas circularmente, o que, ao estabelecer um percurso obrigatório, o torna adequado aos estabelecimentos com grande número de utentes. A forma circular permite, ainda, uma maior flexibilidade e liberdade planimétricas. (est. XI, 11 a 13)

2 - Estabelecimento com instalações duplas (nomeadamente a *palestra*, que nas instalações masculinas é de maiores dimensões) que, seguindo o *preceito vitruviano*<sup>53</sup>, permite o banho separado dos dois sexos. Por vezes, verifica-se a existência de um *caldarium* comum e, mais raramente, o *frigidarium* ou mesmo o *tepidarium*. Este esquema é, também, aquele que se verifica nos *banhos muçulmanos*. (est. XII, 14 e 15)

3 - Esquema das *grandes termas imperiais*, com amplas e complexas salas numa composição simétrica, segundo o eixo formado pelas três salas

---

<sup>52</sup> *Op.cit.*, p.10

<sup>53</sup> V, X, 1.

arquitectura imperial. Até Nero (54-68), o modelo pompeiano não deverá ter sofrido grande evolução tipológica, embora as dimensões e a riqueza decorativa devam ter tido já outra escala.

Além dos desenhos que nos deixaram Palladium e Sangallo, nenhum vestígio chegou até nós, quer das *Termas de Nero*, quer das *Termas de Tito*, estas últimas construídas junto da *Domus Aurea* (est. **XVII**, 22)

As *Termas de Nero*, construídas no *Campo Marcio* entre 62 e 62 d.C. (e que seriam posteriormente renovadas por Alexandre Severo, entre 222 e 227), continuariam a tradição dos jardins de Agrippa apresentando, no entanto, uma importante alteração - os jardins estão já integrados nos seus peristilos. No projecto inicial parece ter existido um ginásio grego, com dimensões aproximadas dos ginásios de Priene e de Epidauro (32m x 36m), tal como viria a suceder, também, nas *Termas de Tito*.

Apesar dos desenhos atrás referidos, é-nos completamente impossível distinguir, hoje, as campanhas de obras dos diferentes períodos.

Alterações tipológicas importantes foram introduzidas pelas *Termas de Tito* (est. **XVIII**, 23), construídas nos jardins da *Domus Aurea*; iniciadas por Vespasiano (69-79), tendo sofrido alterações no reinado de Domiciano (81-96), a sua planimetria é conhecida em virtude dos desenhos que, também delas, nos deixou Palladio. A norte, *frigidarium* coberto por três abóbodas e, a sul, saliente do pátio, o *caldarium* formado por duas salas, atrás do qual se situam duas palestras.

A organização espacial procurada nas *Termas de Tito*, seria adoptada, também, nas termas que Trajano (98-117) (est. **XIX**, 24) mandou construir

dimensões, rematadas por ábside e dispostas transversalmente.

A proposta de classificação de Ward-Perkins aproxima-se bastante dos critérios utilizados por MacDonald na definição e diferenciação de *balnea* e *thermae*<sup>55</sup>, e por nós já anteriormente enunciados. Embora a sua interpretação e consequente classificação não possam ficar limitadas a estes parâmetros, mas deva contemplar, também, as relações entre os diferentes elementos que as compõem, bem como a sua importância na malha urbana, parece-nos ser esta a classificação mais correcta, pois, como já vimos, entra em conta com uma série de factores, não se limitando a uma classificação meramente planimétrica.

As *Termas de Agrippa*, construídas de 33 a 25 a.C., seriam destruídas pelo incêndio de 80 d.C., e posteriormente reconstruídas por Adriano, de acordo com a planta que nos mostra a *Forma Urbis Severiana*. Apesar de o seu programa integrar o *ginásio* (o que não é inteiramente novo, se pensarmos nas *Thermae Stabianae* e nas *Termas do Forum* em Pompeia) este está ainda arquitectónicamente separado dos banhos. Novidade constituiria a introdução de um jardim que, apesar de não estar limitado pelos seus muros, se estendia ao longo da piscina.<sup>56</sup>

A tipologia ensaiada nas *Termas de Agrippa* que, durante meio século, até à construção das *Termas de Nero* seriam as únicas termas de Roma, estaria, ainda, bastante longe de atingir a sua plena maturidade, o que só se verificaria a partir do séc. I d.C., com as soluções introduzidas pela

---

<sup>55</sup> *Op.cit.*, p. 216.

<sup>56</sup> GRIMAL, Pierre, *op.cit.*, p.190

determinante ( tema que mais tarde retomaremos ), em especial na arquitectura termal.

*Villa Adriana* representa a exploração máxima das possibilidades de geometria interna e externa da arquitectura romana. Os dois edifícios termais designados, respectivamente, por *Termas Maiores* e *Termas Menores* (est. **XX,25** a **XXI,28** ) situam-se entre o *Canopo* e o *Pecile* , e apresentam algumas diferenças na sua concepção. A complexidade formal das *Termas Menores* , construídas entre 123 e 125, dez anos antes das *Termas Maiores* (que apresentam um plano mais regular do que as primeiras) , levou mesmo alguns autores <sup>57</sup> a considerarem a hipótese da sua planimetria resultar da intervenção directa do imperador (que aqui deve ter tido os seus banhos privados ) , em virtude do seu conhecido espírito diletante "On the one hand he was a brilliant dilettante, and on the other, in virtue of his position, **an active participant in the planning of state programs and probably in the decisions governing the designs of particular buildings** as well" <sup>58</sup> .

A mesma complexidade planimétrica pode ser observada nas *Termas do Forum* de Ostia (est. **XXII,29** ), construídas no reinado de Antonino Pio (138-161), em especial nas salas aquecidas, que dispostas em série e abertas sobre uma palestra triangular, apresentam uma grande diversidade de formas.

Embora esgotadas as possibilidades planimétricas durante o séc II, como já vimos, seria só no séc. III, com os Severos, que a arquitectura termal romana atingiria o máximo da expressividade, conseguida através do forte

---

<sup>57</sup> SEAR, Frank, *op.cit.*, p. 179

<sup>58</sup> MACDONALD, *op.cit.*, vol.I, p.136

entre 104 e 109 d.C., sobre o local da *Domus Aurea*, . Com uma área (9 ha) aproximadamente três vezes maior que as primeiras, o edifício termal ocupa apenas parte do recinto norte. A fachada principal situava-se a nordeste, sendo as salas termais contornadas, a noroeste, sudoeste e sudeste, por amplo terraço, que poderá ter incluído alguns jardins . Da sua comparação com os edifícios anteriores, podemos constatar a existência de algumas inovações - ampla *natatio* a norte do *frigidarium*, e a localização deste no centro do edifício, no cruzamento dos dois eixos principais, o que o torna o ponto fulcral de todo o conjunto. Outra inovação importante é, também, a abertura de janelas ao longo da fachada sul.

As *Termas de Trajano* marcam uma etapa importante na arquitectura termal romana, pois o seu programa (cuja autoria é atribuída a Apollodoro) denuncia já a fusão entre os *banhos* e o *ginásio*, atingindo aqui o *tipo imperial* plena maturidade, preconizando, ainda que de uma forma bastante incompleta, a solução adoptada nas *Termas de Caracalla* e nas de *Diocleciano* - separação completa do edifício do espaço circundante.

Com Adriano (117-138), a arquitectura atingiria um novo estágio de desenvolvimento, simbolizado nos exemplos do *Panteão* e de *Villa Adriana*, ou nas transformações efectuadas na cidade de Ostia, para citarmos apenas a esfera de influência directa da capital do Império . Com efeito, desde a construção da *Domus Aurea*, que os arquitectos romanos vinham já a ensaiar uma complexa articulação de espaços, na qual a planta centralizada e as soluções preconizadas para a sua cobertura (através de diferentes tipologias de abóbodas) assumir-se-iam como elemento

semicirculares, numa composição pouco vulgar neste tipo de edifícios, só comum na arquitectura dos teatros. O *caldarium*, de configuração regular, é rematado por uma ábside, em cada um dos seus lados. A configuração do seu *frigidarium* levaria a que, no séc. XVI, Miguel Ângelo o transformasse na *Basílica de Santa Maria degli Angeli*, o que viria a ser, de novo, alterado por Vanvitelli em 1749, com a construção de um *coro* na *natatio*, mudando a orientação à Basílica, e transformando a *nave central* em *transepto*.

As últimas grandes realizações termiais romanas dar-se-iam no séc. IV com a construção das *Termas de Trier* (est. **XXVII**,37 e 38), e as de Constantino(306-337) no Quirinal, em Roma (destruídas no séc. XVI para no seu lugar ser construído o *Palácio Rospigliosi*<sup>60</sup>), cuja planimetria nos chegou, à semelhança de muitos outros casos, pelos desenhos dos artistas do Renascimento. Do *frigidarium*, rematado por duas salas abobadadas, passava-se ao *tepidarium*, de configuração quadrilobada, e deste ao *caldarium*, que tal como nas *Termas de Caracalla* era circular e saliente do resto do corpo do edifício. A articulação destes espaços produziria uma complexa volumetria, característica deste período, numa composição que anuncia já a das cabeceiras das igrejas românicas.

As mesmas características podem ser observadas, também, na arquitectura religiosa e doméstica deste período. A *basílica* que Maxêncio mandou construir em 306, pouco oferece em comum com as basílicas tradicionais,

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 592

efeito cenográfico, produzido por uma complicada articulação de paredes e espaços. Demonstram-no as soluções encontradas nas *Termas de Thenae*, que combinam uma multiplicidade de ambientes, numa organização semelhante à das termas representadas no invulgar mosaico do *Museu Capitolino* (est. **XXVIII**,39 e 40), ou nas *Termas Antoninas* (ou de Caracalla, est.**XXIII**,30 e 31 e **XXVI**,35 e 36 ) e nas *Termas de Diocleciano* (est.**XXIV**,32 a **XXV**,34), nas quais o edifício termal, (como já referimos a propósito das Termas de Trajano) se separa completamente do espaço circundante. Nas primeiras, iniciadas por Septímio Severo (193-211), continuadas por Caracalla (211-217) em 216, e terminadas por Alexandre Severo (222-235), o edifício termal propriamente dito, é constituído por um espaço rectangular de 210m x 110m <sup>59</sup>, de que sobressai um *caldarium* circular rematado por cúpula, no qual se abrem, na parte superior, quatro grandes janelas. Os *apodyteria* estão reduzidos e integrados noutros ambientes ; o espaço que nos exemplos anteriores era porticado é aqui ocupado por uma enorme *natatio* ,separada do *frigidarium* por dois nichos, sendo o seu efeito cenográfico acentuado pelas duas colunatas que o rematam.

Composição semelhante tinham as *Termas de Diocleciano* , variando, no entanto, as proporções do *caldarium* , *frigidarium* e da *natatio* . Esta tem aqui uma dimensão três vezes superior à das *Termas de Caracalla* , sendo rematada, a nordeste, por uma parede de 100 metros de comprimento, por trinta e dois de altura, na qual três nichos rectilíneos alternam com dois

---

<sup>59</sup> CREMA, Luigi, *op.cit.*, p.532

O sistema de aquecimento dos banhos romanos era feito através do emprego de fornos de lenha ( *praefurnia* ) situados no subsolo ,na parte mais central do edifício, por razões de economia de trabalho e de materiais. Pelas mesmas razões, nas casas particulares o balneário situava-se junto da área de serviço como se pode ver, por exemplo, na *Villa de Diomedes* em Pompeia, na qual o *praefurnium* se situa na parede do fundo da própria cozinha <sup>62</sup> . Sobre o *praefurnium* , e de acordo com a descrição vitruviana <sup>63</sup>, ficariam três caldeiras de tal modo que o fluxo que saía da de água quente fosse substituído por igual quantidade de água tépida, e esta por igual fluxo de água fria (est. **XXIX**,41 a **XXXIII**,46). Estas caldeiras, de bronze ou de chumbo com fundo em bronze, deveriam ser incrustadas em argamassa, de modo a desperdiçar o mínimo de calor, devendo ainda os *alvei* ser aquecidos pelo mesmo fogo. Por vezes, como sucede também em Pompeia, nas *Termae Stabianae* , o aquecimento da água era feito directamente nas piscinas, para o que dispunham de uma lâmina de alumínio sob o fundo das mesmas <sup>64</sup>.

Embora Plínio -o-Velho <sup>65</sup> atribua a invenção do sistema de aquecimento através de *hipocaustum* (*balinae pensiles*) a Sergius Orata, no séc. I a.C., vimos já que os banhos quentes eram conhecidos na Grécia, pelo menos desde o início do séc. III a.C.

O sistema consiste na circulação, sob o pavimento das salas e ao longo das paredes, de calor resultante da combustão de madeira ou outro

---

<sup>62</sup> ADAM, Jean-Pierre, *op.cit.*, p. 290

<sup>63</sup> V, X, 1 " Aenea supra hypocaustum tria sunt componenda, unum caldarium, alterum tepidarium, tertium frigidarium, et ita collocanda, uti, ex tepidario in caldarium quantum aquae calda exierit, influat de frigidario in tepidarium ad eundem modum, testudinesque alveolorum ex communi hypocausti calfaciantur "

<sup>64</sup> OSSAT, *op.cit.*, p. 38

<sup>65</sup> Hist. Nat., IX, 168

mas a sua organização parece ter seguido de perto as soluções adoptadas para os *frigidaria* (est. LX,97 e 98).

A modelação espacial conseguida, dois séculos antes, pelo arquitecto de Adriano na sua *Villa* no Tivoli (em especial na *Piazza d'Oro* ), atingia nas Termas da *Villa del Casale* (est. LXI,99 ) a sua máxima expressão. *Frigidarium* ,*tepidarium* e *caldarium* alinham-se, simétricamente, segundo o mesmo princípio de composição axial e planimétrica, observado nos outros edifícios termais de tipo imperial ; a inovação consiste, porém, na autonomia apresentada por cada um deles, ao assumirem-se quase como construções independentes e, acentuando, conseqüentemente, os espaços de passagem.

#### *Principais técnicas e materiais construtivos*

O grande desenvolvimento que a arquitectura termal romana atingiu não teria sido possível se não tivesse sido acompanhado por igual desenvolvimento das técnicas construtivas " **Engineering is rarely architecture, however relevant new materials and methods of construction are to the formation of a style. In the case of imperial architecture, structural technics were the mechanical servants of a new imagery** " <sup>61</sup>. Só através do uso do *opus caementicium* seria possível aos arquitectos romanos encontrar um paralelo em volumetria, através da modelação das paredes e das soluções utilizadas nas coberturas, para as experiências ensaiadas em planimetria.

---

<sup>61</sup> MACDONALD, *op.cit.*, vol. I, p. 5

pés de altura <sup>71</sup> . Outra variante não menos curiosa é a construção, no subsolo, de canais cimentados, como foi utilizado no estabelecimento termal de Fontaines Salées <sup>72</sup> ou em Silchester em Inglaterra <sup>73</sup> .

A difusão de calor no subsolo seria complementada por um sistema de difusão nas próprias paredes, através do uso de elementos (*concamerationes* ) que tinham também, por função a conservação das paredes secas e a exaustão de gases e fumos. Embora seja difícil, hoje, a sua distinção, as condutas para aquecimento estabeleciam um circuito fechado, enquanto as destinadas à supressão dos gases estavam em comunicação com o exterior, não através do telhado mas das paredes laterais. (est. **XXXVI**,51 e 52 e **XXXVII**,53) . Vitruvius é omissos quanto a este sistema, referindo-se apenas à construção de abóbodas duplas de modo a evitar as infiltrações de humidade nos tectos <sup>74</sup>, apesar deste sistema ser já conhecido, embora com uma função diferente, na eliminação de humidade das paredes, conforme ele nos descreve também <sup>75</sup> (est. **XXXVII**,54 a **XXXIX**,58) . Entre as diversas formas que as *concamerationes* podem ter,

---

<sup>71</sup> *Ibidem*

<sup>72</sup> GRENIER, A. *Albert, Manuel d'Archéologie Gallo-Romaine* , 4º parte, 1960, p.232.  
HESPANHA, Maria Cândida, *op.cit.*, p. 43

<sup>73</sup> OSSAT, G., *op.cit.*, p. 43

<sup>74</sup> VITRUVIUS, V, X, 3

<sup>75</sup> VITRUVIUS, VII, IV, 1 e 2 " Sin autem aliqui paries perpetuos habuerit umores, paululum ab eo recedatur et struatur alter tenuis distans ab eo, quantum res patietur, et inter duos parietes canalis ducatur inferior, quam libramentum conclavis fuerit, habens nares ad locum patentem. Item, cum in altitudinem perstrictus fuerit, relinquuntur spiramenta ; si enim non per nares umor et in imo et in summo habuerit exitus, non minus in nova structura se dissipabit. His perfectis paries testa trulissetur et dirigatur et tunc tectorio spoliatur.

Sin autem locus non patietur structuram fieri, canales fiant et nares exeant ad locum patentem. Deinde tegulae bipedalis ex una parte supra marginem canalis inponantur, ex altera parte besalibus pilae substruantur, in quibus duarum tegularum anguli sedere possint, et ita a pariete eae distent, ut ne plus pateant palmum. Deinde insuper erectae **hamatae tegulae** ab imo ad summum ad parietem figantur, quarum interiores partes curiosius picentur, ut ab se respuant liquorem , item in imo et in summo supra camaram habeant spiramenta "

combustível (por vezes palha, quando aquela faltava ), combustão essa que se fazia no já citado *praefurnium* , circulando o ar quente deste para o *hipocaustum* , sobre o qual se situavam as salas a aquecer. Da construção dos hipocaustum fala-nos, também, Vitrúvio <sup>66</sup> " **Suspensurae** caldariorum ita sunt faciendae, ut primum **sesquipedalibus tegulis** solum sternatur inclinatum ad hypocaustum, uti pila cum mittatur, non possit intro resistere, sed rursus redeat ad praefurnium ipsa per se ; ita flamma facilius pervagabitur sub suspensione. Supraque **laterculis besalibus** pilae struantur ita dispositae, uti **bipedalis tegulae** possint supra esse collocatae ; altitudinem autem pilae habeant pedes duo. Eaeque struantur argilla cum capillo subacta, supraque conlocentur tegulae bipedalis quae sustineant pavimentum" (est. **XXXIV,47** a **XXXV,50**). Os escritores tardios, bem como os do Renascimento, juntaram alguns detalhes e medidas não mencionados por Vitrúvio. Faventino <sup>67</sup>, apesar de seguir o preceito do arquitecto romano quanto à construção do *hipocaustum* recomenda que nos banhos públicos os pilares tenham três pés de altura <sup>68</sup>, enquanto que para Palladio o chão do *praefurnium* deveria ser revestido com *lateres* de dois pés de altura <sup>69</sup>.

A construção da *suspensura* podia ser feita com diversos tipos de *lateres* para além daqueles referidos por Vitrúvio, como os de forma circular utilizados na Itália setentrional, ou os de forma octogonal das *Termas de Fiesole* <sup>70</sup>. Um melhor resultado na difusão do calor podia ainda ser obtido através da sua substituição por tijolos perfurados de aproximadamente dois

---

<sup>66</sup> V, X, 2

<sup>67</sup> *Liber artis architectonicae* , XVI

<sup>68</sup> PLOMMER, Hugh, *Vitruvius and later roman building manuals* ,Cambridge University Press, 1973, p. 15

<sup>69</sup> *Ibidem* , p. 16

<sup>70</sup> OSSAT, *op.cit.* , p. 42

Embora este sistema de aquecimento pareça ter sido utilizado, nos países do sul da Europa , apenas nas construções termiais , nas regiões de clima mais frio ele foi também utilizado no aquecimento de outras dependências das *domus*" .

As grandes inovações nos sistemas de aquecimento por *hypocaustum* verificadas na arquitectura termal , seriam acompanhadas por outras que se estendiam a toda a arquitectura, nomeadamente na cobertura de edifícios, dando origem a uma maior liberdade arquitectónica. A uma arquitectura tradicionalmente arquivada, seria adoptado, preferencialmente, o uso sistemático da abóboda , sobretudo a partir do reinado de Nero(54-68), nas soluções que os arquitectos romanos vinham a procurar depois da construção das *Domus Aurea* . " Roofed by high concave surfaces, these new interiors expressed an architectonic vitality, a kind of kinetic presence, unknown in the static world of flat-roofed rooms of rectangular plan "80.

De um modo geral , podemos dividir os espaços abobadados em duas categorias : na primeira, incluiríamos os edifícios de carácter mais utilitário, como os *criptopórticos* , *insulae* ou certos edifícios comerciais de menores dimensões, nos quais as coberturas se formam pela repetição de um mesmo elemento abobadado ; na segunda incluiríamos as construções de complexa articulação de volumes e formas, como as *termas*.

A grande variedade de formas encontrada nos edifícios termiais, implicaria uma diferença volumétrica na sua cobertura, resultante das diversas alturas exigidas pelas proporções das suas salas, e pela necessidade de

---

<sup>80</sup> MACDONALD, *op.cit.* , vol. I, p. 43

as mais divulgadas são as *tegulae mammatae* ( ou *hammatae* ) e os *tubuli* (est. **XXXVIII**,56 e 57). As primeiras consistem em telhas quadradas ou rectangulares, de dimensões variáveis munidas de quatro ou cinco saliências perfuradas <sup>76</sup> (de que lhe advém o nome ) tendo sido verificado o seu uso, como material isolador de humidades, na casa do *Fauno* em Pompeia, bem como na de *Lívia* e na *Domus Tiberiana* <sup>77</sup>. Um maior aproveitamento da circulação de ar quente terá levado ao aperfeiçoamento deste sistema e, como tal, terá originado a invenção dos *tubuli* , canalizações de cerâmica de secção rectangular,também estes de dimensões variáveis <sup>78</sup>, dispostos ao longo das paredes sobre a extremidade da primeira camada de *bipedalis* que cobria a *suspensura*. A sua invenção parece datar do séc. I d.C., uma vez que em Pompeia a sua utilização só se verifica no *caldarium* masculino das *Termae Stabianae* , refeito na campanha de obras de 62, bem como em todas as *Termae Centrais* , que se encontravam em construção quando da erupção do Vesúvio, em 79 <sup>79</sup>. A sua invenção no séc. I parece ser confirmada, ainda, pelo facto de a eles não fazer referência Vitruvius no seu tratado.

Um maior aproveitamento do calor era também obtido pela circulação de ar quente sob os pavimentos, através da utilização de *tegulae* curvas na sua construção (est. **XL**, 59 e 60).

---

<sup>76</sup> OSSAT regista alguns valores que nas rectangulares são de 12 cm x 51 cm e 36 cm x 46cm , e nas quadradas de lados iguais a 36cm e 47 cm respectivamente ; quanto á espessura das suas saliências, os valores variam entre 7 e 10 cm ( *op.cit.*, p. 46 e 47). Nas *Termae Stabianae* as suas dimensões parecem ter sido de 53 cm para as de formato quadrado e de 12 cm x 51,6 para as rectangulares, tendo as suas saliências a medida de 5 e 3,5 cm , respectivamente ( ADAM,*op.cit.* , p. 292.)

<sup>77</sup> ADAM, *op.cit.*, p. 292.

<sup>78</sup> Segundo Jean Pierre Adam, de 8,5 cm x 13 cm e 14 cm x 24 cm ( *op.cit.*, p. 292)

<sup>79</sup> Adam, *op.cit.*, p. 293

confirmada pelo levantamento efectuado por Brigitte Tamm que, entre o séc. I a.C. e o séc. I d.C., catalogou vinte e sete salas abobadadas <sup>85</sup>

A necessidade de aligeirar as abóbodas começou com a construção da Domus Aurea ou com o *Templo de Mercúrio* em Baia, mas far-se-á sentir mais no *período flávio*, notando-se já o uso de materiais aligeirados (tufo poroso) nos três ninfeus do piso inferior da *Domus Augustana* ou, mais tarde, na sala termal do chamado *Templo de Diana* em Baia <sup>86</sup>. A maior revolução dar-se-ia, no entanto, na *Villa Adriana* na qual, segundo Lugli <sup>87</sup> "noi troviamo, o in embrione o del tutto sviluppate, **quasi tutte le forme di volte che i romani useranno poi nei secoli seguenti** e che gli architetti bizantini condurranno alla massima perfezione".

Destas salientamos não só as utilizadas na *Piazza d'Oro* e nas *Termas Maiores*, mas sobretudo as das *Termas Menores* cuja complexidade nos é descrita por Ossat <sup>88</sup>, da seguinte forma " La piú bizarra conformazione di cupola negli edifici termali è fornita da quella esistente alle piccole terme di Villa Adriana, la quale - per poggiare su una insolita pianta lobata - **presenta delle superfici ad andamento convesso, che costituiscono un paradosso statico**; per la bontá dei materiali impiegati, la cupola, benchè in parte crollata, sussiste ancora a mostrare la sua strana e quasi irreal conformazione".

Contemporâneo de *Villa Adriana* é o *Panteão* no qual se denota já o domínio perfeito da construção de cúpulas ( que aqui apresenta um diâmetro de 43,20 m). A solução encontrada para a descarga do seu peso

<sup>85</sup> PICARD, G., *Empire Romain*, Fribourg, 1965, p. 105

<sup>86</sup> LUGLI, *op.cit.*, p. 665

<sup>87</sup> *Ibidem*

<sup>88</sup> *Op.cit.*, p. 25

iluminação das mesmas "L'aspetto esterno della architettura delle terme, specie delle maggiore, si presta ad interessanti rilievi. Innanzi tutto il movimento delle masse, pur equilibrato intorno a elementi basilari., presenta un aspetto piacevolmente variato e particolarmente mosso ; **il gioco dei volumi costruttivi risponde però puntualmente allo sviluppo ed alla funzione organica degli ambienti interni** " <sup>81</sup>.

Esta modelação de espaço só seria possível, como atrás referimos, através do uso do *opus caementicium* . O mundo pré-romano conhecia já o uso de argamassa, constituída por partes iguais de água, areia e cal. No séc. II a.C. o uso da *pozzolana* melhoraria substancialmente a sua consistência, numa mistura cujas características e proporções dos seus materiais nos é descrita por Vitruvius <sup>82</sup>. O seu uso implicaria a substituição progressiva da pedra, mesmo na construção das próprias abóbodas que durante a República e o início do Império eram geralmente construídas com blocos de dimensões consideráveis, dispostos radialmente.

O uso de tectos não planos e a respectiva técnica de construção é também recomendado por Vitruvius, quer se trate do *laconicum* <sup>83</sup> ou das salas destinadas ao *tepidarium* e ao *caldarium* <sup>84</sup>, e a sua adopção

<sup>81</sup> OSSAT, *op.cit.*, p. 27

<sup>82</sup> VITRUVIUS, II, VI " Est etiam genus pulveris, quod efficit naturaliter res admirandas. Nascitur in regionibus Baianis in agris municipiorum, quae sunt circa Vesuvium montem. Quod conmixtum cum calce et caemento non modo ceteris aedificiis praestat firmitates, sed etiam moles cum struuntur in mari, sub aqua solidescunt. "

<sup>83</sup> V, XI, 2

<sup>84</sup> VITRUVIUS; V, X, 3 " Concamerationes vero si ex structura factae fuerint, figlinum opus subiciatur. Sed hoc ita erit faciendum. Regulae ferreae aut arcus fiant, eaeque uncinis ferreis ad contignationem suspendantur quam creberrimis, eaeque regulae sive arcus ita disponantur, uti tegulae sine marginibus sedere in duabus invehique possint, et ita totae concamerationes in ferro nitentes sint perfectae. Earumque camararum superiora coagmenta ex argilla cum capillo subacta liniuntur; inferior autem pars, quae ad pavementum spectat, primum testa cum calce trullizetur, deinde opere albario sive tectorio poliatur. Eaeque camarae in caldariis si duplices factae fuerint, meliorem habebunt usum; non enim a vapore umor corrumpere poterit materiem contignationis, sed inter duas camaras vagabitur.

Em África, o seu uso está duplamente justificado pela inexistência de materiais vulcânicos, tendo assumido um papel preponderante na construção de abóbodas de aresta, como ainda podemos ver em Bulla Regia, nas *Grandes Termas*, ou nas *Casas da Caça* e de *Anfitrite* <sup>95</sup>.

Apesar das soluções encontradas para a construção das abóbodas aligeiradas permitirem a abertura de vãos de maiores dimensões, a iluminação destes espaços continuaria a constituir, ainda, um problema com que se debatiam os arquitectos, o que foi parcialmente resolvido através da abertura de amplas janelas na própria abóboda, como no ninfeu do *Templo de Minerva Médica* em Roma<sup>96</sup> ou de *oculi* no topo das mesmas (*Panteão*, *Domus Aurea*, *Domus Augustana*, *Piazza d'Oro*, entre outros), cuja construção se fazia com lateres dispostos verticalmente ou com ligeira inclinação <sup>97</sup> (est. **XLIII**,66 e 67) podendo ser fechados por um sistema também ele descrito por Vitrúvio <sup>98</sup> " **Mediumque lumen in hemisphaerio relinquatur, ex eoque clypeom aeneum catenis pendeat, per cuius reductiones et dimissiones perficietur sudationis temperatura** ".

#### *Planta centralizada : modelação e simbologia do espaço*

A planta centralizada, em especial a de forma circular, era já utilizada na Grécia e mesmo na Península Itálica, como o demonstram, por exemplo, os estabelecimentos de Gela e os *frigidaria* das *Termae Stabianae* e das *Ter-*

<sup>95</sup> LÉZINE, *op.cit.*, p. 173 e 174

<sup>96</sup> LUGLI, *op.cit.*, p. 675

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 674

<sup>98</sup> VITRUV, V, X, 5

implicou que a mesma se fizesse em pontos determinados e que, simultâneamente, fossem introduzidos materiais aligeirados, como rocha vulcânica e arcos de *bipedalis* e *semilateres*, alternados com *opus caementicium*, sistema que parece ter sido usado pela primeira vez no *Anfiteatro Flávio*<sup>89</sup>, e já recomendado por Vitrúvio<sup>90</sup>. Além de utilizados em fiadas simples, a uma distância certa, os arcos de *lateres* podiam também ser dispostos formando um reticulado, dando origem à *abóboda de caixotões*. Outros tipos de abóbodas podiam ainda ser feitos, de acordo com a diversidade e disposição dos *lateres* empregues (est **XLI**,61 a **XLII**,65), como as *abóbodas de nervura* feitas com *bessalis*, que precede, de certa forma, a construção de abóbodas góticas, como podemos ver, por exemplo, nas *Termas de Diocleciano*<sup>91</sup>.

Quando não era possível o uso de materiais especiais, o aligeiramento de abóbodas era feito através de vazios de forma triangular, ou através do uso de anforas ou fusos cerâmicos, por vezes de formato igual aos usados no abastecimento e drenagem da águas (est. **XLIV**,68 a **XLV**,71). Lézine<sup>92</sup> situa a sua origem em África, no séc. II, constituindo a transposição romana de um preceito de construção púnico, embora este sistema pareça já ter sido utilizado em Pompeia nas *Termae Stabianae*<sup>93</sup>, vindo a conhecer uma grande implementação em todo o Baixo Império e início da Idade Média, nomeadamente na *Basílica de San Vitale*, em Ravenna<sup>94</sup>.

---

<sup>89</sup> LUGLI, *op.cit.*, p.668

<sup>90</sup> VITRUV, II, II, 3 e II, VI, 6

<sup>91</sup> LUGLI, *op.cit.*, p. 668

<sup>92</sup> LÉZINE, A, "Les voutes romaines a tubes emboités et les croisées d'ogives de Bulla-Regia", in *Karthago*, nº 5, 1954, p. 169

<sup>93</sup> LUGLI, *op. cit.*, p. 671

<sup>94</sup> *Ibidem*

75), sobre os escombros da *Domus Transitoria*, ao que anexaria, ainda, outros espaços, reforçando a tese dos que viram nele o presumível autor desse mesmo fogo (est. XLVIII).

O projecto, atribuído a Severo e a Celere <sup>103</sup>, além de implicar complexos trabalhos hidráulicos, como o assoreamento do canal navegável que, partindo do Lago Avernus vinha desaguar no Tibre, assumir-se-ia, também, como plano director de uma série de medidas urbanas, especialmente no que diz respeito aos bairros circundantes do palácio - regularização do traçado, abertura de praças e outros espaços livres, construção de pórticos em frente às habitações privadas (*domus*) ou colectivas (*insulae*) de modo a combater os incêndios. Esta campanha de reconstrução daria origem, ainda, à programação de um trabalho e técnicas divididos por sectores e especialidades, à semelhança do que hoje podemos encontrar na construção " The new buildings were constructed of materials whose assembly, preparation, and use could be readily subdivided for convenient processing and application by organized gangs ; **the rise of the great guilds of suppliers and builders began during this period** " <sup>104</sup>.

As soluções mais interessantes de todo o palácio encontram-se, sem dúvida, na ala sul, situada sobre o Esquilino. Severo organizou os espaços em torno de um pátio pentagonal irregular, que tem sido entendido por muitos historiadores como metade de um octógono, forma que se repetiria, em menor escala, na sala mais conhecida de todo o conjunto. Coberta por uma cúpula, cinco dos seus lados dão para salas dispostas radialmente, cuja

---

<sup>103</sup> TACIT, *op.cit.*

<sup>104</sup> MACDONALD, *op.cit.*, vol. I, p. 30

*mas do Forum* em Pompeia, " **probably partly because circles promote the social proximity fundamental to the ancient concept of bathing** " <sup>99</sup>. A sua remota origem é, também, testemunhada por Alberti <sup>100</sup>, ainda que ligada à lendária figura de Dédalo "Daedalus in his Time was greatly esteemed **for having made the Selinuntians a Vault, which gathered so warm and kindly a Vapour, as provoked a plentiful Sweat**, and thereby cured their Distempers with great Ease and Pleasure". No entanto a sua evolução planimétrica só se daria, verdadeiramente, a partir do reinado de Nero (54-62), tímidamente ensaiada na *Domus Transítoria*, e plenamente assumida na *Domus Aurea*, ainda que muito distante das soluções encontradas durante o século II. Permitindo, pelas suas características <sup>101</sup>, a ligação de espaços de naturezas diferentes, a sua adopção em larga escala fica, assim, plenamente justificada, nos espaços de maior complexidade, em especial na *arquitectura termal*.

O grande fogo que na noite de 18 de Julho de 64 consumiria parte considerável da cidade de Roma <sup>102</sup> (a que não escapou sequer a residência imperial) constituiria, à semelhança de outros exemplos que nos têm sido dados ao longo da história sobre o papel paradoxal das grandes catástrofes, elemento fundamental de uma nova dinâmica urbana e, conseqüentemente, de um novo conceito de organização espacial. Aproveitando a necessidade de reconstrução de uma cidade devastada, Nero construiria um sumptuoso palácio, a *Domus Aurea* (est. XLVIII,74 e

<sup>99</sup> MACDONALD, *op.cit.*, vol. II, p. 213

<sup>100</sup> *The Architecture of Leon Batista Alberti... Translated into English by James Leoni Architect. London, MDCCLV*, Prefácio.

<sup>101</sup> Simultaneamente simbólicas e geométricas, que lhe são conferidas, em grande parte, pelas próprias definições de *circunferência* (lugar geométrico dos pontos equidistantes de um outro ponto chamado centro) e de *círculo* (limite da sucessão de polígonos de *n* lados, quando *n* tende para infinito)

<sup>102</sup> PLÍN., *Hist. Nat.*, 17, I, 5; DIO CAS., 62, 16-18; SUET., 38, I; TÁCIT., *Ann.*, 15,38-43

- características *euclidianas*, deixando em aberto a discussão sobre o papel do arquitecturo dentro da própria actividade científica, como se pode inferir da estreita ligação entre arquitectura e matemática, para não mencionarmos os diversos conhecimentos de que, segundo Vitrúvio, ele deve ser portador<sup>110</sup>.

Se a *Domus Aurea* pode ser considerada a principal base de experimentação da arquitectura mistilínea, o reinado de Domiciano (81-96) apresentaria, com a construção do palácio do imperador no Palatino, a consolidação dessas mesmas pesquisas. Composto por três partes articuladas entre si horizontal e verticalmente - *Domus Flávia* ou palácio oficial no piso superior, *Domus Augustana* ou residência privada situada no mesmo nível, mas que se estende também ao piso inferior, aberto para a terceira parte constituída pelo *estadio-hipódromo* (est. **XLIX**,76 a **L**,82). O palácio propriamente dito seria terminado em 92, enquanto que o *hipódromo*, entre 93 e 96. Contrariamente ao palácio de Nero, a residência imperial não era aqui rodeada de pórticos ou jardins, mas organizava-se num complexo sistema de peristilos, à volta dos quais se dispunham conjuntos de salas absidadas e poligonais, numa organização não menos complexa, mas com uma coerência formal inexistente no plano de Severo. A sua fachada sudeste denuncia bem a íntima relação entre o palácio, o Palatino e a cidade. Centralização e retórica do poder foram sábiamente materializadas por Rabírio, a quem é atribuída, também, a autoria do projecto das *Termas de Tito*, para além de muitas outras já no sec. II, o que se deve, sem dúvida, ao facto de muitas das construções atribuídas ao

---

<sup>110</sup> VITRUV, I, I, 1-5

altura é igual à do espaço central <sup>105</sup>, não obedecendo, como tal, ao preceito vitruviano no qual o diâmetro das abóbodas deverá ser igual à altura do edifício, até ao seu nascimento <sup>106</sup>. A iluminação fazia-se por aberturas situadas entre o extradorso da abóboda central e a parte superior das salas radiais. O facto de ter ficado por terminar, coloca-nos a hipótese de estarem inicialmente previstos mais compartimentos a sul, em vez de dar directamente para o pórtico.

As soluções arquitectónicas aqui postas em prática por Severo, cujo prestígio e capacidades foram largamente descritos por Tácito <sup>107</sup>, demonstram bem o papel preponderante que ele deve ter tido na arquitectura do seu tempo. **"It is possible that Severus stood in the same relationship to the architecture of the Roman Empire as Brunelleschi stood to that of the Renaissance "** <sup>108</sup>. Uma correcta interpretação da *Domus Aurea* só pode ser feita se a entendermos integrada na corte de um homem que, independentemente dos excessos registados pelos escritores romanos, representou dentro dos quadros culturais do seu tempo, uma corrente aberta à *inovação*, ainda que destinada ao culto da própria imagem. Sem esse culto pelo que é *novo*, não teriam sido dadas aos artistas do seu tempo as possibilidades e liberdade de criação que se verificaram a todos os níveis das artes e letras. Para Pierre Gros <sup>109</sup>, as soluções encontradas por Severo para a *Domus Aurea*, só podem ser explicadas pelo renovar de uma *corrente sofista* nos círculos próximos de Nero, vindo de parte, neste caso, um traçado de

---

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 38

<sup>106</sup> VITRUV, VI, III

<sup>107</sup> *Op.cit.*

<sup>108</sup> MACDONALD, *op.cit.*, vol. I, p. 44

<sup>109</sup> "Statut social et rôle culturel des architectes", Actes du Coloque Architecture et société, M.E.F.R., 1983

*Templo de Galluce* ? - est. **LVI**,91 e 92). Se, pela sua articulação espacial, a *Domus Augustana* constitui uma evolução em relação à *Domus Aurea*, uma nova etapa seria transposta pela arquitectura do reinado de Adriano na qual, na concepção dos espaços, as relações proporcionais são factores determinantes da própria planta - veja-se, por exemplo, o diagrama das diferentes proporções da *Piazza d'Oro* ou da sala octogonal das *Termas Menores* de *Villa Adriana* (est. **LIII**,85 a **LIV**,87) .

As mesmas características podem ser observadas em toda a arquitectura do séculos III e IV, em especial na *Villa* de *Piazza Armerina* (est. **LXI**,99), exemplo mais acabado das grandes sínteses produzidas pela arquitectura e pelo próprio urbanismo romano, como Macdonald <sup>115</sup> oportunamente observou " It can be shown to have had many urban affinities, and from these one might profitably work back to its predecessors. Built probably about 315-25, it is in my opinion a summary of Roman urban principles in villa form. I do not propose that it was consciously planned as a private town ( though it may have been ), but **its plans and dispositions are to me best explained as the results of adapting imperial town-making to private purposes on an ample scale** " .

Axialidade, simetria e espaços de formas *mistilíneas* tornaram-se os elementos geradores de toda a composição e arquitectura romanas. A unidade espacial era assegurada, volumetricamente, pelo uso de abóbodas sem ângulos (cuja única excepção é abóboda gerada por arcos abatidos), criando uma continuidade entre parede e cobertura. As salas cobertas por abóbodas representam uma nova concepção e vitalidade espaciais

---

<sup>115</sup> *Op.cit.*, vol II, p. 274

reinado de Trajano (98-117) terem sido começadas ainda no reinado de Domiciano.

No território português da *Lusitânia*, soluções semelhantes, com ambientes dispostos à volta de espaços poligonais, seriam adoptadas nas *villae* da Abicada e do Rabaçal (est. **LII**,83 e 84). A importância das mesmas reside no facto de em ambas o espaço poligonal, de forma hexagonal e octogonal, respectivamente, serem peristilos e, como tal, o negativo daqueles que encontramos nos palácios anteriormente descritos, de que não nos chegaram muitos exemplos no mundo romano <sup>111</sup>.

Terminado um século de experimentação, *Villa Adriana* (est. **LIII**,85 e 86 e **LIV**,87) e o *Panteão* (est. **LVII**,93 a **LVIII**,95), de que já falámos, quando das técnicas de construção das abóbodas, desempenhariam, também, um papel importante na história da arquitectura, em especial na da planta centralizada. Várias hipóteses têm sido levantadas quanto ao autor dos projectos - Apollodoro de Damasco ou o próprio imperador? O jogo de arquitectura mistilínea, já patente na *Domus Augustana* encontraria aqui um novo significado, na articulação de superfícies simultaneamente côncavas e convexas <sup>112</sup>, e encontrariam paralelos nos chamados *Templo de Vénus* em Baia (est. **LIV**,88), seu contemporâneo <sup>113</sup>, e no *Templo de Minerva Médica* (est. **LV**,89 e 90) (o mesmo que Palladio <sup>114</sup> designa por

<sup>111</sup> Paralelos poderão ser encontrados no sector termal da villa de Valdetorres de Jarama, perto de Madrid (CASTRO, Maria Cruz Fernandez, *Villas Romanas en España*, Madrid 1982, fig. 75, com bibliografia específica sobre a mesma), ou no santuário de Baalbek (CREMA, op. cit., p. 389, 390, 394 e 395)

<sup>112</sup> Da vasta bibliografia sobre o assunto, cif. especialmente: HANSEN, Erik, "La Piazza d'Oro e la sua cupola", *A. R.I.D.*, 1- Supplementum, 1960. LUGLI, G., *La Roccabruna della Villa Adriana*, Supl. de Pall., ano IV, nº 6, Roma, 1949

<sup>113</sup> HANSEN, E., op.cit., p. 50, que atribui a sua datação a Angelis d'Ossat.

<sup>114</sup> *The four books of Architecture of Andrea Palladio 's Architecture*", London, Published by Isaac Ware, MDCCXXXVII, IV, XI

leading to somewhere. Both spatial directions meet in the square-the crossing-the place of ritually structured concentration " 118.

A planta centralizada subsistiria, mesmo após a queda de Roma, veículada em diversas tipologias funcionais da arquitectura bizantina , como o atestam os inúmeros *baptistérios* e a *Basílica de San Vitale* em Ravenna (est.LXIII,101 a LXIV,103) ou pelo interesse manifestado pelos homens do Renascimento pela *Antiguidade* , para quem "**I' Antiquité est la vérité de la Nature, sa vérité secrète et permanente** " 119. Impunha-se, como tal, a análise dos princípios ordenadores do seu universo, para o que o estudo dos vestígios arqueológicos bem como a obra de Vitruvius se tornariam referências obrigatórias, como testemunhos directos dessa mesma antiguidade " Du fait de la curiosité des lettrés et des difficultés de son interpretation, **le texte de Vitruve échange sa valeur relative de témoin contre une valeur absolue** ; et, par un processus métonymique, le livre qui pouvait offrir la clé d'une pratique disparue **devient la clé de la pratique contemporaine**" 120. Comprova-o o trabalho de Alberti( que mediu e estudou algumas das ruínas romanas ) , Serlio (est.LXVI,105) e, principalmente, o de Palladio que deixa bem explícito no seu tratado a influência directa do arquitecto romano 121 ou o apreço

---

118 *Ibidem*

119 FICHET, Françoise, *La theorie architectural à l'âge classique* , Liège, 1979, p. 14

120 CHOAY, Françoise, *La règle et le modèle* , Paris, 1980, p. 222.

121 Op.cit., prefácio. "GUIDED by a natural inclination, I gave myself up in my most early years to the study of architecture : and it was always my opinion, that the antient *Romans*, as in many other things, so in building well, vastly excelled all those who have been since their time, I propose myself VITRUVIUS for my master and guide, who is the only antient writer of his art, and set myself to search into the reliques of all the antient edifices , that , in spite of time and cruelty of the Barbarians, yet remain ; and finding them much more worthy of observation, than at first I had imagined, I began very minutely with the utmost diligence to measure every one of their parts ; of which I grew at last so sollicitous an examiner, (not finding any thing which was not done with reason and beautiful proportion) that I have very frequently not only travelled in different parts of *Italy* , but also out of it, that I might intirely, from them, comprehend what the whole had been, and reduce it into design."

(est.XLVI,72 e XLVII,73), cujo forte sentimento de interioridade não pode ser explicado em função da evolução tecnológica, mas da exploração premeditada das suas potencialidades sensoriais e, conseqüentemente, simbólicas . "Les salles voutées représentent - aussi bien dans les temples que dans les termes - l'apport essentiel de l'architecture romaine... Cette origine permet de comprendre comment **la salle voutée s'est toujours trouvée liée à une conception baroque de l'art : elle évoque romantiquement les profondeurs misterieuses de la terre, les êtres redoutables ou bienfaisants qui les habitent, la descente vers un monde de rêve.** On n'est pas donc étonné de constater que son origine commence dans la période où l'art romain s'abandonne à l'évasion psychologique, c'est à dire, lors des guerres civiles qui entraînent la chute définitive de la République " 116.

As soluções obtidas pelos romanos, através da articulação de diferentes espaços, iriam estar presentes em toda a História da *Arquitectura*. Esta é a conclusão que se pode inferir da análise comparativa entre alguns edifícios romanos e o diagrama que nos apresenta Rob Krier, ao analisar a importância da organização espacial como elemento integrante da própria *arquitectura* 117 (est.LXII,100) . A adição ou interligação de diferentes espaços, dá origem a uma nova planimetria que mantém e reforça as características dos mesmos criando, simultaneamente, espaços com uma nova dinâmica e qualidade. " A non-direccional circular space allows for relaxation and concentration. An oval-shaped space encloses two points of encounter. The form of the apse has risen from the *feuerschim* (firescreen) to the symbolic place of spiritual promulgation. A broad space becomes a place for preparation, a longitudinal space a route

---

116 PICARD, *op.cit.*, p. 104 e 105

117 "Elements of architecture", separata de *A.D.*, vol. 53, London, 1983, p. 19

regardé comme un paradoxe s'il n'était démontré géométriquement que **la sphère est un polyèdre infinitif. C'est que de la symétrie la plus parfaite dérive la variété la plus infinie...** De toutes ces observations, il résulte que le corps sphérique, sous tous les rapports, est l'image de la perfection. **Il réunit l'exacte symétrie, la régularité la plus parfaite, la vérité la plus grande.**" <sup>123</sup> (est. LXXV, 118 e 119 e LXXVI, 120).

No final do séc. XVIII, a exumação das ruínas de Pompeia e de Herculanium trariam um verdadeiro revivalismo da arte da Antiguidade Clássica, dando origem ao Neoclassicismo que se prolongaria até meados do séc. XIX, mesmo no continente americano, aqui reforçado pelo Exposição de Chicago de 1893 (est. LXXVIII, 122). Tão importante quanto a fundamentação da adopção de determinadas formas, o séc. XX traria, quer com os *moder-*

*nistas* ou, nos anos setenta, com os *pós-modernos* (est. LXXVIII, 123), a discussão, do conceito de *classicismo* que historicamente se aplica, em sentido restrito, ao período que medeia entre a invasão persa, em 490 a.C., e o reinado de Filipe da Macedónia, em 338 a.C. Em sentido lato, ele compreende toda a *arte da antiguidade clássica*, sendo ainda pouco nítido, para os historiadores se engloba a arte romana ou se restringe, apenas, à grega. A discussão gira em torno do papel que os elementos arquitectónicos e os sistemas construtivos *tradicionais* (leia-se *gregos*) desempenhariam na arquitectura romana. Vimos já como as inovações técnicas introduzidas pelos romanos ( em especial o *opus caementicium* e a cobertura em *abóboda*) deram origem a novas formas e a novas funções para esses mesmos elementos, numa arquitectura de tradição clássica. O exemplo

---

<sup>123</sup> FICHET, F., *op.cit.*, p. 474-475.

manifestado por aqueles (como Alberti) que, num passado recente, se tinham inspirado na *antiguidade* <sup>122</sup>.

A partir do Renascimento planta centralizada adquiria, assim, através do trabalho dos grandes tratadistas, um renovado uso e significado, quer na arquitectura religiosa (est. **LXV**,104 a **LXVIII**,109) , quer na civil, de que se destacam os trabalhos de Palladio, que nos projectos das suas *villas* adoptaria, frequentemente, algumas das soluções por ele vistas nos templos romanos (est.**LXIX**,110 a **LXXII**,113).

Os séculos XVII e XVIII (est. **LXXIII**,114 a **LXXIV**,117) não ficariam alheios, também, à sua força retórica, fazendo acompanhar o trabalho prático , da discussão em torno dos conceitos vitruvianos de *simetria* e *proporção* e dos fundamentos e objectivos da própria arquitectura, e na qual tomariam parte, entre outros, Claude Perrault (1613-1688),François Blondel (1628-1688) e Étienne-Louis Boulée (1728-1799). A influência da Antiguidade Clássica neste último está bem patente nos seus projectos, nomeadamente no *Cenotáfio de Newton* , forma híbrida do *mausoléu* de tipo imperial e do *Panteão* , reveladora duma iintensa reflexão sobre os conceitos atrás mencionados " **Le corps sphérique** nous offre la solution d'un problème qui pourrait être

<sup>122</sup> Op.cit., IV, XVII " AFTER the grandeur of the Roman empire began to decline, through the continual inundations of the Barbarians, architecture, as well as all the other arts and sciences, left its first beauty and eloquence, and grew gradually worse, till there scarce remained any memory of beautiful proportions, and of the ornamented manner of building, and it was reduced to the lowest pitch that could be.

BUT, because (all human things being in a perpetual motion ) it happens that they at one time rise to the summit of their perfection, and at another fall to the extremity of imperfection ; architecture in the times of our fathers and grandfathers, breaking out of the darkness in which it had been for a long time as it were buried, began to show itself once more to the world...

... SINCE BRAMANTE was the first who brought good, and beautiful architecture to light, which from the time of the ancients had been hid ; for several reasons it seemed to me fit, that his works should have a place among the ancients I have therefore placed the following temple, directed by him, upon the *Monte Janiculo* , in this book."

formas e volumes impostas pela necessidade de articulação de espaços de diferentes características levou a que os arquitectos do Renascimento e das Beaux-Arts as considerassem o modelo de perfeição da arquitectura da antiguidade.

**" È necessario affermare che la tecnica della costruzione romana a volta - che costituisce il tessuto originale e veramente vitale della architettura romana - ha trovato nello schema architettonico delle terme il terreno ideale per prosperare e diffondersi nelle piú svariate regioni e negli altri tipi di edifici, tanto da confondersi addirittura con esso " 125**

---

<sup>125</sup> OSSAT, *op.cit.*, p. 25-26

mais frequentemente apontado é o da função meramente decorativa que, em alguns casos, assumem as colunas, *elementos de suporte* por excelência na arquitectura grega. Na realidade, a sua função de suporte não seria total-

mente abandonada e persistiria em diversas situações, como por exemplo, nas colonatas de separação dos espaços internos, embora a arquitrave desse lugar a arcadas, como podemos ver, por exemplo, nos templos de forma circular ( est. **LIX**,96). Nestes casos, por questões relacionadas com descarga de peso, a espessura da parede superior é maior que a coluna e o respectivo capitel, levando à adopção de pares de colunas. Vemos assim, que elementos antigos integrados em novos contextos, adquirem um novo significado, que está estreitamente ligado ao conceito de mudança. Como tal, e auxiliando-nos novamente de William Macdonald , essa mesma mudança deverá constituir, juntamente com os outros elementos, um elemento de definição do próprio *classicismo* " **but at the same time Roman architects added their own compelling formal and symbolic themes, and in so doing altered classicism irrevocably. It was their creativ synthesis of old and new that became later classicism's chief source, a wellspring of prodigious post-medieval modes.**" <sup>124</sup>

Elementos vitais do urbanismo, *ciudades dentro da cidade* , verdadeira retórica de poder individual e colectivo, a *arquitectura termal* representaria a principal corrente inovadora da arquitectura romana. A complexidade de

---

<sup>124</sup> *Op.cit.*, vol. II, p. 250

mente com os mares Egeu e Tirreno, passando pelas costas da Mauritânia e Cartago<sup>3</sup>. As excelentes capacidades defensivas deste planalto justificam plenamente a sua escolha, desde tempos recuados, como local privilegiado para a fixação de diferentes grupos. Assim o demonstra a descrição feita por Carvalho da Costa<sup>4</sup> em 1707, bem como a que fizera já Frei Bernardo de Brito<sup>5</sup> em 1597 que, embora muito fantasista quanto à origem da cidade (seguindo Pedro de Mariz<sup>6</sup>, Florião<sup>7</sup> e Garibay<sup>8</sup>), não deixa de ser menos interessante, pela análise geográfica que nos oferece:

"Estes que ficarão (diz Florião do Campo) (a) que forão huns Turdulos chamados Colimbrios; os quais considerando bem o sítio, começarão a fundar uma cidade em hum alto, que ficava senhoreando grande parte da terra, & a corrente do pequeno rio que hia ao longo dos muros, a que derão o seu proprio nome, chamando-lhe Colimbria; & deste parecer está também Garivai no Espelho Historial, com outros Historia-dores graves (b). Pera entendimento dos quais, quero advertir aos Leitores, que a verdadeira cidade de Coimbra foy antigamente a pequena povoação de Condeixa a Velha, onde soberbas ruínas & antigas muralhas, cheas de lindissimos letreiros romanos, mostram a muita conta em que foy tida no tempo da sua gloria. Do sitio da qual se descobre hum valle muy plaino pelo meo de dous cerros, que na propria ígoaldade se continua bom

<sup>3</sup> CORREIA, Virgílio Hipólito, "Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo Vale do Mondego", *ESTUDOS ORIENTAIS IV*, Universidade Nova de Lisboa, 1993.

<sup>4</sup> *Cif*, nota 1, supra.

<sup>5</sup> *Monarchia Lusitana. Collecção dos Principaes auctores da Historia Portugueza*, Alcobaca 1597, Tomo II, Cap. VIII, Typographia da Academia Lisboa 1806, pp. 134-36.

<sup>6</sup> *Diálogos de varia historia*, Coimbra 1598, diálogo primeiro, cap. III.

<sup>7</sup> Fl. Do Campo, *Los quatro libros primeros de la crónica general de España*, Zamora, 1544.

<sup>8</sup> E. de Gabibay (1533 - 1599), *Compendio historial da las cronicas e Historia universal de todos los reinos de España*, Antuerpia 1871, livros 34 e 35 (dedicados a Portugal).

## Capítulo segundo

### **CONIMBRIGA . Origem e integração no mundo romano**

" Era Colimbria uma das mais fortes, & inexpugnaveis Cidades e Praças de armas na Lusitania, assim pela capacidade do terreno, como também pela fortaleza dos seus muros, principalmente na Praça de armas, aonde os muros tem vinte palmos de largo, & materia tão solida que passando já por elles tantos seculos, estão ainda mostrando aos olhos o que forão. O corpo da Cidade está assentado em huma planicie de bastante circunvalação todo cercado de muros, & a Praça de armas posta na imminencia de um rochedo, conservando ainda o nome de Almedina. Foy bem provida de agoa, porque toda a que nasce na caudelosa fonte de Alcabideque vinha à Cidade, & fortaleza por grandiosos canos, & aquedutos, dos quais se conserva grande parte ainda a pezar da voracidade do tempo. " <sup>1</sup>

Situada a 15 Km de Coimbra, num planalto com uma área aproximada de nove *ha* , a ocupação de *CONIMBRIGA* remonta ao início do primeiro milénio a.c. ; embora os achados mais antigos sejam constituídos por machados de pedra polida , todos eles fora de qualquer contexto neolítico ou calcolítico<sup>2</sup> , só a partir do século VIII ou VII é que eles se tornam mais evidentes, denunciando uma intensa actividade comercial que não se limita à Península Ibérica, mas que oferece outros pontos de contacto, nomeada-

---

<sup>1</sup> COSTA , Padre Antonio Carvalho da , *Corografia Portugueza e descrição do famoso Reyno de Portugal* , Lisboa 1977, Tomo II, 2ª Edição, Braga 1868, pp.22-24 (**doc. 2**)

<sup>2</sup> ALARCÃO , J. de, *Roman Portugal, II, -Coimbra e Lisboa (inventário)* , London 1988

estabelecer, indirectamente, uma relação com o Mediterrâneo, anterior à ocupação romana, relação essa hoje perfeitamente documentada, nomeadamente com o mundo fenício<sup>10</sup>.

Várias têm sido as tentativas dos especialistas para explicar a sua etimologia. Segundo Blondin <sup>11</sup>, a principal dificuldade reside no facto de os toponímios terminados em *-briga* terem sido introduzidos na Península Ibérica por povos celtas, durante o primeiro milénio, em locais por eles fundados, ou já habitados por uma população indígena, como *Eburobriga*, ou datarem de uma época romana como *Augustobriga* ou *Caesarobriga*; no primeiro caso, o apelativo designa *aglomerado fortificado*, encontrando-se numa vasta área europeia, conhecendo ainda a variante dialéctica *-brica*. No segundo caso, "*Coniumbriga* pode ser considerada como a forma primitiva do toponímio <sup>12</sup> com um genitivo arcaico do tipo *deum*, para determinante do apelativo celta ". Neste caso, *CONIMBRIGA* significaria *oppidum* dos Conii", povo cujas fontes clássicas situam no sul de Portugal ( Alentejo e Algarve ), podendo ser explicada a sua presença no centro do território (área *calaico lusitana*), através de duas formas distintas - pela permanência de um "pequeno grupo num local que ocupavam já desde o séc. VII a.C., enquanto a maior parte do povo tinha recuado até ao sul sob pressão dos Sepes e dos Cempsí - ou pela

<sup>10</sup> ALARCÃO, J.de, "O domínio romano em Portugal", Lisboa 1988, pp. 63 e sg ;  
CORREIA, Virgílio Hipólito, *op.cit.*, *passim*.

<sup>11</sup> BLONDIN, Roland, "Le Toponyme Conimbriga", *Conimbriga XVI*, 1977, pp.146 -148

<sup>12</sup> BLONDIN, *op. cit.*, p. 149 que cita, por sua vez, TOVAR, A, *Iberische Landeskunde, Zweiter Teil. Die Volker und die Stadtte des antiken Hispanien, Baden-Baden, Verlag Valentin Korner. Bd II Lusitanien*, 1976 ;

ALARCÃO J., ÉTIENNE, R., FABRE, G., " Le culte des Lares à Conimbriga ", *CRAI*, 1969, pp. 213 - 216

pedaço de terra, té se lançar na corrente do Mondego ; & por elle a cima ma dizem os moradores da terra, & o tem por tradição muy vulgar que sobia antigamente hum braço de mar tão copioso, que podião embarcações chegar té junto da cidade : onde me forão mostrar hum modo de cais, feito de pedraria, & certas pedras cumpridas, em que affirmavão estarem amarradas as embarcações. As quais conjecturas moverão o nosso Português Gaspar Barreiros a crer (a) que sem duvida fosse verdadeira esta antigoalha. Mas o que eu delle julgo, debaixo de censura dos que mais entenderem, he que nunca mar entrou tanto acima, nem houve naquelle lugar rio navegável ....E a causa de ser aquelle valle tão plaino, & se verem nelle sinaes de corrente de agoa, he porque o rio d'Atadoa, que hoje vay por dentro de Condeixa a Nova, levou antigamente o seu curso por junto dos muros da antiga Colimbria, & se vê hoje claramente o lugar por onde corria, & com pouco trabalho se pudera inda tornar á sua primeyra mãy. Nem me forção a crer o contrario os sinais de pedra, que dizem ser caes de embarcação : porque a meu ver, mais geito tem de lavadouros de roupa, & de posto pera encher os cantaros de agoa que doutra coisa maior. " <sup>9</sup>

A par da referência às características naturais da extinta cidade, estas descrições revelam-nos, ainda, a preocupação que tiveram os escritores, dos séculos XVI ao XVIII, em encontrar uma explicação plausível para a sua origem, bem como para a possível relação com a da própria cidade de Coimbra Embora sem qualquer fundamento a atribuição da sua origem aos Cartagineses, esta não deixa de ser bastante curiosa ao

---

<sup>9</sup> (a) e (b) são notas do texto original, que decidimos transcrever também, por constituírem referências importantes :  
 p.134 (a) *Flor*, lib 3, cap. 35  
 (b) *Gariv.*, lib 5, cap. 10  
 p.135 (a) *Gaspar Barreiros, in Chorog*

*Da referência histórica às campanhas de escavação*

Integrada na província da Lusitânia (tendo Emerita Augusta por capital), mais especificamente no *Conventus Scallabitanus*, um dos três *conventus* em que seria criado ainda no tempo de Augusto ou já no reinado de Vespasiano <sup>18</sup> (est.**LXXXI**,127), *CONIMBRIGA* romana parece ter nascido com o próprio império "**La naissance de Conimbriga comme ville romaine date du premier empereur de Rome**, et la fidelité des habitants et l'action de ses notables au cours de la dure lutte menée par Auguste et ses légats contre les Astures et les Cantabres ont attiré l'attention du gouverneur de la Lusitanie, **nouvellement crée et d'un commun accord l'implantation d'un ensemble monumental à la romaine fut décidée** " <sup>19</sup>. Sendo escassas as fontes literárias contemporâneas da própria cidade, a primeira referência histórica de que temos notícia é feita por Plínio-o-Velho (23/24-79 d.C.) na *História Natural* <sup>20</sup> baseando-se em autores antigos <sup>21</sup>, nomeadamente Varrão (116-27 a.C.) <sup>22</sup>, classificando-a como *oppidum* e situando-a ao lado de Aeminium (est.**LXXXII**,128) <sup>23</sup>. A sua descrição como *oppidum*, termo que se aplica a qualquer aglomerado urbano de certa importância (e que no caso de *CONIMBRIGA* parece ter sido *stipen-*

<sup>18</sup> ALARCÃO, Jorge de, " O domínio romano", in *Nova História de Portugal*, vol.I, Lisboa, 1990, p.384

<sup>19</sup> ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R., "Le Portugal à l'époque augusteenne", in *Symposium das cidades augusteas*, Saragoça, 1976, p.180

<sup>20</sup> *Nat. Hist.*, IV, 21 (113)

<sup>21</sup> No prefácio da obra, composta por 37 livros, Plínio refere que para os 20.000 factos que relata se baseou em 100 autores principais. EICHHOLZ, David Edward, "Pliny the Elder", in *O.C.D.*, pp.845-846

<sup>22</sup> Que combateu na Península Ibérica em 49 a.C. ENK, Petrus Johannes, "Varro (2)" in *O.C.D.*, pp.1107-1108

<sup>23</sup> FOUILLES, *op.cit.*, p. 242 "A Durio Lusitania incipit. Turduli veteres, Paesuri, flumen Vagia, Oppidum Talabrica, oppidum et flumen Aeminium, **oppida Conimbriga**, Collipo, Eburobritium"

instalação de uma pequena colónia de Conii em país estrangeiro pela administração romana " 13 (est. **LXXIX**, 124 a **LXXX**, 126).

Mas *CONIMBRIGA* pode ter sido formada, também, a partir do radical *konyom + briga*, com um substrato *pré-indo europeu*, presente noutros topónimos, de formação homossémica paralela, como *Conistorgi* 14. Neste caso, não haveria um elo de ligação obrigatório entre a palavra e os *Conii*, e o nome de *CONIMBRIGA* recuaria a um período pré-romano.

Parece-nos ser esta a hipótese mais credível, informada pelo espólio resultante de achados fortuitos 15, ou das numerosas campanhas de escavação, de que salientamos a de 1912, dirigida por Vergílio Correia (na qual foi encontrada do lado de fora muralha na direcção de Condeixa-a-Velha, a 1,60 m de profundidade, uma camada pré romana de 3 m de espessura que, em virtude da inexistência de estruturas, ele classificou como depósito, relacionando o seu material com o de Santa Eulália) 16, e as luso-francesas que decorreram de 1962 a 1971, e confirmaram a existência de um povoado da *Idade do Ferro* 17.

13 BLONDIN, op. cit., p. 150.

14 BLONDIN, op. cit. p. 157.

15 ESTÁCIO DA VEIGA, S.Ph.M., *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Prehistóricos*, IV, Lisboa 1891, pp.155-156.

LEITE DE VASCONCELOS, J.DE, "A respeito de Conimbriga", *A.P.* IV, 1898, pp.304-308.

MESQUITA DE FIGUEIREDO, A., *Les Monuments romains du Portugal*, *R. A.*, XXI, 1913, pp.347-370

16 CORREIA, V., "Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a Velha)", *Archeólogo Português*, XXI, 1916, pp. 252-264. *Obras*, IV, *Estudos Arqueológicos*, Coimbra, 1972, pp. 291-303

17 ALARCÃO, J.de, ETIENNE, R., "Note sur un habitat de l'Age du Fer à Conimbriga", *La Bretagne, le Portugal, le Brésil, Echanges et rapports. Actes diu Cinquenaire de la création de l'enseignement du Portugais.*, s.l., (Rennes, 1973), pp .29-44. *Fouilles de Conimbriga, I. Architecture*. Paris 1977, passim

Sellium e Aeminium (ao lado desta), à distância de 34 e de 10 milhas, respectivamente <sup>31</sup>.

As perturbações resultantes das invasões suevas de 465 e de 468 seriam relatadas, ainda no séc. V por Idácio (395-470) <sup>32</sup>, bispo de *Aquae Flaviae*, que nos conta como a cidade foi destruída e os seus habitantes feitos prisioneiros <sup>33</sup>. Mesmo que um pouco exageradas em virtude de se tratar de um acontecimento muito próximo no tempo, a sua veracidade seria confirmada por algumas escavações <sup>34</sup>.

Nos séculos seguintes, até à invasão muçulmana no séc. VIII, as referências a *CONIMBRIGA* seriam feitas exclusivamente nos textos dos Concílios de Braga I e II ( 561 ou 563 e 572), Toledo IV, VIII, XIII e XVI (633 , 653, 683 e 693) e Mérida ( 666), nos quais se têm baseado os historiadores para tentar estabelecer uma cronologia para o abandono da cidade e transferência do bispado para a cidade de Aeminium e, conseqüentemente, uma relação entre as duas cidades. Interessante é, também, a referência no Concílio de Mérida ao Bispo de Conimbriga, de nome *Cantaber* o que, juntamente com a citação de Idácio de Chaves, deixa adivinhar tratar-se de uma família de certa notoriedade, "**com ramos importantes em Conimbriga , Lamecum e Aeminium**" <sup>35</sup>

<sup>31</sup> ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio...*, *op.cit.*, pp. 88-89. Existiriam, provavelmente, dois circuitos alternativos entre Sellium e *CONIMBRIGA*. O primeiro passaria pelas actuais Avecasta, Rominha, Caverna do Bacelinho, Freixial, Bouçã e Tamazinhos; o segundo, por Castelejo, Abades, Cumeada, Carvalhão, Serrã, Campodónio, BoialvasSantiago da Guarda e Tamazinhos. Para Aeminium, a estrada passaria talvez, por Eira Pedrinha, Picoto, Mata Velha e Pinhal do Ribeirito.

<sup>32</sup> *Cron.*, 229 e 241

<sup>33</sup> *Ibidem*. FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 244 "Suevi, Conimbricam dolosingressi, familiam nobilem Cantabri spoliand et captivam abducunt matrem cum filiis...Conimbrica, in pace decepta diripitur, **domus destruuntur cum aliqua parte murorum habitat oribusque captis atque dispersis et regio desolatur et civitas**"

<sup>34</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 244

<sup>35</sup> MOUTINHO ALARCÃO, Adília, *Colecções...*, *op.cit.*, p.10

*diarium* , isto é, sujeitos a tributação e não abrangidos pelo *ius latii* )<sup>24</sup> e não como *municipium* (que ao contrário da *colonia*, mantinha as leis e costumes tradicionais) pode dever-se ao facto de Plínio se ter auxiliado de fontes do tempo de Augusto (27 A.C.-14 d.C.), ou porque quando da sua elevação a *municipium* (provavelmente em 73-74 d.C., na sequência da extensão do *ius latii* a toda a Península Ibérica por Vespasiano<sup>25</sup>) a obra estava praticamente concluída.

Ainda segundo Plínio<sup>26</sup> existiam na Hispânia no início do séc. I, 291 *ciuitas stipendiaria* o que pode ser ilustrado na quantidade de moedas que estas cidades eram obrigadas a cunhar, nos séculos II e I a.C., talvez para pagar às legiões romanas (moedas essas na sua maior parte semelhantes, em tamanho e peso, às moedas cunhadas em Roma), com o nome da cidade emissora escrito em caracteres ibéricos ou púnicos<sup>27</sup>. A este grupo pertencem, ainda que em número reduzido e de origem tardia (206 a 70-60 aprox. a.C.), alguns dos exemplares encontrados em CONIMBRIGA<sup>28</sup>.

Após a referência a dois dos seus cidadãos feita por Phlegon de Tralles no séc. II<sup>29</sup>, só no séc. III CONIMBRIGA seria de novo mencionada, no *Itinerário de Antonino Pio* (est. LXXXIII, 129 e LXXXIV, 130), que a assinala como uma das estações da estrada de Olisipo a Bracara Augusta<sup>30</sup>, entre

---

<sup>24</sup> ALARCÃO, Jorge de, "O domínio romano", in *Nova História ...*, *op.cit.*, pp. 388-389

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 390

<sup>26</sup> *Nat.Hist.*, III, 1, 7; III, 3, 18; IV, 22, 17

<sup>27</sup> KEAY, S.J., *Roman Spain*. London, 1988, p. 54

<sup>28</sup> MOUTINHO ALARCÃO, Adília, *Coleções do Museu Monográfico de Conimbriga*, Coimbra, 1984, p. 54

<sup>29</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 243

<sup>30</sup> ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio...*, *op.cit.*, p. 89. FOUILLES, *op.cit.*, Vol. VII, pp. 243-244. SAA, Mario, *As grandes vias da Lusitânia*, vol. VI, Lisboa 1959, p. 226

Frei Bernardo de Brito <sup>40</sup> localizam *CONIMBRIGA* em Condeixa, posição que tomariam os homens dos séculos XVII e XVIII (ainda que alguns dos seus textos sejam muito fantasistas no que diz respeito à fundação da cidade), à excepção de Frei Henrique Florez <sup>41</sup> que a identifica com a odierna Coimbra.

Só no ultimo quartel do séc. XIX se iniciariam, verdadeiramente, os trabalhos arqueológicos, o que se deve, sem dúvida, à Secção de Arqueologia do *Instituto de Coimbra* (criada por proposta do Doutor Filippe Simões, na Sessão de 5 de Março de 1873 da *Classe de Literatura e Belas Artes* <sup>42</sup>) e às acesas discussões que nele tiveram lugar, orientadas por Miguel Osório e Filippe Simões. Na sessão de 5 de Junho de 1873 <sup>43</sup> Miguel Osório referir-se-ia também à problemática da identificação de *CONIMBRIGA* e de *Aeminium* com Coimbra, recusando a hipótese da destruição da primeira por *Ataces*, e defendendo que ela teria constituído um acampamento romano, opinião contestada por Filippe Simões, na sessão de 6 de Novembro <sup>44</sup>, que a identifica como uma grande cidade,

<sup>40</sup> *Monarchia Lusytana. Parte primeira que contem as historias de Portugal desde a criação do mundo te o nascimento de nosso senhor IESU CHRISTO*, Alcobaca, 1597, livro II, cap. VIII. *Segunda parte de Monarchia Lusytana em que se continuão as historias de Portugal desde o nascimento de nosso Salvador IESU CHRISTO, ate ser dado em dote ao Conde Dom Henrique*, Lisboa, 1609, livro VI, cap. III. FOUILLES., *op.cit.*, vol. VII, p. 210.

<sup>41</sup> *España Sagrada, Theatro Geographico-Historico de la Iglesia de España...XIV. De las Iglesias de Abila, Caliabria, Coria, Coimbra, Eborá, Egítania, Lamego, Lisboa, Ossonoba, Pacense, Salamanca, Viséo y Zamora, segun su estado antiguo*, Madrid, 1758, pp. 62-73. FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 210

<sup>42</sup> *O Instituto*, XVI, 1873, p. 288. OLEIRO, J.M. Bairrão, "Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899", in *Conimbriga*, 12, 1973, p. 67

<sup>43</sup> SIMÕES DE CASTRO, Augusto Mendes, "Instituto de Coimbra, Comissão de Archeologia, Sessão de 5 de Junho de 1873", in *Instituto de Coimbra*, 17, 1873, pp. 80-83. FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII., p.213.

<sup>44</sup> SIMÕES DE CASTRO, Augusto Mendes "Instituto de Coimbra, Comissão de Archeologia, Sessão de 6 de Novembro de 1873", in *O Instituto*, 17, 1873, pp. 270-274.

D. Manuel iniciaria aquilo que podemos considerar as primeiras medidas de protecção ( antecedendo cerca de dois séculos o pertinente e actual decreto de D. João V de protecção aos vestígios arqueológicos, datado de 13 de Agosto de 1721 <sup>36</sup>), ao transferir para a Igreja de Condeixa-a-Nova algumas das lápides encontradas " Passados já alguns séculos se senhorearão desta Cidade os Romanos ; assim o mostram muitas inscriçoes, monumentos, letreiros, & pedras em varios lugares, & principalmente na torre da Igreja de Condeyxa a nova, para onde forão tresladadas, principiando-se por ordem do felicissimo Rey Dom Manoel " <sup>37</sup> (doc. .) Com Gaspar Barreiros <sup>38</sup> iniciavam-se em 1561 as primeiras discussões sobre a origem e possível ligação de CONIMBRIGA com Coimbra. Tal como Gaspar Barreiros, também André de Resende <sup>39</sup> e

<sup>36</sup> ALMEIDA, Luís Ferrand, "Alguns documentos para a História da Arqueologia em Portugal. Decreto de D. João V de protecção dos vestígios arqueológicos", in *Conimbriga IV*, 1965, pp. 103-105 "Hey por bem que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado , qualidade , e condição que seja, desfaça ou destrua em todo, nem em parte qualquer edificio, que mostre ser daquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma sorte as Estatuas, Marmores, e Cippos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Fenices, Gregos, Romanos, Goticos, Arabicos, ou Laminas, ou Chapas de qualquer metal, que contiverem osditos letreiros, ou caracteres, como outro sim Medalhas, ou Moedas, que mostrarem ser daquelles tempos, nem dos inferiores até ao reinado do Senhor Rey D. Sebastião, nem encubirão, ou ocultem alguma das sobreditas: e encarrego às Camaras das Cidades e Villas deste Reyno, tenham muito particular cuidado em conservar, e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade , que houver ao presente, ou aodiante se descobrirem no limite do seu districto, e logo que se achar, ou descobrir alguma de novo, darão conta ao Secretario da dita Academia Real, para elle a comunicar ao Director, e Censores e mais Academicos;...E as pessoas de qualidade , que contravierem a esta minha disposição desfazendo osEdificios daquelles Seculos , Estatuas, Marmores , Cippos ou fundindo Medalhas, e Moedas, sobreditas ou tambem deteriorando-as em forma , que se não possam conhecer as figuras, e caracteres, ou finalmente encobrando-as e ocultando-as, alem de incorrerem no meu desagrado , experimentarão também a demonstração , que o caso pedir e merecer a sua desatenção, negligência ou malicia.."

<sup>37</sup> COSTA, Padre António Carvalho da, *Corografia Portuguesa* , op.cit., pp. 22-23

<sup>38</sup> *Chorographia de alguns lugares que stam em hum cammho, que fez Gaspar Barreiros o anno de MDXXXVI. começado na cidade de Badajoz em Castella, té à de Milam em Italia...*, Coimbra, 1561, pp. 48-49. FOUILLES, op.cit., vol. VII., p. 209.

<sup>39</sup> *De Antiquitatibus Lusitaniae*, ms., 1573. VASCONCELOS, D.M., L. Andr. Resendii *Eborensis de Antiquitatibus Lusitaniae Caeteraque, historica, quae extant, Opera tomus I. Scholia Jacobi Maenetii Vasconcelli, Conimbricae*, 1790, pp. 358-360. FOUILLES, op.cit., vol. VII, p. 210

Em 1929 a Faculdade de Letras de Coimbra adquiriria um terreno de 2500 m<sup>2</sup>, e em 28 de Junho de 1930 iniciar-se-ia um novo período de escavações (cujo objectivo era, também, dotar o curso de Arqueologia e Numismática de uma componente prática), período esse que só terminaria com a morte de Vergílio Correia em 1944. Para os trabalhos então realizados teve grande importância a inclusão de *CONIMBRIGA* no roteiro do *Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica*, que se realizaria em Setembro de 1930, de cuja comissão fazia parte o próprio Vergílio Correia, para o qual o *Ministério do Comércio e Comunicações* nomearia um grupo de trabalho <sup>54</sup>. Entre 1930 e 1939 descobrir-se-iam, respectivamente, a *Domus de Cantaber*, o *edifício ao sul do aqueduto*, as *termas a norte deste*, a *zona extra-muros* e a *Casa dos Repuxos* <sup>55</sup> (est. **LXXXV**,132 e **LXXXVI**,133).

Entre 1944 e 1962, os trabalhos iniciar-se-iam mais lentamente até 1951 data a partir da qual seriam seguidos por J.M. Bairrão Oleiro, de que se salientam os trabalhos relativos aos mosaicos da *Casa dos Repuxos*, ao *aqueduto* e às *grandes termas do sul*. <sup>56</sup>

<sup>54</sup> "Conimbriga" (anónimo), in *Arte e Arqueologia*, I, 1930, pp. 88-89. FOUILLES, op.cit., p. 239.

<sup>55</sup> FOUILLES, op.cit., vol. VII, pp. 239-240. Da vasta bibliografia deixada por Vergílio Correia salientamos "Excavações em Conimbriga", in *Arte e Arqueologia*, I, 1930, pp. 71-173. *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1935 (reeditado com ligeiras alterações em 1936 e em 1938). "Conimbriga Visigótica", in *O Instituto*, XC, 1936, pp. 410-415. "A romanização da Lusitânia", in *Congresso do Mundo Português. Publicações*, I vol. *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré- e Proto-História de Portugal*, Lisboa, 1940, pp. 531-546. "Divindades romanas de Conimbriga", in *Diário de Coimbra*, de 24 de Maio de 1943, Conimbriga, Coimbra, 1945 (edição póstuma com reedições em 1948, 1950, 1952, 1956 e 1958)

<sup>56</sup> FOUILLES, op.cit., vol. VII., p. 240. Da vasta bibliografia sobre os resultados deste período, salientamos OLEIRO, J.M. Bairrão, "Materiales arqueológicos de Conimbriga. El mosaico del Laberinto", in *A.E.A.*, XXIV, 1951, pp. 47-52. "Notícia de alguns materiais arqueológicos procedentes de Conimbriga", in *Cronica del II Congreso Arqueologico nacional*, Madrid, 1951, Saragoça, 1952, pp. 451-454. "Conimbrigae alguns dos seus problemas", in *Humanitas*, IV, 1952, pp. 32-42. "Archaeologica", in *Humanitas*, VII-VIII, 1955-1956, pp. 274-284. "Trabalhos em Conimbriga e no criptopórtico de Aeminium", in *Co-*

fundamentado no *Itinerário de Antonino Pio* , reconhecendo em Coimbra a antiga Aeminium. Esses trabalhos, cujo regulamento seria aprovado em 1874 <sup>45</sup> seriam subsidiados pela Rainha D. Amélia, iniciando-se em 1899 uma campanha de escavação cujo resultado seria publicado por António Augusto Gonçalves <sup>46</sup> que, provavelmente com a colaboração de António de Vasconcelos <sup>47</sup>, seria o responsável pela direcção dos trabalhos, ficando registadas as respectivas sondagens na planta elaborada por Eduardo Belo Ferraz <sup>48</sup> e posteriormente rectificada pelo próprio António Augusto Gonçalves <sup>49</sup> (est. **LXXXV**, 131).Do espólio desta campanha assumem particular importância os mosaicos que em 1912 passariam para o recém criado Museu Machado de Castro <sup>50</sup>.

O período de registos e de escavações então iniciado prolongar-se-ia até 1929, dele se salientando a descoberta de uma necrópole e de um tanque rodeado de colunas , em 1906 <sup>51</sup> e 1907 <sup>52</sup>, respectivamente, bem como a já citada descoberta, por Vergílio Correia (então conservador do Museu de Etnologia de Lisboa) em 1912, da camada pré-romana da cidade <sup>53</sup>.

---

FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 213.

<sup>45</sup> *O Instituto*, XX, 1874, pp. 86-96. OLEIRO, J.M. Bairrão, "Mosaicos de Conimbriga encontrados durante ...", *op.cit.*, p. 68

<sup>46</sup> "Excavações nas ruínas de Conimbriga", in *Portugália*, I, 1899-1903, pp. 359-365.

<sup>47</sup> OLEIRO, J.M. Bairrão, "Mosaicos de Conimbriga encontrados...", *op.cit.*, p. 74

<sup>48</sup> CORREIA, Vergílio, *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1935 (edição póstuma). OLEIRO, J.M. Bairrão, "Mosaicos...", *op.cit.*, p. 74

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 74

<sup>50</sup> *Ibidem*

<sup>51</sup> Notícias várias (anónimas) in *O Século* de 12 de Fevereiro e de 20 de Março de 1906. *A.P.*, XI, 1906, pp. 236-238. FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 239.

<sup>52</sup> G (António Augusto Gonçalves?), in *Resistência*, 28 de Fevereiro de 1907. *A.P.*, XIII, 1908, pp. 25-28. FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 239

<sup>53</sup> *Cif.* nota 3

existências também já anteriormente detectadas por Vergílio Correia <sup>58</sup> (est. **LXXXVII**, 134).

Nos últimos anos os trabalhos têm consistido na confirmação pontual de alguns dados e estudos realizados, tendo-se iniciado, nos dois últimos anos, sondagens para a determinação das estruturas e limites do *anfiteatro*

### *Evolução urbana*

Em CONIMBRIGA podemos verificar já no fim da Idade do Ferro a existência de um urbanismo regular, à semelhança do que aconteceu noutras cidades da Península Ibérica, como aconteceria em *Numantia*, na qual o traçado de ruas coincidiria com o da cidade indígena destruída por Cipião em 133 a.C.<sup>59</sup> (est. **LXXXVIII**, 136)

Atribuído, tradicionalmente, a Hipódamo de Mileto (séc. VI-V a.C.) o urbanismo regular seria largamente adoptado nas cidades fundadas ou remodeladas no séc. III a.C., como, por exemplo, Doura-Europus (est. **LXXXVIII**, 135). Nas cidades romanas poderemos distinguir duas situações - um urbanismo de feição *ortogonal*, quase sempre em cidades fundadas de raiz ou em situações excepcionais que permitiram ao urbanista fazer

---

<sup>58</sup> Cif nota 3

<sup>59</sup> GARCIA Y BELLIDO, Antonio, *Origenes de la ciudad y su evolucion hacia las primeras grandes metropolis. Un esquema historico de la urbanistica en la Antiguidad..* Madrid, 1958, p. 31

1962 constituiria um marco importante para *CONIMBRIGA* ; em 10 de Junho seria inaugurado o seu *Museu Monográfico* tendo como primeiro director J.M. Bairrão Oleiro. Para o museu transitariam, então, as peças que se encontravam espalhadas noutros Museus, em especial a colecção do Museu Nacional de Arqueologia. No ano seguinte, Jorge de Alarcão retomaria a escavação da zona *extra-muros* , anteriormente escavada por Vergílio Correia. Foi então descoberto um conjunto de *tabernae* do séc. I que, dispostas ao longo da via que conduzia à porta de Sellium, seriam abandonadas em finais do séc. III ou inícios do séc. IV, quando da construção da muralha. Estando ainda inéditos os seus relatórios, esta campanha exumaria também duas *domus* de peristilo, um balneário, bem como parte da *basílica paleo-cristã* , ainda não hoje completamente escavada.

Entre 1 de Agosto de 1964 e 19 de Setembro de 1971 iniciar-se-iam as *escavações luso-francesas* , resultantes do protocolo assinado entre o Museu Monográfico (pela mão do seu director, J.M. Bairrão Oleiro), e a Universidade de Bordéus, escavações essas patrocinadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros Francês, segundo proposta de Robert Étienne<sup>57</sup>. Compostas por doze campanhas, seriam exumados o sector monumental da cidade e a confirmação de dois períodos de obras bem distintos (um *augustano* e outro *flávio* ), confirmando também as alterações sofridas nos períodos posteriores, bem como uma ocupação da *Idade do Ferro* estendendo, assim, a outros pontos da cidade , pré-

---

*nimbriga I*, 1959, pp. 120-122

<sup>57</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII., pp. 241-242.

Vimos já como em *CONIMBRIGA* as pré-existências e as condições topográficas não favoreceram a aplicação desses mesmos princípios. Caracterizado pela disposição das habitações à volta de um pátio interior, alinhadas segundo vias de orientação noroeste/sudeste ou nor-nordeste/sul-sudoeste <sup>63</sup> (situadas no espaço viria a ser ocupado pelo *Forum Flávio* - est. **LXXXIX**,137), contrastando com as casas primitivas encontradas no sector das *Termas Trajânicas*.

Ao período *pré-romano*, cujas origens podemos remontar à viragem do milénio <sup>64</sup> (est. **XC**,138), seguir-se-ia uma longa campanha de empreendimentos urbanos que tiveram por objectivo dotar a cidade do equipamento adequado aos quadros de vida romanos.

A primeira campanha, realizada em período *augustano*, respeitaria em parte o urbanismo pré-romano o que, aliado às características geográficas do local, explica a inexistência de um urbanismo de feição ortogonal. Estratêgicamente situada no eixo viário que ligava Olisipo a Bracara Augusta, a cidade seria dotada, então, de de um *forum* (de função tripartida- est. **XCIII**,143), *termas* (est. **CIX**,171 e **CX**,172-173) e de um *aqueduto* (est. **CXV**,179 a **CXXVII**,197) que, contornando o muro a sul do *forum* e obtendo uma direcção oblíqua, determinaria o *decumanus* principal da cidade, regulador, a partir do reinado de Claudio, de um conjunto de *insulae* de forma trapezoidal (est. **CXLIII**,228-229), e a oriente, junto da estrada que seguia para Aeminium, de um quarteirão de *domus* (caracterizadas pela importância que em todas elas adquirem os

---

<sup>63</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p.251

<sup>64</sup> CORREIA, Virgílio Hipólito, "Os fenícios no território português", *op.cit.*, p. 278

tábua rasa do edificado anterior, e um urbanismo que terá que se adaptar a *pré-existências* ou a *condições topográficas pouco favoráveis* a uma implantação regular. Vitruvius, apesar de no prefácio da sua obra se apresentar a Augusto como transmissor de todo o conhecimento e tradição arquitectónica <sup>60</sup>, tem perante o urbanismo romano a mesma posição ambivalente que podemos observar já na própria arquitectura - os conhecimentos que nos transmite seguem, fundamentalmente, uma tradição helénica por ele apreendida não através do contacto directo com a própria Grécia, mas através dos exemplos do centro e do sul da Península Itálica, num momento em que se tinha já iniciado, no séc. I a.C., uma revolução na arquitectura e técnicas romanas, representada em edifícios como o *Tabularium* a que não alude, curiosamente, no seu tratado." **De aquí que no sea ocasional, ni afán de lucimiento erudito, la casi continua invocación a la disparidad entre el uso romano con respecto a la costumbre griega. Se nos muestra intentando unir, o amalgamar ambas pero ello responde al conocimiento del helenismo itálico y no al eclectismo augusteo**" <sup>61</sup>

Vitruvius dedicaria algumas páginas à formação e orientação das cidades de modo a evitar situações de insalubridade que pudessem ser provocadas, entre outros, pelos ventos <sup>62</sup>, (est.XCII,142).

<sup>60</sup> VITRUVIUS, I, Prefácio, 3 " Conscripsi praescriptiones terminatas, ut eas adtendens et ante facta et futura qualia sint opera, per te posses nota habere. **Namque his voluminibus aperui omnes disciplinae rationes**"

<sup>61</sup> BALIL, Alberto, "Las ideas urbanísticas en época augustea", in *St.A.*, 1972, p. 33

<sup>62</sup> VITRUVIUS, I, VI, 1 e 5 "MOENIBUS circumdatis secuntur intra murum arearum divisiones platearumque et angiportuum ad caeli regionem directiones. Dirigentur haec autem recte, si exclusi erunt ex angiportis venti prudenter. Qui si frigidi sunt, laedunt; si calidi, vitiant; si umidi, nocent....Itaque sunt conlocati inter solanum et austrum ab oriente hiberno eurus, inter austrum et favonium ab occidente hiberno africanus, inter favonium et septentrionem caurus, quem plures vocant corum, inter septentrionem et solanum aquilo Hoc modo videtur esse expressum, uti capiat numerus et nomina et partes, unde flatus certi ventorum spirent. Quod cum ita exploratum habeatur, ut inveniantur regiones et ortus eorum, sic erit ratiocinandum"

<sup>72</sup>, como o atestam os vestígios de numerosas *villae* nos seus arredores, situadas a uma distância aproximada de 3 km <sup>73</sup>

Do séc. II ao séc. V é difícil de estabelecer uma cronologia correcta para as sucessivas transformações por que passaria a cidade. Sabemos apenas que, com a crise comum a todo o ocidente romano, provocada pela incursão de Francos e Alamanos em território da Gália e da Hispânia (entre 260 e 270 d.C.) grande parte das cidades veriam o seu perfil alterado com a construção de muralhas, recorrendo aos mais variados materiais para o enchimento das paredes (est. **XCVIII**,151). Embora *CONIMBRIGA* não pareça ter sido invadida, participaria, também, deste vasto movimento, com a construção, em finais do séc. III ou, mais provávelmente, já no início do séc. IV, de uma muralha que implicaria o abandono das estruturas então situadas extra-muros, com a reformulação consequente, quer dos lotes situados imediatamente dentro, como a *Domus de Cantaber* <sup>74</sup> ou a transformação da *Domus de Tancinus*. em *basílica paleocristã* <sup>75</sup>, quer com as remodelações documentadas na *Casa dos Repuxos* e no sector junto do *aqueduto*, ou no próprio centro da cidade, com a construção de uma cisterna no *criptóportico do forum* e com as alterações sofridas nas *insulae*. (assunto que trataremos em pormenor no capítulo seguinte, quando falarmos da integração urbana das *Termas do Aqueduto*)

---

<sup>72</sup> MOUTINHO ALARCÃO, Adília, Coleções..., op.cit., p.10 " ...a epigrafia ensina-nos que o conimbrigense *G. Flavius Baeticus* herdou pelos finais do séc. I d.C., uma propriedade em Tentúgal, próximo de Ançã e sugere que a família dos *Allii* possuía terras nos municípios vizinhos de *Conimbriga* e *Aeminium*..."

<sup>73</sup> PESSOA, Miguel, *Subsídios para a carta arqueológica do período romano na área de Conimbriga*, Separata de *Conimbriga*, vol. XXV, 1986, p.71

<sup>74</sup> FERRÃO, Leonor, op.cit., *passim*

<sup>75</sup> MACIEL, J., CAMPOS COELHO, T, "A Basílica e o Baptistério Paleocristãos de Conimbriga", comunicação à *III Reunião de Arqueologia Paleocristã*, Maó, Setembro de 1988

seua *peristila*- est. **XCIV**, 145 a **XCVII**, 149) )<sup>65</sup>, a que as exíguas dimensões do velho quarteirão obrigavam a uma implantação excêntrica<sup>66</sup> A prosperidade vivida neste período, a que não é alheio, certamente, o clima de paz que o caracterizou, está ainda documentado no seu abundante numerário<sup>67</sup> representativo da consolidação monetária que se estenderia até ao final do reinado dos Antoninos, em 192 d.C.<sup>68</sup>

A ascensão da cidade a *municipium*, em virtude da concessão do *ius Latii* a toda a Península Ibérica, em 73-74 d.C., no reinado de Vespasiano<sup>69</sup>, com o nome de *Flavia Conimbriga*, integrando os seus habitantes na tribo *Quirina*<sup>70</sup> daria origem a transformações que, completando as de origem social e jurídica, implicariam uma forte alteração urbana, nomeadamente, a destruição dos vestígios pré-romanos e augustanos, para a realização de projectos com uma nova escala, como aconteceria, por exemplo no sector das *Termas Trajânicas* (est. **CXI**, 174 e **CXII**, 175) ou no sector do *forum* (est. **XCIV**, 144)<sup>71</sup>.

Este fenómeno é comprovativo da existência de classes sociais em ascensão, possuidoras de grandes propriedades dentro e fora da cidade

<sup>65</sup> Cif, em especial ALARCÃO, Jorge de, ÉTIENNE, "Les jardins à Conimbriga", in *Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture*, 1981. FERRÃO, Leonor, *A casa de Cantaber*, trabalho realizado na cadeira de Antiguidade Clássica do Curso de Mestrado em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1990, policopiado. OLEIRO, J.M. Bairrão, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga, Casa dos Repuxos*, Conimbriga, 1992

<sup>66</sup> FOUILLES, op.cit., vol. I, *passim*. Vol. VII, pp. 252-253

<sup>67</sup> ALARCÃO, Jorge de, "O domínio romano", in *Nova História...*, op.cit., p. 440

<sup>68</sup> MOUTINHO ALARCÃO, Adília, *Colecções...*, op.cit., p. 13

<sup>69</sup> ALARCÃO, Jorge de, "O domínio...", in *Nova História...*, op.cit., p. 390

<sup>70</sup> FOUILLES, op.cit., vol. VII, p. 253.

<sup>71</sup> FOUILLES, op.cit., vol. I, *passim*. Vol VII, pp.253-254

Embora prolongada a vida da cidade para lá do domínio romano, em breve a sede episcopal seria transferida para Aeminium (que, herdando a sua importância perpetuária, também, o seu nome), acabando por sucumbir, no séc. VIII, com a invasão muçulmana, sendo necessário esperar pelo séc. XVI, para que os Humanistas a trouxessem, de novo, para a memória dos povos.

**" Conimbriga acaba por ser definitivamente abandonada e transforma-se numa cidade morta .Os edifícios terão caído em ruínas, a erva invadiu e cobriu as ruas e praças, a vegetação começou a fixar poeiras e, ao longo dos séculos, um manto de terra e de esquecimento cobriu os restos da cidade" <sup>80</sup>**

---

IV, pp. 271 e 285-291

<sup>79</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, pp.244-245

<sup>80</sup> OLEIRO, J. M. Bairrão, "Ruínas de Conimbriga. Consolidação de mosaicos", in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 116, Junho de 1964, p.11

Após um período de relativa acalmia e de uma certa prosperidade, a guerra civil que oporia em 407 os partidários de Constantino III aos do Imperador Flavius Honorius (395-423 d.C.) facilitaria a entrada dos povos bárbaros na Península, marcando o início da sua ruptura com Roma, num mundo romano que no Ocidente, se encontrava também, já em extinção "Em 411, os Suevos e os Vândalos Asdingos estabeleceram-se na Calécia; os Alanos, na Lusitânia. Se, noutros pontos do Império, os bárbaros se fixaram mediante um *foedus* , ou acordo com as autoridades imperiais, o estabelecimento de Suevos, Alanos e Vândalos na Península Ibérica foi uma situação de facto que Honório não reconheceu. Na prática, porém, a Hispânia estava perdida : a história subsequente é a das lutas entre Suevos, Alanos e Visigodos, estes últimos estabelecidos mediante o tal *foedus* , que os reconheceu como aliados do imperador" <sup>76</sup>

Os textos de Idácio de Chaves dão-nos conta destes acontecimentos, neles incluindo as vicissitudes sofridas por *CONIMBRIGA* , com as invasões dos Suevos em 464 e 468. Embora as destruições tenham abrangido uma parte considerável da cidade, a Crónica de Idácio afigura-se bastante exagerada, pois como é comprovado pelos testemunhos arqueológicos e pelas fontes escritas, a cidade não foi abandonada. Disto são exemplo quer as lápides funerárias datadas de 522 ou 532, 538 e 541 <sup>77</sup> e a presença de *Late Roman C* e *Sigillata Clara D* <sup>78</sup>, quer a referência a *CONIMBRIGA* feita em diversos Concílios <sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> ALARCÃO, Jorge de, *O domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1988, p. 30

<sup>77</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol II, pp.121-124

<sup>78</sup> FÉVRIER, Paul, "A propos des céramiques de Conimbriga", in *Conimbriga XIV*, 1975, pp. 122-127. "De Sétif à Conimbriga", in *Conimbriga XV*, 1976, p. 70 . FOUILLES, *op.cit.*, vol.

*CONIMBRIGA* representa um caso especial no conhecimento da presença romana em Portugal, não sendo, como tal, generalizável ao resto do território. Perfeitamente documentada uma ocupação pré-romana <sup>3</sup>, são também, indiscutíveis as campanhas de obras da época de Augusto e do período flávio, bem como as posteriores remodelações devidas a factores da mais variada índole, sejam por motivos de segurança (como o parece atestar a construção da muralha), ou por motivos relacionados com as grandes transformações sociais do Baixo Império .

As *Termas do Aqueduto* integram-se num conjunto de instalações termais com o qual foi dotada a cidade, no início do império <sup>4</sup> e nas sucessivas remodelações urbanas, quer de iniciativa pública, quer privada, e de que se conhecem, também, as *Termas Augustanas* , as *Termas de Trajano* , as *Termas Extra-Muros* , e o sector termal da *Domus de Cantaber* .

As instalações mais antigas são as *Termas Augustanas* (est. **CIX**, 171 a **CX**, 173) que, como o nome indica, datam da vasta remodelação que o início do império trouxe às cidades da Península Ibérica, dotando-as não só de uma administração feita à semelhança da capital, materializada na tripla função que os seus *fora* assumiram, mas dotando-as, também, de um conjunto de edifícios representativos de um vasto e completo quadro social e, como tal, factores fundamentais na romanização dos diferentes povos.

Descobertas acidentalmente em 1969, quando dos trabalhos de confirma-

---

<sup>3</sup> CORREIA, Vergílio , "Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha)", in *A.P.*, XXI, 1916, pp. 252-254  
CORREIA, Vergílio Hipólito, "Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo Vale do Mondego", in *Estudos Orientais IV* , Universidade Nova de Lisboa, 1993. FOUILLES, *op.cit.* , vol.I e vol. VII., *passim*

<sup>4</sup> Não existem vestígios de balneários do período republicano nem, à semelhança do que acontece noutros pontos do país, de instalações pré-romanas, como por exemplo, no Freixo (Alarcão, Jorge de, *op.cit.*, vol II, fasc. 1, p. 28 )

Capítulo terceiro

### ***Termas do Aqueduto* - Estudo analítico e comparativo**

O inventário realizado por Jorge de Alarcão em 1982 <sup>1</sup> registava um total de aproximadamente sessenta locais com vestígios de instalações termais, *balnea* ou, simplesmente de estrutura de *hypocaustum*. Deste total, quase metade são referenciados pelo autor, como *termas*, sendo algumas de aproveitamento de águas medicinais. Das restantes, a maior percentagem diz respeito a estruturas integradas em *villae*.

Dado que se trata de um inventário dos vestígios romanos encontrados no nosso país, mesmo de materiais dispersos, esta primeira análise necessita de um estudo mais aprofundado, a partir dos trabalhos de esavação, que nos indique, efectivamente, e dentro dos parâmetros geralmente utilizados <sup>2</sup>, se se trata realmente de *balnea* ou de *thermae*.

Embora sejam já numerosos os estabelecimentos total ou parcialmente escavados, a falta dos respectivos relatórios finais, torna difícil um estudo comparativo, o que é agravado pela diversidade tipológica resultante não só das próprias características deste tipo de edifícios, mas também do facto de muitos deles estarem ligados, como já referenciámos, ao aproveitamento das capacidades terapêuticas de algumas águas, que determinam, por sua vez, variantes na sua organização espacial.

---

<sup>1</sup> *Roman Portugal*, Warminster, England, 1988, 4 vols.

<sup>2</sup> *Cif* cap. I, onde se aborda a problemática da classificação deste tipo de edifícios

No seu lado oriental os vestígios parecem indicar a existência do que poderá ter constituído as instalações de um guarda (*balneator*), vestíbulo e até mesmo *tabernae* <sup>9</sup>. Obedecendo a um modelo de tipo *campaniense* (oferecendo, na articulação dos espaços, bastantes semelhanças com as *Thermae Stabianae* - est. III,3), a originalidade do arquitecto traduziu-se no modo como articulou e relacionou os espaços entre si, expressa numa composição formal que recorreu a formas geométricas puras, neste caso, o quadrado: representado no conjunto formado por todo o edifício ou, em escala menor, no conjunto formado pelo sector termal propriamente dito (*tepidarium*, *caldarium* e área de serviços) ou, ainda, no próprio *frigidarium*. -"La liberté du maître d'oeuvre a été plus grande certes qu'en Italie. **Ce ne sont pas des balnea, mais bien des Thermae, qui font l'orgueil de l'oppidum de Lusitanie**" <sup>10</sup>

Mais complexas são as *Thermae Trajânicas* (est. CXI,174 a CIII,177) representativas da grande remodelação então sofrida pela cidade e que, à semelhança do que sucedia em todo o império, ilustram o prestígio e desenvolvimento atingido pela arquitectura romana na segunda metade do século I.

As grandes transformações urbanas que em período *flávio* se fizeram sentir foram consequência, indubitavelmente, da extensão do *ius latii* a toda a Península Ibérica, produzindo no sector termal remodelações ainda mais profundas do que as sofreu o próprio *forum*. O plano pompeiano posto em prática no edifício anterior, dava agora lugar a um outro que podemos classificar como do tipo imperial, <sup>11</sup> de ritmo ternário, no qual espaços

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 47

<sup>10</sup> *Ibidem*, P. 50

<sup>11</sup> *Cif.*, cap. I, p. 19

ção do levantamento executado em 1966, reforçando a existência de outros níveis augustanos, já conhecidos <sup>5</sup>. O conjunto, que se instalou num sector ocupado por casas da Idade do Ferro, foi totalmente sacrificado quando da construção das *Termas Trajânicas*. Ele é composto por uma *palestra* à maneira helénica, da qual se tinha acesso ao *frigidarium* , *tepidarium*, *caldarium* e área de serviços. O *frigidarium*, de composição regular e simétrica, era constituído por uma piscina quadrada (10,25 m de lado), rodeada em três dos seus lados por um pórtico de 2,90 m. Deste, passava-se ao *tepidarium*, de composição ternária, que integrava um *pediluvium* e uma sala com *labrum* abrigado num nicho, coberto por uma semi-cúpula que, à semelhança do que se pode encontrar nas *Termas do Forum* de Pompeia, deveria ter tido uma janela <sup>6</sup>, obedecendo à regra vitruviana <sup>7</sup>. Curiosa é, também, a forma semi-circular que parece ter tido o *alveus* oriental do *caldarium*, não usual nos *alvei* de período augustano <sup>8</sup>. A norte e nascente do *caldarium* ficavam as fornalhas e respectivas áreas de serviço. A norte do sector termal propriamente dito, e ao longo deste, situava-se a *palestra* ,de forma trapezoidal, quase rectangular, atravessada a noroeste pela conduta do *aqueduto augustano* ; segundo os achados efectuados quando da escavação da *natatio* de período trajânico, parece ter tido um pórtico, de largura igual a 2,30 m , de separação com o *frigidarium*, abrigando os banhistas que saíam do *pediluvium*.

---

<sup>5</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 41

<sup>6</sup> *Ibidem* , p. 44 ; SEAR, Frank, *Roman Architecture* , Bath, 1989 p.114

<sup>7</sup> V,X,5. "Mediumque lumen in hemisphaerio relinquatur, ex eoque clypeom aeneum catenis pendeat, per cuius reductiones et dimissiones perficietur sudationis temperatura. Ipsumque ad circinum fieri oportere videtur, ut aequaliter a medio flammae vaporisque vis per curvaturae rutundationes pervagetur"

<sup>8</sup> FOUILLES , *op.cit.*, vol. I, p. 45

*palestra-ginásio* , situada a sul do conjunto e percorrendo-o a toda a sua largura, está separada deste por um muro suficientemente elevado para esconder a zona de serviços, constituindo o elemento onde mais facilmente nos apercebemos da grande evolução operada neste tipo de edifícios a partir do século I d.C. Com dimensões totais de 18,6 m x 45 m é limitada a norte por um pórtico de 2,80 m que a acompanha, também, em toda a sua largura, e estende-se para sul, até ao limite do planalto, proporcionando aos seus utentes, através da perfeita união entre arquitectura e paisagem e do efeito cenográfico produzido pelos seus inúmeros recessos e *exedrae*, disfrutar da própria natureza (tão importante para o homem romano), seguindo um modelo anunciado por Agrippa e adoptado a partir das *Termas de Nero* <sup>13</sup>, ainda que sofrendo algumas alterações.

Ocupando uma área sensivelmente igual à de cada uma das *domus* extra-muros, é-nos extremamente difícil precisar, hoje, quais deveriam ter sido as dimensões reais do sector termal extra-muros (est. **C**, 155 a **CVII**, 167), em virtude de não ter sido ainda definido o seu limite poente, e de terem sido sacrificados alguns espaços quando da construção da muralha (nos finais do século III ou inícios do IV), que destruiu, pelo menos, uma das suas salas (est. **XCVIII**, 150 e 152).

Ao quarteirão residencial em que estão inseridas parece referir-se a notícia dada em 1907 <sup>14</sup>, mais especificamente à *Casa dos Repuxos* <sup>15</sup> que interpreta o espaço então descoberto, como um estabelecimento para

---

<sup>13</sup> *Cif.*, cap. I, p.22

<sup>14</sup> G. (António Augusto Gonçalves ?), in Resistência de 28 de Fevereiro de 1907. FOUILLES, Vol. VII, p. 217.

<sup>15</sup> OLEIRO, J.M. Bairrão, *Corpus dos Mosaicos...*, *op.cit.*, p. 9

abertos e fechados se sucedem alternadamente - *natatio* , sector termal propriamente dito (obedecendo, também este, a um ritmo ternário-*frigidarium* , *tepidarium* com *laconicum* e *caldarium* - segundo um eixo este-oeste, perpendicular ao que se desenvolve o próprio edifício ) e *palestra* .

Uma porta de escala e decoração modestas, contrastante com o resto do edifício, dava acesso a um pátio de grandes dimensões (33,9 m x 21,70 m), no qual se situava a *natatio* (de 15,9 m x 10,75 m, isto é, com uma largura igual a  $\frac{2}{3}$  do comprimento), rodeada por um corredor de circulação cuja largura variava entre 8,15 m e 8,25 m , e comunicando com a *palestra* por um pórtico de forte efeito cenográfico.

O *frigidarium* , F<sub>2</sub>, ( 25,10 m de comprimento, com uma largura que varia entre 8,87m ao centro, e 10,70 m) é constituído por um espaço central ladeado por duas salas nas quais se encontram dois *alveus* frios, rigorosamente iguais, situados um defronte do outro. Deste, passava-se ao *tepidarium* , também constituído por um espaço central, ladeado por duas outras salas, mas agora circulares - T<sub>2</sub>, com um raio interior de 6,46 m, e L<sub>2</sub>, *laconicum* , de diâmetro interno igual a 9 m, rematado nos cantos por quatro nichos, de diâmetros variáveis, obedecendo já ao preceito vitruviano<sup>12</sup>. No *caldarium* , de formato rectangular rematado por dois *alveus* iguais, poderemos observar, também, a mesma preocupação cenográfica comum a todo o edifício, aqui traduzida nos recessos que apresenta, no seu interior, a parede sul. Também aqui, à semelhança do que sucedia nas *Termas Augustanas*, o sector termal inscreve-se num quadrado, no qual estão incluídas, ainda, as quatro fornalhas que o ladeiam a nascente e a sul. A

---

<sup>12</sup> VITRUV, V, X, 5 " Laconicum sudationesque sunt coniungendae tepidario "

podemos concluir estar perante um edifício que, embora obedeça a uma tipologia típica em uso desde a República até ao período *júlio-claudio*, deveria apresentar dimensões consideráveis, a avaliar pela área ocupada por estruturas de *hipocaustum*. A *natatio* deveria estender-se para sul, e a poente da actual muralha, para além da já citada sala, é provável que ficassem outros espaços, nomeadamente a sua *palestra*, numa área posteriormente ocupada pela *Domus de Cantaber*. Servindo um quarteirão de características predominantemente residenciais, a sua existência deixaria de se justificar a partir do momento em que, em virtude da construção da muralha, seriam abandonadas as *domus* que ficaram fora dela, não se justificando sequer a sua utilização pelos lotes intra-muros, uma vez que, a reorganização dos mesmos, implicaria a construção de uma única residência, dotada de banhos privados (*Domus de Cantaber*), e a *Domus de Tancinus*<sup>17</sup> daria, de imediato ou num futuro próximo, lugar à *Basílica Paleocristã*.

Não menos complexo é o sector termal da *Domus de Cantaber* (est. **CVII**, 168 a **CVIII**, 170) que, tal como aconteceu com o edifício anterior participou, também, das grandes remodelações resultantes da construção da muralha. À semelhança do que aconteceu com o resto da casa, o sector termal parece apresentar três períodos distintos de construção, em função da aplicação de critérios determinados<sup>18</sup>, como por exemplo a resolução das coberturas, forma dos compartimentos, existência de pavimentos sobrepostos. Teremos, assim, uma primeira fase, *severiana*, a que se

<sup>17</sup> MACIEL, J., CAMPOS COELHO, T. de., "A Basílica Paleocristã de Conimbriga", comunicação apresentada na *III Reunião de Arqueologia Paleocristã, Maó, Setembro de 1988*

<sup>18</sup> FERRÃO, Leonor, *A Casa de Cantaber - estudo arquitectónico*, trabalho realizado para a cadeira de Antiguidade Clássica, do Curso de Mestrado da Universidade Nova de Lisboa, 1990, policopiado, p. 64

banhos. As escavações que Vergílio Correia empreendeu entre 1930 e 1944, ano da sua morte, integrariam também este sector, não nos tendo chegado, à semelhança do que aconteceu com as escavações por ele feitas noutros pontos da cidade, os relatórios das mesmas. Retomadas em 1963, no sector a sul da via romana, pelo Professor Jorge de Alarcão , poriam a descoberto parte das Termas, de que constam, nomeadamente, um *laconicum* bastante bem conservado <sup>16</sup>, bem como a *Basílica Paleocristã*, cuja escavação fora, também, já iniciada por Vergílio Correia. Não tendo sido ainda publicados os resultados destas escavações, aguardamo-los com o máximo interesse pois trarão ,certamente, resposta para muitas das dúvidas com que hoje nos debatemos, nomeadamente em relação às *Termas do Aqueduto* , cujo funcionamento deve ter estado directamente ligado ao ao seu abandono, assunto que oportunamente retomaremos.

Aquilo que hoje conhecemos deste sector da cidade, permite-nos apenas avançar com algumas hipóteses sobre este edifício, que à semelhança dos outros edifícios deverá ter sido abandonado quando da construção da muralha, de acordo com os vestígios e o espólio de que dispomos. A entrada principal far-se-ia pela rua sobre a qual viria assentar a mesma, dispondo ainda de uma outra entrada a norte, secundária, que comunicava também com as *tabernæ* da *domus* vizinha. O plano obedece ao estilo campaniense, não indiciando uma composição axial e simétrica. O *laconicum* , semelhante aos das *Termas Trajânicas* (circular, possivelmente com quatro nichos nos cantos dos quadrados em que se inscreve), é a sala melhor conservada. Da sumária análise formal que nos é permitido fazer

---

<sup>16</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 241

quasi intacto um trço encostado às muralhas...**O maciço de construções desaterradas constitui uma única domus** , limitada do sul por um espaço vago, com vestígios de empedrado, de nascente pela rua desaterrada, e de norte pelo aqueduto. **É de carácter nitidamente utilitário e privado êste conjunto urbano**, em flagrante contraste com a construção de além do pórtico...**Já ao ano de 1936 pertence o desaterro da zona compreendida entre o aqueduto e um trço das muralhas, do lado do norte. Aqui se puseram a descoberto dois tanques encostados ao muro da conducta, os restos de um gracioso edifício de quatro absides sôbre hipocausto**, e a segunda porta de Conimbriga, que fica próximo do viaducto sôbre o qual a via romana atravessava um regato que corre na baixa do terreno. Dêste lado se libertou também a muralha, interna e externamente, das terras que a submergiam". A publicação desse ano a elas não se refere como termas explícitamente, o que só viria a acontecer nas publicações posteriores, em especial na de 1941 <sup>21</sup>, onde as define como *establecimiento público* e refere, para além disso, o achado da lápide com inscrição votiva "El otro, adosado al paredón del acueducto, al norte, compuesto con dos piscinas con escalera, vecino a una construccion aislada, de corredor central, teniendo a sus lados cuatro cámaras absidales sobre hipocausto, destinadas a baños calientes, es un auténtico balneus público. Allí fué hallada la lápida con la misteriosa inscripción : REMETIBUS AUG. de la que las ocho letras restantes de consagración fueron destruídas con martillo".

À semelhança do que já aconteceu com as *Termas Extra-muros* , o maior problema consiste no facto de não ter chegado até nós o respectivo relatório de escavação , não oferecendo assim, para além de uma possível leitura formal, qualquer esclarecimento que nos ajude na sua interpretação. Ao

---

<sup>21</sup> CORREIA, Vergílio, "Las mas recientes excavaciones de interes en Portugal. La ciudad de Conimbriga", in *A.E.A.*, vol. XLIII, 1941, p. 264

segue uma outra datada de finais do século III, uma das datas prováveis para a construção da muralha, e uma terceira do início do século IV, em que se incluem, também, umas latrinas. Põe-se ainda a hipótese de a *Domus de Cantaber* resultar da fusão de duas ou mais *domus*, uma das quais tivesse já um sector termal de reduzidas dimensões, que teria sido posteriormente aumentado. A articulação de diferentes espaços de forma poligonal, mostrando uma solução ensaiada na construção da *Domus Aurea* em 62 d.C.<sup>19</sup>, não deixa dúvidas de que estamos perante um conjunto que sofreu alterações (ou foi inicialmente construído) numa data que pode recuar, no máximo, aos finais do século I.

#### *Termas do Aqueduto - exumação das ruínas*

Situadas no sector nordeste da cidade, entre o *aqueduto augustano* e a muralha construída no Baixo Império que, à semelhança do que aconteceu com os dois últimos sectores termais por nós referidos, por ela deve ter sido condicionado.

Descobertas por Vergílio Correia em 1936, na sequência de outra campanha de escavação que, em 1934, houvera já posto a descoberto um edifício a sul do aqueduto, por ele definido como estabelecimento comercial, do qual nos dá notícia nesse mesmo ano<sup>20</sup>: " Os trabalhos executados em 1934 visaram pôr a descoberto o sector entre o pórtico principal e o aqueduto, do qual se mantêm

---

<sup>19</sup> *Cif.*, cap. I, p. 37

<sup>20</sup> CORREIA, Vergílio, *Conimbriga, notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra 1936, p. 13 -15

Aquites , com datações propostas, para o século II e início do século III, respectivamente.

### *Integração urbana*

Situado no sector nordeste da cidade (est. **CXIV**, 178), encostado à parede norte do aqueduto, os seus limites são constituídos, a nascente, pela via que na cidade fazia a ligação entre a porta de Sellium e a de Aeminium , que lhe fica próxima; a poente, os seus limites não estão ainda bem definidos, devendo constituir uma outra via que, contornando uma área habitacional junto do sector monumental (já ocupada na Idade do Ferro <sup>29</sup>), se dirigia para norte.

Neste sector instalar-se-ia, no período *julio-claudio* um quarteirão de *domus* que, provavelmente também já ocupado em período céltico <sup>30</sup> , viria a sofrer remodelações na primeira metade do século II para, de novo, ser profundamente alterado com a construção da muralha do Baixo Império. A uma vocação essencialmente habitacional (como o confirmam as *domus* já referidas que, com os seus *peristila*, obedecem a um modelo tipicamente imperial <sup>31</sup>, anunciando já a revolução *flaviana* ) juntou-se ainda uma actividade comercial comprovada pelas inúmeras *tabernæ* estrategicamente

---

<sup>29</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol.I, p.66

<sup>30</sup> *Ibidem*

<sup>31</sup> GRIMAL, P. , *Les villes romaines* , Paris , 1983, p. 113. ELLIS, Simon P., "The end of the Roman House", in *A.J.A.*, 92(4), Outubro de 1988, p. 565 . THÉBERT, Yvon, " Vida privada e arquitectura doméstica na África do Norte", in *História da vida privada* , Lisboa 1989, p. 309. FERRÃO, L., *op.cit.*, p.p 26-36

material arqueológico nelas exumado, só temos a certeza que pertence a lápide referida no seu texto, a que veio juntar-se, recentemente, resultante de operações de limpeza no sector junto à muralha, uma moeda do tempo de Caracalla (211-217) <sup>22</sup>, não nos ficando também qualquer descrição dos trabalhos de consolidação posteriormente realizados <sup>23</sup>.

A leitura e publicação da referida lápide seria feita mais tarde <sup>24</sup>. De calcário fino, o seu acabamento leva-nos a supor que estaria integrada numa parede, sendo apenas visível a face epigrafada. Com dimensões iguais a 51,5 cm x 88 cm x 24,3 cm, o seu campo epigráfico ( de 37,2 cm x 72,5 cm) divide-se em três linhas horizontais, contendo as duas primeiras a dedicatória a *Remetes Augusto*, e a última o nome do ofertante, posteriormente apagado <sup>25</sup>, para o que não se encontrou até agora uma explicação plausível, a não ser a então vulgar reutilização dos elementos em novas situações.

Esta lápide revelar-se-ia de primordial importância, pois além de constituir o único exemplar da Península Ibérica que associa o culto de uma divindade indígena (consagrada a uma divindade aquática) ao culto do imperador <sup>26</sup>, integra um conjunto pouco vulgar de inscrições votivas a divindades aquáticas, como o demonstram as lápides dedicadas a Fortuna, protectora da saúde daqueles que frequentavam os banhos <sup>27</sup>, bem como a que foi encontrada num dos tanques da *Casa dos Repuxos* <sup>28</sup>, dedicada aos Lares

---

<sup>22</sup> Informação do Dr. Virgílio Hipólito Correia

<sup>23</sup> *Cif.*, documentos 6 e 7

<sup>24</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. II, p. 38-40, com o n.º 18

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 38

<sup>26</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 266

<sup>27</sup> *Ibidem*, vol. II, p. 24, inscrição 5. Vol. VII, p. 266

<sup>28</sup> *Ibidem*, vol. II, p. 28, inscrição 9 ; vol. VII, p. 266

necessária é, segundo os estudos feitos por Eschebach para Pompeia <sup>35</sup> de 500 litros por dia para cada habitante, a população de *CONIMBRIGA* poderá ser avaliada entre 10.000 e 15.000 habitantes, se considerarmos 12.413 m<sup>3</sup> como produção média do aqueduto <sup>36</sup>. A sua redução para 5.700 m<sup>3</sup> deve ter criado alguns problemas responsáveis, sem dúvida, pela transformação em cisternas de alguns *criptopórticos*, como aconteceu com o *criptopórtico flávio* <sup>37</sup> e com o do *edifício a sul do aqueduto*, que poderá ter abastecido as termas vizinhas, provavelmente através de canalizações de chumbo <sup>38</sup>

A reconstrução do *castellum* empreendida por Vergílio Correia, não obedecendo ao plano original <sup>39</sup>, traz alguns problemas na sua leitura. Medindo 5,30 m x 4,10 m, articula-se a este com o próprio aqueduto e, a poente, com outra construção posterior (est. **CXVIII**, 182 e **CXIX**, 183). No seu interior existe um tanque cujo lado mede 2,10 m que deveria ter junto outro tanque de dimensões sensivelmente iguais (2,40 m), de que ficaram, apenas, as fundações. Obedecendo ao preceito vitruviano <sup>40</sup>, o primeiro serviria de decantação e do segundo, saíam condutas destinadas ao abastecimento público e privado, tal como podemos ver ainda, por exemplo, no *castellum*

---

<sup>35</sup> ESCHEBACH, E. "Ravitaillement hydraulique de Pompéi", in *Colloque sur les Aqueducs*, Lyon, 1977. Cit. in FOUILLES, *op.cit.*, vol I, p. 60, nota 47

<sup>36</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol I, p. 60

<sup>37</sup> *Ibidem*

<sup>38</sup> ÉTIENNE, R, ALARCÃO, J., "O aqueduto romano de Conimbriga. Relatório preliminar", in *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.I, Porto, 1974, p. 290

<sup>39</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol.I, p. 60

<sup>40</sup> VITRUV, VIII, VI, 1 e 2 "Cumque venerit ad moenia, efficiatur castellum et castello ciniumctum ad recipiendam aquam triplex inmissarium, conlocenturque in castello tres fistulae aequaliter divisae intra receptacula ciniuncta, uti, cum abundaverit ab extremis, in medium receptaculum redundet. (2) Ita in medio ponentur fistulae in omnes lacus et salientes, ex altero in balneas vectigal quotannis populo praestent, ex quibus tertio in domus privatas, ne desit in publico ; non enim poterint avertere, cum habuerint a capitibus proprias ducciones."

dispostas ao longo do eixo viário que assegurava a ligação da cidade com Sellium e Aeminium, respectivamente.

Podemos concluir , assim, estar perante um edifício que, em conjunto com o estabelecimento escavado por Vergílio Correia em 1934, ocupa um quarteirão com uma área aproximada de 1400 m <sup>2</sup>, cuja evolução foi certamente condicionada , para além da sua localização nas portas da cidade, pelo *aqueduto augustano* e pela construção da muralha .

Como todos os empreendimentos romanos, a construção do *aqueduto* é reveladora do trabalho de pesquisa e de precisão que caracterizaram a perícia dos engenheiros de então.

Embora conhecidos do mundo grego (como, por exemplo, o de Pergamo, construído entre 197 e 159 a.C.), a primeira construção sobre arcadas seria realizada em 144 a.C., com o *Aqueduto Marcio* , em Roma <sup>32</sup>. Percorrendo uma distância de 2760 m da sua origem em Alcabideque até à piscina das *Termas Augustanas* (a que corresponde na realidade um traçado no terreno de 3443,31 m , em virtude das características do mesmo-est. **CXV**, 179) <sup>33</sup>, distância essa que nos parece ser reduzida se tivermos em conta o percurso de outros aquedutos <sup>34</sup>, a sua importância deverá ser avaliada, sobretudo, em função da produção diária, destinada não só ao abastecimento doméstico, mas também aos banhos, fontes e indústrias diversas (est. **CXVI**, 180 e **CXVII**, 181). Admitindo que a a quantidade de água

---

<sup>32</sup> ADAM, J.-P., *La construction romaine* , Paris, 1984, p. 261

<sup>33</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 52.

<sup>34</sup> Jean-Pierre Adam dá-nos valores que variam entre 6 e 130 Km para alguns dos aquedutos romanos já conhecidos (ADAM, J.-P., *op.cit.*, pp.263-264)

possibilidade de estarmos perante uma *insula*, hipótese que deverá ser posta, também, com algumas reservas, em virtude da axialidade e simetria que apresenta a sua rigorosa composição, não comum neste tipo de edifícios.

A diferença de nível de poente para nascente, implicou a construção de espaços articulados em diferentes níveis, como referenciara já Vergílio Correia <sup>45</sup>, que atribui a transformação do pátio em cisterna à construção do aqueduto, por ele datado do século III : "**Como a rua vai descendo na direcção do arco, por estar a porta da povoação colocada precisamente sôbre o espinhaço da altura, as lojas ficam em plano inferior ao normal da habitação.** Os compartimentos mais dignos de nota da parte alta do edifício são uma grande sala rectangular, comunicante com um pátio interior, o qual devido à construção do aqueduto e à consequente abundância de água veio a ser transformado em depósito, para o que foi quasi tóda a área ocupada por um grande tanque, ao ar livre."

A grande sala rectangular referenciada no texto deve corresponder ao espaço 14, com encaixes para os barrotes de um pavimento em madeira, deixa adivinhar a existência de um piso intermédio, cuja cota seria também a dos corredores 9 e 8, como parecem demonstrar os pilares adossados às suas paredes, pilares esses inexistentes no corredor 18 (est. **CXXXVI**,214 a **CXXXVII**,216). A diferença da cota a que estaria esta sala, para a do topo do aqueduto (est. **CXVII**,181) permite ainda, supor a existência de um outro piso, por cima deste. O espaço 18, a adivinhar pelas cinco janelas que se abrem na sua parede nascente (est. **CXXXIII**,208 e 209), poderia ter constituído um piso inferior para o qual dariam as salas 33, 30 e 19 (

---

<sup>45</sup> CORREIA, Vergílio, *Conimbriga. Notícia...*, *op.cit.*, 1936, p.14

*aquae* de Pompeia <sup>41</sup>. Dotando a cidade de infraestruturas indispensáveis aos quadros de vida romanos, desempenharia também, papel fundamental no próprio urbanismo, nomeadamente no traçado das vias de *período augustano*, ao determinar o *decumanus* principal da cidade <sup>42</sup>, como o demonstra a abertura da rua das termas que o tomou como eixo <sup>43</sup>. Tal como aconteceu no resto do império, o aqueduto de *CONIMBRIGA* integra-se no vasto programa de trabalhos hidráulicos empreendidos no período *júlio-claudio* no qual, ao serem criadas as condições indispensáveis ao desenvolvimento das cidades, se sedimentava, simultâneamente, o próprio império . Basta vermos que, dos onze aquedutos de Roma, cinco foram construídos neste período <sup>44</sup>.

Escavado por Vergílio Correia em 1934, o *edifício situada a sul do aqueduto* (desenho 1) continua, ainda, a pôr-nos alguns problemas quanto à sua interpretação. A importância do edifício parece resultar da sua posição estratégica num espaço que, situado à entrada da cidade, para o qual se abriam as *Domus de Cantaber* e dos *Repuxos*, deve ter constituído um elemento significativo na sua imagem ( pelo menos até à construção da muralha), e na sua vida comercial, como o demonstra o grande número de *tabernæ*, na fachada nascente. O elevado estado de ruína da ala poente, a que se vem juntar a falta de elementos sobre a sua escavação, torna difícil a leitura deste sector. A grande diversidade de espaços de reduzidas dimensões (e que poderão constituir acessos verticais) aponta para a

---

<sup>41</sup> ADAM, J.-P., *op.cit.*, p. 274

<sup>42</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 252

<sup>43</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 67

<sup>44</sup> ADAM, J.-P., *op.cit.*, p. 261

Alguns pormenores construtivos chamam, ainda, a nossa atenção. Na parede nascente da sala 11 existe um canal de escoamento da cobertura que conduziria a água para um reservatório (veja-se o exemplo da Casa do Fauno em Pompeia<sup>50</sup>) ou, mais provávelmente, uma ligação ao colector, como na *insula* a norte das termas<sup>51</sup>, enquanto que no canal a este do tanque um pequeno murete indicia a existência de um reservatório, em comunicação com o espaço 17, que poderá ter servido de distribuidor de água para o edifício, e até mesmo para o sector termal do aqueduto. Veja-se, por exemplo, o escoamento que parece ter existido do compartimento 17 para o 8 (est. **CXLII**,226), cujo canal desembocava na sala 7, donde deveria sair a ligação ao colector, pondo-se mesmo a hipótese de o mesmo passar sob o espaço 43, entroncando, assim, num escoamento de águas sujas comum também às *termas*. Esta ligação com o sector termal explicaria ainda a existência, no *frigidarium*, do que parece ter sido um pequeno canal de abastecimento de água, que partindo da parede do aqueduto, teria alimentado, possivelmente, as suas latrinas. (est. **CXLIX**,239 e **CL**,241)

Vemos, assim, que estamos perante um edifício espacialmente complexo, do ponto de vista formal e funcional, articulando os seus diferentes níveis numa organização que nada tem a ver com as *insulae* já escavadas em *CONIMBRIGA*<sup>52</sup>, mas que apresenta semelhanças com outros edifícios, nomeadamente com a *Insula delle Muse*<sup>53</sup> ou a da *Via delle Domus*

50 ADAM, J.-P., *op.cit.*, p. 258

51 FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 77

52 *Ibidem*, p. 67

53 MEIGS, R., *op.cit.*, p. 244



armazém ou espaço de habitação ?), cujo acesso se faria pelo espaço 18A, à semelhança do que aconteceu, por exemplo, em Pompeia <sup>46</sup>, aproveitando em altura o espaço que não dispunham em extensão. A análise do edifício permite-nos colocar pelo menos três hipóteses quanto à sua formação e classificação :

a) Trata-se de uma *domus* com lojas arrendadas ou exploradas directamente pelo seu proprietário. Neste caso, pelas suas dimensões, configuração e posicionamento, a sala 14 corresponderia ao *triclinium* e a entrada da habitação far-se-ia lateralmente (esquema ortogonal) <sup>47</sup>.

b) Em virtude da grande compartimação e da existência de espaços de reduzidas dimensões, estaríamos em presença de uma *insula* , sendo a sala 30, provavelmente, a sala do porteiro (*janitor* ), e constituindo a divisão 29 um dos acessos verticais .

c) A rigorosa axialidade e simetria de todo o edifício poderiam ser explicadas pelo facto de se tratar de uma *domus* , transformada, posteriormente, em *insula* (talvez após a construção da muralha, com possível transferência das *tabernæ* que ficavam a sul da *Casa dos Repuxos* , então abandonadas) , como aconteceu, por exemplo, em Ostia durante o século II <sup>48</sup> e explicado, sobretudo, por razões de ordem económica e social <sup>49</sup>. (est. **CXLIV**,230)

<sup>46</sup> ADAM, J.-P., *op.cit.*, p. 340

<sup>47</sup> THÉBERT, Yvon, *op.cit.*, p. 372. FERRÃO, Leonor, *op.cit.*, p.27

<sup>48</sup> MEIGS, Russel, Roman Ostia , Oxford 1973, pp.238 e 251 " Between the late Flavian period and the death of Antoninus Pius few new independent houses were built, and many were pulled down to be replaced by *insulæ*. These catered not merely for the poor, but also for families of substantial means. For some three generations the *insula* became the dominant house type at Ostia"

<sup>49</sup> ELLIS, S., *op.cit.*, p. 565, a propósito do desaparecimento da casa de peristilo "Though rich houses, built at an earlier date, continued to be occupied in Late Antiquity, they were increasingly converted into groups of small, poor quality apartments"

não se pode dever apenas a um grande desastre "**The disaster itself is not a sufficient explanation.** The important question is : Why did the survivors not rebuilt the town or estate ? Did they move the site of settlement, or did they not have enough resources to rebuild it ? In considering the end of the Roman city or of the Roman house **we should thus look at underlying social or economic constraints rather than at disasters.** From the fourth century the physical form of the Roman city changed. Social and economic changes in the empire as a whole meant that severalTypes of Roman buildings lost their traditional rules in the urban community" <sup>57</sup>. A opinião de que a *antiguidade tardia* foi um período de decadência e de que as invasões germânicas do séc. III tenham produzido a decomposição total das estruturas urbanas hispânicas, tem sido a pouco e pouco abandonada em virtude da análise de alguns textos e da escavação de alguns dos seus monumentos que nos revelam que muitas das suas cidades eram, como por exemplo Mérida, bastante ricas ainda no séc. VI <sup>58</sup>. As principais causas das transformações então operadas parecem dever-se mais a factores de ordem económica e social, extensíveis a todo o império, agudizando a diferença entre classes sociais, com a concentração de poder e bens na mão de alguns quadros superiores, que colocaram sob a sua protecção uma numerosa clientela. Estas mudanças ao nível da vida do quotidiano e das relações sociais, implicariam transformações também ao nível da própria arquitectura. Provam-no as reformulações sofridas pelas *domus* da aristocracia que passam a incluir

---

<sup>57</sup> ELLIS, Simon P., "The End of the Roman House", in *A.J.A.*, 92, 1988, pp. 565-566

<sup>58</sup> ALTET, Xavier Barral i, "Transformaciones de la topografía urbana a la Hispânia cristiana durant l'Antiguitat Tardana", in *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispanica*, Abadía de Monserrat, 1982, p. 107

*Republicane* <sup>54</sup>, ou ainda com a *Casa de Diana* <sup>55</sup>, ou com a do sector 5E em Illici <sup>56</sup>. A sua organização em volta de um tanque central , numa organização simétrica e axial, lembra-nos mais a organização das *domus* já nossas conhecidas, embora o grande número de *tabernæ* , bem como a sua colocação estratégica entre as duas portas da cidade e junto ao aqueduto, apontem para uma utilização nítidamente comercial, a que não falta sequer o abastecimento de água necessário a uma série de indústrias de pequeno vulto. Isto leva-nos, também, a pôr a hipótese de uma possível ligação com as termas propriamente ditas, ainda que numa fase inicial, hipótese essa determinada por razões funcionais e formais ( veja-se o surpreendente alinhamento entre algumas das suas paredes com as das *termas do aqueduto* como por exemplo entre as paredes do tanque 16 com o sector do *tepidarium* e do *caldarium* (des.1), assunto a que voltaremos quando tratarmos do problema da análise e reconstituição das *termas*.

A razão tradicionalmente apontada para a construção de muralhas no *Baixo Império* prende-se com o clima de insegurança provocado pelas invasões que Francos e Alamanos empreenderam na Península Ibérica no séc.III, mais precisamente entre 260 e 270. Embora a Lusitânia não tenha sido invadida, delas nos chegaram, certamente, relatos. Responsáveis por certas medidas defensíveis, alguns autores não vêem nelas razão suficiente para as grandes transformações urbanas então operadas, cuja explicação

---

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 238.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 240. Também nesta foi providenciada no seu pátio uma cisterna.

<sup>56</sup> RAMOS,R., "La casa urbana Hispanorromana en Illici", in *Actas del Congreso La casa urbana hispanorromana* , Zaragoza, 1991, pp. 69-78

necessidades de certo estrato social), de que constavam ainda umas *termas* e várias *tabernae*. Intra-muros a *Domus de Cantaber* viria ocupar o que anteriormente parece ter constituído dois ou mais lotes distintos (que deveriam ter cada um deles uma área aproximadamente igual à das *domus* extra-muros, caracterizadas por um loteamento bastante regular), e que parece corresponder, também, à grande dicotomia que no Baixo Império se fez sentir - por um lado, a transformação de grandes *domus* em *insulae* e, por outro, a anexação de vários lotes para a construção de luxuosas residências que, como já referimos, eram impostas pelo novo quadro de vivência social.

Neste contexto, poderemos encontrar uma explicação plausível para o abandono das *Termas Extra-muros*, uma vez que, abandonado o quarteirão residencial em que se inseriam, cessariam as suas funções - a reorganização a que se assistia na *Domus de Cantaber* dotava-a de um estabelecimento termal de importantes dimensões, e à *Domus de Tancinus* sucederia a *basílica paleocristã*, cuja situação junto das muralhas encontra paralelos em muitas outras cidades <sup>61</sup>. Dada a sua proximidade da *basílica*, explica-se assim, também, a transformação de duas *domus* extra-muros em necrópole <sup>62</sup>, uma vez que estas se instalavam habitualmente, junto das *basílicas* e, na maior parte das vezes, fora do recinto muralhado.

Junto da *Porta de Aeminium*, a construção da muralha implicaria, também, profundas remodelações, de que resultaram, provavelmente, as

<sup>61</sup> *Ibidem*, pp114-115 " En efecte, no costa pas el mateix comprar un terreny al bell mig de la ciutat que en un barri perifèric, prop de les muralles. Sovint, aquest darrer espai devia estar encara lliure, sense construir, o hom hagué de destruir solament cases de poc cost. Aquestes són les raons, mes que no pas les defensives, que fueren construir les esglésies prop de muralles, i llur situació a la ciutat determinà sivant la forma irregular d'alguns monuments."

<sup>62</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 241.

espaços mais amplos, de carácter aulico, destinados à celebração de funções públicas <sup>59</sup>.

Tal como no resto da Península Ibérica, as grandes transformações urbanas operadas em *CONIMBRIGA* pela construção da muralha do Baixo Império não podem ser encaradas apenas como resultado de uma necessidade de defesa, mas deverão ser entendidas integradas num movimento mais amplo, relacionado com o desejo de ostentação de um certo luxo urbano expresso pelas elites municipais. "**Precisament, P.-A. Février ha fet observar que totes les muralles que es construiren al nord-est peninsular durant el Baix imperi podrien correspondre a un fenomen d'urbanism tardà independent de les invasions i generalitzat en aquestes zones**" <sup>60</sup>.

Inúmeras têm sido as reflexões em torno da sua datação. O leque de dados arqueológicos que dispomos não é muito amplo, carecendo ainda da publicação e de novas escavações para os sectores de que, exumados por Vergílio Correia, não nos ficaram os respectivos relatórios. Resta-nos, portanto, ( e uma vez mais) fazer uma análise formal, informados pelos dados que dispomos e de acordo com os princípios urbanistas romanos. A sua construção implicaria maiores alterações no sector nordeste da cidade, com abandono da vasta área que ela não integraria assentando, parcialmente, numa das vias de um bairro residencial periférico formado em período *júlio-claudio* ( quando as remodelações operadas no centro monumental não permitiram a construção de habitações de acordo com as

---

<sup>59</sup> ELLIS, Simon P., *op.cit.*, p. 569 "As Olympiodorus claimed in the mid-fifth century, every house in Rome was like a separate city"

<sup>60</sup> ALTET, Xavier Barral i, *op.cit.*, p. 110

inícios do séc. V <sup>66</sup>, data que parece ter sido ainda a da instalação da sua basílica <sup>67</sup>.

Teremos assim, para a construção da muralha, um quadro cronológico que aponta para finais do séc. III ou inícios do séc. IV, na época tetrárquica <sup>68</sup>, integrada no vasto movimento que se fez sentir em todo o império, provocado não só por questões de natureza defensiva mas, essencialmente, por questões de natureza social e económica.

#### *Análise formal e funcional do sector termal a norte do aqueduto*

Depois de feita uma breve reflexão sobre a integração urbana das *termas*, houve necessidade de determinar, para a análise formal e funcional das mesmas, a definição de um método de trabalho que cruzasse os diferentes tipos de informação disponível, de modo a podermos tirar algumas conclusões sobre as características do edifício. Estabelecemos, assim, os seguintes critérios :

- 1 - Consulta do espólio arqueológico e das diferentes fontes documentais (escritas e iconográficas) existentes.
- 2 - Leitura das estruturas existentes ( que incluiu um levantamento do sector termal à escala 1/100 - desenhos **2** e **3** ).
- 3 - Estudo comparativo com tipologias semelhantes ou locais

---

<sup>66</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. VII, p. 241

<sup>67</sup> MACIEL, J., CAMPOS COELHO, T., "A Basílica...", *op.cit.*, *passim*

<sup>68</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol.VII, p. 241. OLEIRO, J.M.Bairrão, *Corpus dosmosaicos....op.cit.*, p.25

*Termas do Aqueduto* , transferindo para este parte da cidade um estabelecimento termal que, deixando de fazer sentido extra-muros, serviria aqui as exigências comerciais e habitacionais de outro sector que nela continuava a estar integrado.

Mais problemática é, contudo, a sua datação. Vimos já que a construção de muralhas no séc. III é um fenómeno comum à maior parte das cidades, mesmo daquelas que, desde o século de Augusto, dispunham de cortinas muralhadas. Os estudos elaborados sobre a *Casa dos Repuxos* , situam-na num quadro cronológico que, embora carecendo ainda de estudo mais aprofundado, parece ter um *terminus post quem* e um *terminus ante quem* na construção da via e da muralha, respectivamente <sup>63</sup>. Por esta razão, a análise do seu espólio, datado dos séc. I ao III, com forte concentração na segunda metade do séc. I e princípios do séc. II <sup>64</sup>, afigura-se-nos de primordial importância para a datação da própria muralha. Esta cronologia parece aplicar-se também à maioria dos seus mosaicos, à excepção de alguns exemplares que se situam na ala oeste do pátio porticado, os quais apontam para o terceiro ou último quartel do séc. III <sup>65</sup>. Para esta data parecem apontar, também, as transformações sofridas na área a sul da muralha. A já referida transformação de uma das *domus* em *necrópole* não pode ser posterior ao início do séc. V, como se infere da existência, numa das suas sepulturas, de um conjunto de moedas de finais do séc. IV e

---

<sup>63</sup> OLEIRO, J. M., Bairrão, *Corpus dos Mosaicos...*, *op.cit.*, p. 25

<sup>64</sup> ALARCÃO, Adília Moutinho, CORREIA, Vergílio Hipólito, "Os materiais e o edifício", in *Corpus dos Mosaicos...*, *op.cit.*, Apêndice 1, p.143

<sup>65</sup> OLEIRO, J.M. Bairrão, *Corpus dos mosaicos...*, *op.cit.*, pp. 70-72, 75,76,79 e 81.

Não pudemos dispôr de um levantamento topográfico completo, sem o qual não nos foi possível determinar com rigor as estruturas a norte e a poente, pelo que o levantamento que delas fizemos deverá ser corrigido posteriormente, se quisermos determinar a localização precisa das mesmas. No entanto, ele foi suficiente para que pudéssemos determinar a orientação e dimensões aproximadas das estruturas existentes e, conseqüentemente, a sua articulação com o sector termal propriamente dito (de que, como já mencionámos, fizemos um levantamento rigoroso á escala 1/100), ficando, como tal, aptos a propor dentro destes limites, a organização dos diferentes espaços.

Do cruzamento dos dados disponíveis pudemos tirar já algumas conclusões :

- 1 - Existem, nas *Termas do Aqueduto*, alinhamentos de paredes coincidentes com alguns do edifício situado a sul do aqueduto (desenho 1)
- 2 - O levantamento por nós efectuado (des. 2 e 3) apresenta algumas divergências em relação ao efectuado pelos Monumentos Nacionais na década de 50 (des.1), nomeadamente a poente e a norte, junto da muralha. A poente, pudemos determinar estruturas que correspondem ao limite do(s) lote(s) ocupado pelas *termas* e que deve corresponder ao alinhamento de uma via de período *júlio-claudio*, cuja direcção seria determinada pela orientação que toma o aqueduto, à saída do *castellum*, à semelhança do que aconteceu na rua das *termas augustanas*, aberta em meados do século I d.C.<sup>74</sup>. Esta direcção, sensivelmente norte-sul, parece ser a que tem,

---

<sup>74</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 67

- 4 - Verificação da aplicação do preceito *vitruviano*
- 5 - Procura do *módulo* - particularidades do desenho
- 6 - Proposta de reconstituição, informada pelos pontos anteriores.

As fontes iconográficas referentes a *CONIMBRIGA* por nós utilizadas foram as seguintes :

- 1 - Plantas existentes no Museu Monográfico, em especial as das campanhas de 1899, e das 2ª e 3ª campanhas de escavação
- 2 - Planta elaborada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com a área dividida por sectores, de que aqui apresentamos um excerto (des.1), sem data, muito provavelmente elaborada a partir de 1956<sup>69</sup>.
- 3 - Desenhos resultantes das campanhas *luso-francesas*<sup>70</sup>, em especial os referentes às *Termas Augustanas*, às *Trajânicas* e ao *Aqueduto*.
- 4 - Estudos elaborados para a *Domus de Cantaber*<sup>71</sup> e para a *Casa dos Repuxos*<sup>72</sup>.
- 4 - Sistema referencial geodético<sup>73</sup> de *CONIMBRIGA*
- 5 - Arquivos fotográficos do Museu e da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

---

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 14 "A partir de Fevereiro de 1956 convencionou-se, com a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, dividir o sector até então escavado numa série de zonas a que se atribuiu uma letra"

<sup>70</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. I

<sup>71</sup> FERRÃO, Leonor, *op.cit.*

<sup>72</sup> OLEIRO, J.M., Bairrão, *Corpus dos Mosaicos...*, *op.cit.*

<sup>73</sup> KNORR, Markus, *Geodetic Reference System for Archeologic Museum in Conimbriga*, Conimbriga, 1991

Ocupando uma área aproximada de 500 m<sup>2</sup> (como já referimos, o facto de não dispormos de um levantamento topográfico rigoroso não nos permitiu determinar com exactidão os seus limites e, como tal, a sua área exacta), as estruturas que oferecem menos dúvidas devem corresponder às que foram consolidadas por Vergílio Correia <sup>75</sup>. Não se conhecendo o seu espólio, à excepção da placa votiva já por nós referenciada, nem tendo restado qualquer vestígio dos seus materiais decorativos, só dispomos dos **materiais construtivos** que o integram. Tanto quanto nos foi possível verificar, todas as estruturas são feitas em *opus vittatum mixtum*, constituído por filas bastante regulares de *opus incertum* (de 0,20 m de espessura, aproximadamente), alternadas com filas simples de *lateres*. O *opus vittatum mixtum* é constituído, como o nome indica, por camadas alternadas de blocos de tufo e *lateres*, cujas proporções variam de acordo com a disponibilidade dos materiais. Este aparelho, embora já conhecido em Pompeia (sobretudo nas reconstruções feitas após o grande sismo de 62 d.C.) e tenha sido utilizado, também, no período de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) no restauro de alguns aquedutos <sup>76</sup>, começou a ser utilizado regularmente no reinado de Trajano (98-117 d.C.) e, após a sua divulgação no reinado de Adriano (117-138 d.C.), parece ter sido a técnica de construção mais utilizada até ao fim do império <sup>77</sup>. **"In Roma si può considerare il modo tipico di costruire - sempre come paramento dell'opera cementizia - dall'età di Massenzio in poi.** Per Massenzio si ricordi specialmente il gruppo di edifici sulla via Appia

---

<sup>75</sup> Mais uma vez, fazemos referência ao problema que constitui a inexistência do relatório das escavações, aqui duplamente agravado por não terem chegado até nós, também, a descrição dos trabalhos de consolidação o que, à partida, compromete duplamente qualquer estudo e reconstituição que nos propunhamos fazer.

<sup>76</sup> LUGLI, G., *La tecnica...*, *op.cit.*, p.643

<sup>77</sup> ADAM, Jean-Pierre, *op.cit.*, p.154

também, uma das diagonais do rectângulo formado pelo corpo central do *hypocaustum* (espaço 37, des.4).

3 - A norte, não pudemos confirmar, por os vestígios estarem muito destruídos, a implantação do tanque que consta no levantamento realizado anteriormente. Resolvemos, no entanto, incluí-lo no nosso desenho.

Nos dois levantamos não são coincidentes, também, os alinhamentos do muro *h* que, de acordo com o levantamento por nós efectuado, não é paralelo ao sector termal, mas tem uma ligeira inclinação em relação a este.

4 - Uma das principais dificuldades por nós sentida diz respeito à inexistência dos relatórios referentes quer às escavações, quer aos trabalhos de consolidação aqui efectuados, indispensáveis para uma correcta interpretação do edifício, pelo que tivemos que nos cingir à leitura dos vestígios e de outras fontes existentes, nomeadamente dos cadernos de encargos dos trabalhos de consolidação datados de Março de 1937 (doc.6 ) e de Novembro de 1944 (doc.7 ), respectivamente, que poucos ou nenhuns esclarecimentos nos dá em relação ao sector termal do aqueduto.

### *Descrição do edifício*

Por questões relacionadas com uma maior facilidade de leitura, resolvemos usar a identificação de espaços já utilizada pelos Monumentos Nacionais (des.1.), a que juntámos algumas referências a espaços ou estruturas por nós consideradas importantes.

decadente e del cristianesimo trionfante, nei numerosi restauri ai vecchi edifici dell'Urbe, adattati alla nuova fede." <sup>82</sup>

Quanto ao *opus latericium* verificámos a existência, no *tepidarium* e no *caldarium*, de *bessalis*, *sesquipedalis* e *bipedalis*. Ainda neste sector, e sob o pavimento do *alveus* quente da sala 41, foram utilizados *imbricis* de forma a permitir uma melhor circulação de ar quente. Tanto neste, como nos *alvei* do *frigidarium* é possível ver um revestimento a *opus signinum*, de espessura aproximada de 0,03 m, revestimento que também encontrámos nos tanques situados nas estruturas a poente e a norte. Das coberturas ou de outros pavimentos, não nos chegou qualquer vestígio, nem das colunas que a existência de *lareres triangulares* dispersos na parede poente do *alveus* 48 parece indiciar. Do **circuito de águas** os únicos dados disponíveis são constituídos pelos vestígios de escoamento visíveis nos *alvei* 41 (est. **CLXVII**, 275), 45 e 48 (est. **CLXVIII**, 277 e 278). O primeiro, deveria fazer-se, de acordo com a sua orientação, para o que parece ter sido um canal junto da muralha que, deste modo, passaria também junto das latrinas (e que, presumimos, a ela estavam adossadas), indo entroncar no grande colector que passa sob o sector junto da *Porta de Aeminium*. Quanto ao *alveus* 48, não oferece dúvidas de que se fazia pela sua parede nascente, escoando para um canal de que não existem vestígios, situado na própria via. O do *alveus* poente fazia-se pelo espaço 47A (est. **CLV**, 251 e 252), indo entroncar, provávelmente, no possível escoamento junto da muralha.

---

<sup>82</sup> LUGLI, G., *La tecnica...*, *op.cit.*, pp.644-645.

eretto in onore di suo figlio Valerio Romolo (circo, sepolcro con recinto, e palazzo" <sup>78</sup>. Com efeito, na listagem que Lugli nos apresenta dos monumentos construídos com este aparelho <sup>79</sup>, dos oito exemplos da cidade de Roma, dois pertencem ao séc. III e seis ao séc. IV enquanto que no resto da Península Itálica e nas províncias <sup>80</sup> o espaço cronológico abrange também o séc. II (e mais raramente o séc. I). Da vasta lista passaremos a referir apenas aqueles que dizem respeito a estabelecimentos termais :

- 1) Séc. I : *Termas Centrais* em Pompeia (lado norte e oeste) e *Termas de Agnano*
- 2) Séc. II : *Termas de Santa Barbara* em Treviri e *Termas de la Trouille* em Arles
- 3) Séc. III-IV: *Grandes Termas Imperiais* em Treviri .

Os exemplos encontrados apontam, assim, uma datação tardia, maioritariamente para finais do séc. III ou séc. IV. "**Il laterizio misto ai tufelli proviene quasi sempre da tegolozza di demolizione e quindi non offre alcun criterio per la datazione del paramento.** Anche l'esattezza del taglio dei tufelli offre un criterio molto relativo, tanto che la stessa Van Deman <sup>81</sup> nella descrizione degli acquedotti, per la datazione dei restauri eseguiti in questa maniera, usa la frase generica : **late, very late .**

**Questo sistema perdura con molta frequenza nell'età paleocristiana e nel primo medioevo** : è preferito nelle opere murarie delle catacombe romane e nei sepolcri ad inumazione **posteriori ai Severi** ; **si accomuna con le basiliche costantine e con la trasformazione al culto di vecchi edifici pagani**: diventa quasi il marchio dell'impero

<sup>78</sup> LUGLI, G., *La tecnica...*, *op.cit.*, p. 643

<sup>79</sup> *Ibidem* , pp.652-655

<sup>80</sup> Lugli refere apenas as províncias da Gália e da Germânia

<sup>81</sup> VAN DEMAN, E.B., *The building of the Roman Aqueducts* , Washington, 1934.

quer dos revestimentos das próprias paredes, à excepção de o revestimento a *opus signinum* dos *alvei* e na parede de separação com o *alveus* poente (45), bem como de parte de revestimento em pedra junto ao que parece ter sido uma escada de acesso ao *alveus* nascente (48).

Espaço 42 (est. **CXLIX**,239 e **CL**,241) - Não são muito claros os vestígios aqui existentes, mas tudo indica tratar-se de uma escada de 0,75 m de largura de acesso ao *alveus* nascente, o que nos coloca alguns problemas, como veremos, quando tratarmos da reconstituição. O levantamento que fizemos deu-nos os seguintes resultados : o primeiro lanço desenvolve-se em frente à actual entrada, sendo constituído por dois degraus com 0,30 m de patim por 0,15 de altura . Depois de um pequeno patamar, com o comprimento de 0,97 m, segue-se o segundo lanço, perpendicular ao primeiro, e constituído por três degraus também com 0,30m de patim, mas com altura que varia entre 0,28 e 0,32 m. Não menos problemático é, também, o vestígio de um murete, limitando o primeiro lanço a poente, e no qual parece ter existido um pequeno canal. Se se tratava mesmo de um pequeno canal, como se fazia o seu abastecimento ? Para onde escoaria a água ? Iria abastecer as latrinas situadas, possivelmente, junto da muralha ?

Espaço 43 (est. **CXLIX**,240) - Tal como o espaço anterior, constitui um dos principais problemas de interpretação das termas. Põe-se a hipótese de se tratar de um *apodyterium* , embora a parede nascente revele indícios de ter existido um pavimento a uma cota superior. Que função teria nesse caso ? Sala de massagens, pequeno tanque lava-pés ?

Dimensões :

*Comprimento* - 3,70 m

Mais problemático é, pela inexistência de vestígios, o seu **abastecimento**. Duas hipóteses se nos colocam, não exclusivas uma da outra. No *alveus* poente, a parede junto do aqueduto tem uma espessura de 0,60 m, o que não se deve certamente, a questões de estabilidade, à semelhança do que se passa noutros pontos. Dada a proximidade do *castellum* , vemos a hipótese de por aqui passar uma canalização de chumbo que alimentasse o sector nascente das termas, em especial o *alveus* 48, com outras possíveis derivações. No já citado espaço 47A o tanque nele existente parece ter uma altura superior à altura dos tanques normais, pelo que aqui vemos a hipótese de ter constituído um reservatório que assim abasteceria o sector poente das termas, nomeadamente os *alvei* quentes, à semelhança do que existe nas *Termas do Forum* de Pompeia, integrado no muro exterior do edifício, e construído no período *júlio-claudio* <sup>83</sup>.

Quanto à sua tipologia, estamos perante um edifício cuja tradicional composição ternária (*frigidarium* , *tepidarium* e *caldarium* ) não obedece ao esquema *campaniense* , como nas *Termas Augustanas* ou como o que parece acontecer com o *sector termal extra-muros*, mas que se organiza já segundo um esquema axial que, à excepção do *frigidarium* (talvez por questões impostas pela sua implantação), denota um cuidado especial nas formas .adoptadas. Passemos, então, à descrição dos seus vários espaços.

***Frigidarium*** (espaços **42,43,44,45,46 e 48** - est. **CXLVIII,237 aCLIII,248**)  
A existência de dois *alvei* frios (45 e 48) não deixa dúvida quanto à sua identificação. O acesso faz-se por uma entrada a norte que não sabemos se corresponde ao acesso primitivo. Não existem vestígios quer do pavimento,

---

<sup>83</sup> ADAM, Jean-Pierre, *op.cit.*, p.278.

Corpo central do *frigidarium*. O seu pavimento está a uma cota muito inferior do que deve ter sido o seu pavimento inicial, como se pode deduzir pela cota dos degraus do *alveus poente* (45). A poente comunica, ainda, com a sala 46 por uma abertura de 1,35 m (que não deve corresponder à abertura inicial). Na parede norte existe um ressalto de 1,07 de largura por 3,54 m de comprimento, onde se abre uma ábside de 1,60 m pela qual se devia fazer a comunicação com o *tepidário* e com o *caldário*. Não existem quaisquer vestígios de revestimento, à excepção do que citámos de *opus signinum*, na parede de separação com o *alveus poente*.

Dimensões :

*comprimento* - 12,97 m, entre as paredes dos dois *alvei*

*largura* - 5,07 m (contando com o ressalto de 1,07 m)

***Alveus poente*** (45 - est. CLI,254 e CLII,245)

Revestido a *opus signinum* de 0,02 m de espessura, aproximadamente, o acesso ao seu fundo fazia-se por quatro degraus, dos quais o primeiro se encontra já parcialmente desfeito, como se pode ver pela distância que o separa do segundo - 0,19 m; os restantes têm de patim 0,21 m e 0,24 m, a que correspondem alturas variáveis de 0,29 e 0,30 e 0,17 m, respectivamente. Verificamos, assim, que o último degrau (leia-se, o mais fundo) tem uma dimensão diferente dos outros, vencendo uma altura menor, o que se deve, sem dúvida, a uma questão de comodidade para o utente, tal como pudemos verificar já em outros *alvei*, nomeadamente no *alveus* 48)

Dimensões :

*Comprimento* - 2,46 m (sentido norte sul)

*Largura* - 2,90 m, aprox.

Espaço **48** (est. **CXLVIII**,238, **CL**,242 e **CLI**,243) :

*Alveus* frio, revestido a *opus signinum* com uma espessura aproximada de 0.03m e com remate de *meia cana* a toda a volta. Na parede a nascente, dando directamente para a rua que vindo da Porta de Sellium, conduzia à de Aeminium, existe um escoamento, não centrado (à distância de 2.90 m do interior da parede do aqueduto), não restando vestígios que nos elucidem se o mesmo se fazia por canais de material cerâmico ou, mais provavelmente, por canais de chumbo. O acesso fazia-se pelo espaço 42 (já descrito) por três degraus que, juntamente com outros três a norte (não existindo já o primeiro) e um remate em ábside geram uma composição de efeito cenográfico, semelhante ao que se pode observar, também, na parede norte do corpo central do *frigidarium* . Estando muito destruída a parede de separação com o espaço 43, pensamos que a ela se tivesse acesso apenas uma passagem pelo espaço 42. Os degraus que conduzem ao fundo do *alveus* têm 0,22 m de patim e uma altura que varia entre 0,18 m e 0,20 m. A parede sul apresenta uma saliência de 15 cm em relação à da sala 44.

Dimensões :

*Comprimento* da parede nascente ao limite da ábside - 5,08 m

*Largura* - 4,78 m

Largura da ábside - 1.92 m

*Espessura* das paredes: nascente 0,45 m; sul 0,15 m ; poente 0,45 m ;norte 0,45m

Espaço **44**

Os vestígios existentes situam-se ao nível do *hypocaustum* , não tendo ficado indícios do piso superior, a não ser nas salas 38 e 41 onde se podem reconhecer, ainda, parte dos pavimentos dos *alvei* quentes.

Espaço **37** (est. **CLXII**,265 e 266 e **CLXIII**,267 e 268)

É constituído pelo corpo central do *hypocaustum* . A cota do seu actual pavimento corresponde à cota do pavimento primitivo, pois nele existem ainda alguns dos elementos cerâmicos onde assentavam os seus arcos, embora não existam já os que eram ainda visíveis nas fotografias da D.G.M.N. (est. **CXLVII**,235), nem se veja a inclinação para o *praefurnium* preconizada por Vitruvius<sup>85</sup>, de modo a facilitar a ascensão do calor. Do seu levantamento podemos concluir da existência de um desenho extremamente regular. Com efeito, se considerarmos as suas medidas de eixo a eixo das paredes, veremos que ele corresponde a um duplo quadrado, cujo lado é igual ao comprimento do ressalto verificado na parede norte do *frigidarium* .

Dimensões :

*Largura* - 2,85 m (junto à parede sul, de espessura 0,45 m )

" " (junto à parede norte, de espessura 0,50 m )

*Comprimento* - 6,27 m (junto às paredes nascente e poente, de espessura 0,56 m.)

*Espessura do arco* divisório situado a meio - 0,50 m

*Materiais* de construção - *lateres bessalis*

Sala **38** - *caldarium* (est. **CLXIII**,268 , **CLXIV**,269 e **CLXV**,272)

---

<sup>85</sup> VITRUVIUS, V, X, 2 "Suspensurae caldariorum ita sunt faciendae, ut primum sesquipedalibus tegulis **solum sternatur inclinatum ad hypocaustum**, uti pila cum mittatur, non possit intro resistere, sed rursus redeat ad praefurnium ipsa per se ; ita flamma facilius pervagabitur sub suspensione"

*Largura* - 2,34 m (sentido nascente- poente)

*Espessura* das paredes -nascente 0,46 m; sul 0,65 m; poente 0,48 m; norte 0,48m

Sala **46** (est. **CLIII**,247 e 248)

Sala de configuração irregular, sendo pouco nítida a sua função. Sala de massagens ? Coloca-se-nos, também, a hipótese de ser um acesso uma entrada secundária das termas, pela rua a poente. A parede poente parece ter sido fechada posteriormente, o que nos leva a admitir a existência de mais de uma campanha de obras o que, no entanto, não passa de mera suposição. Na parede sul, à distância de 0,37 m da parede que a separa do *frigidarium*, e a 0,78 m do chão, vestígios do que deve ter sido os encaixes para barrotes de sustentação do pavimento ( com uma dimensão de 0,10 m x 0,15 m, à distância de 0,76 m <sup>84</sup>), o que nos leva a supor que este estaria, sensivelmente, ao nível do pavimento do *frigidarium*.

Dimensões:

*Comprimento* (junto à parede norte) - 3,61 m espessura da parede - 0,47m

" (junto à parede sul) - 3,67 m " - 0,46 m

*Largura* (junto à parede nasc.) - 2,39 m " - 0,46 m

" (junto à parede poente) - 2,60 m " - 0,48 m

***Tepidarium e caldarium*** (salas **37,38,39,40** e **41** - est. **CLVIII**,257 a **CLXVII**,276)

<sup>84</sup> Estes barrotes tinham uma secção (geralmente rectangular, embora pudessem ser, também, circulares)de dimensão variável, de acordo com as dimensões dos vãos que tinham que vencer .Em Herculanium, no nº 20 da insula V estes encaixes medem 0,13m de largura por 0,175 de altura, estando dispostos à distância de 0,32 m uns dos outros. ADAM, J.P.,*La construction...*,*op.cit.*, p.216

rectilíneo ( de forma a dar mais resistência à mesma ), como existe na sala 40. A sua localização, imediatamente a seguir ao *frigidarium* , e orientada a nascente (reservando as salas mais quentes, voltadas a sul e poente, para o *caldarium* e *laconicum* , indica-nos que se trata de uma sala do *tepidarium* .

Dimensões :

*Comprimento* (até às aberturas triangulares) - 2,10 m .

*Espessura* da parede de lateres 0,22 m.

*Largura* máxima - 2,92 m

*Vão* do círculo junto da parede de separação da sala 37 - 2,45 m

*Espessura* da parede de separação com a sala 37 - 0,58 m

Materiais de construção- *lateres bipedalis*

Sala **40 - *laconicum*** (est.**CLXVI**,273 e 274 e **CLVIII**,257)

É, do sector constituído por *caldarium* e *tepidarium* , a única sala actualmente com remate exterior rectilíneo, o que poderá dever-se ao facto de nele se situar um segundo *praefurnium* . Os únicos vestígios aqui encontrados são a abertura a poente de comunicação com aquele, bem como vestígios dos arcos do *hypocaustum* . O facto de ter outro *praefurnium* a alimentá-la e de se situar junto do *tepidarium* leva-nos a supor tratar-se de um *laconicum* , como preconiza Vitruvius <sup>86</sup>.

Dimensões :

*Comprimento* (até à parede de lateres ) - 2,18 m

*Espessura* da parede de lateres que comunica com o *praefurnium* - 0,23 m.

*Largura* máxima da sala - 2,80 m

*Vão* do círculo junto à parede de separação com a sala 37 - 2,34 m

---

<sup>86</sup> VITRUVIUS, V, X, 5 "Laconicum sudationesque sunt ciniungendae tepidario"

O actual pavimento constitui um abatimento de terreno, não correspondendo à cota primitiva do *hypocaustum* .Deste, sensivelmente à cota do pavimento da sala 37 ( como deve ter sucedido com as outras salas, à excepção da sala 41, como oportunamente veremos), ficaram-nos alguns vestígios constituídos por *lateres bessalis* (est. **CLXV**,272), 0,35 m abaixo do pavimento (este também de 0,35 m de espessura e de que ficou apenas um rebordo de 0,23 m.) Não há vestígios de *opus signinum* que indiquem a existência de um *alveus*.

Dimensões :

*Comprimento* - 2,31 m (com rebordo do que ficou do pavimento)

*Largura* no seu ponto máximo - 2,85 m

*Vão* do círculo junto à parede de separação da sala 37 - 2,26 m

*Espessura* das paredes - nascente 0,60 m ; sul

*Materiais* de construção - *lateres bessalis* e *sesquipedalis*

Sala **39** - *tepidarium* (est. **CLXIV**,270)

A análise dos vestígios leva-nos a concluir que a cota do primitivo pavimento seria igual à da sala 37. Na parede nascente, oposta à da entrada, podemos ver ainda o que restou dos arcos do *hypocaustum* , bem como a 0,15 m de altura do actual pavimento, duas aberturas triangulares, feita de *lateres bipedalis* Exteriormente (est. **CLX**,261) não existem vestígios destas aberturas, o que se pode dever ao restauro que sofreu . O indício, no exterior, do limite de uma outra parede, à distância de 0,37 m do limite exterior da da sala, leva-nos a considerar a hipótese de uma dupla parede, de modo a permitir o escoamento dos gases de combustão ou a circulação de ar quente, ou ainda, mais provavelmente, de se tratar do remate

Afastado 0,25 m do arco de *lateres* do fundo da sala, situa-se um segundo arco, constituído por *lateres bessalis*, de 0,27 m de espessura.

Dimensões :

*Comprimento* até à parede poente - 2,28 m

*Largura* máxima - 2,60 m

*Vão* do círculo ,junto do limite interno da parede de separação com a sala 37 - 2,23 m

*Altura* do arco junto da parede poente (intradorso) - 1,07 m

" (extradorso) - 1,21 m

*Vão* do arco (intradorso) - 1,10 m

" (extradorso) - 1,24 m

*Abertura* na parede poente - 0,28 m x 0,28 m , à distância de 0,63 m do pavimento

*Materiais* de construção - *imbricis* de 0,16 m de altura x 0,25 m de largura, aproximadamente ;*lateres bessalis*

**Espaços exteriores** ao sector termal propriamente dito (espaços **47, 49, 50, 51 e 52** -est. **CLIV**,249 a **CLVII**,256, a **CLXIX**,279 a **CLXXII**,284)

Constituem todos os espaços que se situam a norte e a poente do sector termal, entre este e os seus limite norte (muralha) e poente (via do período júlio-claudio ?). Neles se alojavam, sem dúvida, os serviços indispensáveis ao funcionamento das termas, bem como as *latrinas* e, possivelmente, uma *palestra*. Para além da existência indiscutível de paredes divisórias em *b* , *c* (est.**CLIV**,249 a **CLV**,251) , *f* e *m* (est. **CLXI**,263 e 264), os vestígios levaram-nos a considerar outras em *g* e *h* , que integraram, também, a nossa proposta.

*Abertura* de comunicação com o *praefurnium* - 0,64 m de altura x 0,40 m de largura

Materiais de construção - *lateres bessalis*

Sala 41 - **Caldarium** (est. **CLXV**,271 e 272 e **CLXVII**,275 e 276)

È o compartimento onde encontrámos mais vestígios da construção do *hypocaustum* . O principal problema na sua interpretação reside no facto de não sabermos até que ponto terá sido objecto de consolidação e reconstrução. É a única sala em que o pavimento se apresenta abaixo do da sala 37 (0,80 m aproximadamente,) . Na parede poente existe uma abertura para a sala 47, que poderá ter sido utilizada como outro *praefurnium* (embora dela não existam vestígios, como acontece com o da sala 40, que tem ainda os *lateres* no lado de fora da parede) ou, mais provávelmente, como escoamento de gases de combustão.É, também, a única sala que apresenta vestígios de *imbrices* sob o pavimento, para a circulação de ar quente, como podemos ver na *Domus de Cantaber* ou nas *Termas Extramuros*, entre outras (est. **CIV**,162 e **CV**,163 e 164 ). O limite superior da fiada de *imbrices* coincide com o limite superior do arco de *lateres* da parede poente, o que demonstra bem como o pavimento assentava sobre ambos. Vestígios de *opus signinum* nas paredes e abertura para escoamento de água, revestida a material cerâmico (est. **CLXVII**,275) <sup>87</sup>, indica-nos estarmos perante o *alveus* do *caldarium*, como o demonstra também a existência de uma parede à distância de 0,27 m do limite interior da parede de separação com a sala 37.

---

<sup>87</sup> Na qual era possível observar, ainda na década de 50, canalização de chumbo, segundo informação do Professor Doutor J.M.Bairrão Oleiro

É constituído por parte do limite poente das termas, pelos vestígios do muro *m* a norte e pela entrada do *hypocaustum* a nascente. Em **49 A** temos a sua entrada, sendo ainda visíveis os seus limites poente e nascente (*f* e *m*), cujo limite norte deveria estar no alinhamento da parede *h*.

Dimensões (intramuros) :

*largura* 2,74 m

*comprimento* 4,50 m

*espessura* dos muros *f* e *m* - 0,40 e 0,48 m

*largura* total da entrada boca do *praefurnium* - 2,15 m

Espaço **50** (est. **CLXIX,279** a **CLXXII,284**) - Sector norte, junto da muralha

São os espaços de mais difícil interpretação, em virtude do elevado grau de destruição das suas estruturas. O levantamento que efectuámos revelou-nos a existência de estruturas que não estão representadas no levantamento feito pelos Monumentos Nacionais. Não sendo visível o limite poente (apenas o relevo do terreno) podemos ainda constatar a existência, junto à muralha, de um possível tanque, bem como de um espaço absidal, profundo, com vestígios de *opus signinum*, enquadrado por paredes ortogonais, sobre o qual assentou a muralha (est. **CLXIX,279** a **CLXX,281**).

A nascente, os vestígios são ainda mais confusos, parecendo haver blocos de pedra (*j*) que encaixam na própria muralha (estes figurando já no levantamento dos Monumentos Nacionais). Ao longo de toda a muralha corre um canal que poderá ter sido utilizado de escoamento ao sector poente das termas (est. **CLXXI,282** a **CLXXII,284**). Assim o parece demonstrar o escoamento da sala 41, dirigido nesta direcção

Em **47** são ainda visíveis os vestígios, na parede exterior da sala 40, os encaixes para os barrotes de suporte da cobertura deste espaço, que serviu de *praefurnium* , e cujo limite poente deve ter sido a parede e , de que ficaram os seus cunhais (est. **CLVI**, 253 e 254 e **CLVII**,255). **47 B** deverá ter funcionado como espaço de apoio a esta área de serviço. Algumas diferenças no aparelho da parede de separação com a sala 46, apontam para a possibilidade deste espaço ter resultado do fecho dessa mesma parede tendo constituído, possivelmente, uma entrada para este ou outro edifício aqui existente.

Mais complexo é o espaço **47 A**. Também aqui existem, na parede de separação com o *alveus* poente (45), os encaixes para barrotes de suporte de pavimento (est. **CLII**,246). Estaria relacionado com a possível entrada em 47B constituindo, assim, o acesso poente às termas ? Em caso afirmativo, a sala 46 teria servido como *apodyterium* , embora não nos pareça que a entrada a poente se fizesse por aqui, em virtude deste espaço (47 B) estar directamente ligado ao *castellum* do aqueduto. O tanque nele existente (est.**CLVII**,255) pode ter funcionado como um dos reservatórios das termas, ou como apoio ao *praefurnium* situado em 47. Neste espaço fazia-se também o escoamento do *alveus* poente (45) (est.**CLXVIII**,278). No seu limite sul, junto ao aqueduto, parece existir um canal aberto no tufo, o que leva a supor a hipótese de aqui ter existido um tubo de chumbo que, a partir do *castellum* , alimentasse esse mesmo tanque e, conseqüentemente, as termas.

Espaço **49** (est.**CLXI**,263 e 264,**CLXIII**,268)

entanto, outros problemas : como interpretar, então, o espaço 43 ? Tratar-se-ia de um *apodyterium* ? Nesse caso como explicar a existência do pavimento de *opus signinum* a uma cota intermédia da do actual pavimento e do topo da escadaria (est. **CXLIX**,240) ? Coloca-se-nos ainda outro problema - o acesso ao corpo central do *frigidarium* que, de acordo com o pavimento do *hypocaustum* e com o *alveus* poente, teria que se situar a uma cota muito superior à do actual pavimento. Precisaríamos, assim, de uma escada para a ele termos acesso . Do ponto de vista funcional, não faria sentido, para quem saísse do *alveus* poente ou do *tepidarium-caldarium* , ter de descer e voltar a subir, para atingir o *alveus* nascente, a não ser que este espaço constituísse uma *natatio* independente do *frigidarium* (o que implicaria a existência de uma parede junto da actual entrada, de que não se vêem quaisquer vestígios), hipótese que não nos parece viável pois a verificar-se, essa mesma *natatio* abriria directamente para a via. Em vez de *natatio* a céu aberto, somos antes de opinião de que teríamos aqui, à semelhança do que acontece em alguns exemplos africanos <sup>88</sup>, uma piscina anexa ao *frigidarium* , aberta para este através de um pórtico, ou decorada com nichos, como nas *Termas Grandes* de Cercel (séc. II) ou em Timgad <sup>89</sup>. Somos então levados a considerar que o murete e as escadas pertencem a um edifício ou a uma fase anterior de construção (o que é reforçado pela coincidência de alguns alinhamentos com os do edifício imediatamente a sul do aqueduto). Neste contexto, deverão ser interpretados , também, outros elementos, como por exemplo, a possibilidade da parede poente da sala 46 ter resultado de uma alteração

---

<sup>88</sup> CREMA, Luigi, *Enc. Class.*, *op.cit.* , p.409

<sup>89</sup> *Ibidem* , p.539

(est. **CLXVII**,275). Não são perceptíveis, também, os vestígios do tanque *i* , visível no levantamento anterior.

#### Espaço 51 (est. **CLXI**,264)

Parece ter existido aqui uma entrada para a área de serviço ou, em alternativa, por uma abertura na parede norte. Este espaço servia, assim, de ligação com a referida área de serviço e, com o sector das *latrinas* e, até mesmo, com uma possível entrada a poente. No espaço 52 não existem quaisquer vestígios, a não ser em *n* , os que rematam a sala 38 a nascente (est. **CLX**,261 e 262 ). Neste espaço ficaria, sem dúvida, a entrada principal das termas e, possivelmente, em virtude da vasta área disponível , uma *palestra*.

#### *Interpretação dos vestígios existentes*

A leitura das estruturas colocam-nos alguns problemas quanto à articulação e interpretação dos espaços, sobretudo no sector do *frigidarium* , em especial no que diz respeito ao espaço 42 e sua articulação com a sala 44.

A existência do que parece ter sido uma pequena escada leva-nos a considerar a hipótese de o pavimento do *frigidarium* não ter todo a mesma cota e de existir um pavimento sensivelmente ao mesmo nível do actual espaço exterior (52) que, através desta escada constituiria o acesso ao *alveus* nascente (48). Neste caso, o murete perpendicular ao aqueduto, poderia fazer o abastecimento de uma pequena fonte, de que não encontramos vestígios (est. **CXLIX**,239). Esta hipótese, levanta-nos, no

ce algumas semelhanças com as *termas augustanas* <sup>91</sup>.

Para o acesso ao *tepidarium* colocámos várias hipóteses : a primeira coloca-o junto do recesso da parede norte do *frigidarium* , obliquamente, o que, embora encontremos paralelos em algumas termas imperiais, não nos parece viável, pois é uma solução cujo efeito cenográfico exige uma escala maior, não se aplicando a edifícios de reduzidas dimensões; a segunda hipótese, e que foi aquela que considerámos, coloca o acesso ao *tepidarium* no eixo dessa parede, através do recesso nela existente. As suas dimensões permitem a abertura de um vão de aproximadamente 1 metro, o que é mais do que suficiente.

Tentámos ainda, e para concluir o sector do *frigidarium* , encontrar uma explicação para as reduzidas dimensões do *alveus* poente. O exame atento das estruturas permite-nos deduzir que ele foi condicionado pela existência de estruturas anteriores, relacionadas com a área envolvente ao *castellum* do aqueduto.

*Tepidarium e caldarium* constituem um núcleo perfeitamente autónomo em relação ao resto do conjunto, o que lhe advem das características do seu desenho, reveladoras da rigorosa preocupação formal que determinou a sua concepção. Este, é caracterizado por um traçado perfeitamente simétrico, à excepção do remate rectilíneo da sala 40 , o que , proválmente se deveria verificar também em relação às outras salas deste sector, como deixa prever a parede *n* no espaço 52, justificadas por razões relacionadas com estabilidade e com a conservação de calor. O facto dessa parede estar afastada perto de 40 cm do remate circular das salas, leva-nos a admitir

---

<sup>91</sup> FOUILLES, *op.cit.* , vol. I, p.43

posterior. Esta necessidade de adaptação justificaria ainda, a forma do *frigidarium* que, fortemente condicionado pelo aqueduto e pelo *tepidarium-caldarium* , contrasta com o cuidadoso desenho destes últimos. Curioso é o ressalto da parede norte. Tal como a composição do *alveus* nascente (48), denota a procura e aplicação dos mesmos princípios cenográficos que caracterizam a arquitectura de CONIMBRIGA , em especial a doméstica. Com efeito, uma das suas principais características é a importância que é dada aos *peristila* que, através do elaborado desenho dos seus tanques, combinando espaços rectilíneos com *exedrae* , se assumem como elementos determinantes e centralizadores de toda a composição das *domus* . **"Cette combinaison baroque d'éléments curvilignes et rectilignes rappelle la frons scenae des théâtres "** <sup>90</sup> Ficam por identificar os espaços onde se situariam o *apodyterium* , o *pediluvium* , o *elaeothesium* , bem como a passagem para o *tepidarium - caldarium*.

Se se verificasse uma entrada para as termas a poente junto do aqueduto, a sala 46 poderia ter sido utilizada como *apodyterium* . No entanto, por razões por nós já referidas, relacionadas com a sua proximidade do *castellum* , somos levados a considerar que a entrada poente se faria por outro local, podendo este espaço ser identificado como uma sala de massagens . O grande comprimento do *frigidarium* permitiria a colocação dos bancos (*scamna* ) necessários a um *apodyterium* , assumindo, assim, também essas funções. Neste caso poderíamos considerar que o pavimento de *opus signinum* situado no espaço 43, por detrás da *exedra* da piscina , poderá ter constituído o fundo de *pediluvium* numa composição que ofere-

---

<sup>90</sup> ALARCÃO, Jorge de, ÉTIENNE, Robert, "Les jardins à Conimbriga (Portugal)", *Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture* , 1981, p. 70

*Vitória do Ameixial* (est. **CLXXIII**,286), ou nas *Termas Trajânicas e Extramuros* em *CONIMBRIGA* (est. **CXI**,174 e **CIII**,160 e 161). Vitruvius preconiza já um remate absidal para as salas com *alvei* quentes <sup>93</sup>.

Mais problemáticos são, como vimos já, os espaços a poente e a norte. Os vestígios levam-nos a concluir que a construção da muralha assentou sobre um edifício anterior cujas estruturas teriam sido parcialmente aproveitadas pelo sector termal para a instalação das áreas de serviço. Com efeito, o alinhamento dessas mesmas estruturas (sensivelmente ortogonal ao das estruturas a poente ) levam-nos a concluir estarmos perante um edifício orientado a partir da via a poente. Teríamos, assim, integradas no sector termal, estruturas de um edifício anterior à construção da muralha, sacrificado com a construção desta. Neste caso, a configuração do edifício termal resultaria das seguintes condicionantes: a nascente, a via que ligava a Porta de Sellium à de Aeminium, a sul, o *aqueduto augustano*, a poente, a via possivelmente de período *julio-claudio*, e a norte, a muralha do Baixo Império. Estaríamos, assim, perante um edifício que, aproveitando os alinhamentos de estruturas de um outro edifício construído no período *júlio-claudio* ( talvez um outro edifício termal, de apoio ao edifício a sul do aqueduto, ou um edifício de características habitacionais), teria sido remodelado após a construção da muralha.

---

<sup>93</sup> VITRUV, V, X, 4 "Scholas autem laborum ita fuerit oportet spatiosas, uti, cum priores occupaverint loca circum, spectantes reliqui recte stare possint"

ainda a hipótese de se tratar de uma segunda parede que, de acordo com os vestígios existentes nas salas 38 e 39 permitiriam a circulação de ar quente e a exaustão de fumos que era sempre feita ao longo das paredes e não através das coberturas.

As salas 39 e 40, pela sua colocação imediatamente a seguir ao *frigidarium* , terão constituído o *tepidarium* . A sala 40, onde não encontramos vestígio de qualquer *alveus* , munida de um segundo *praefurnium* , deverá ter sido, pela sua colocação no *tepidarium* um *laconicum* <sup>92</sup>. Na sala 39 (das quatro, a que fica mais afastada dos *praefurnia* ), ficaria, provavelmente, um *labrum* .

Quanto às salas 38 e 41, são visíveis as marcas de dois *alvei* quentes, constituindo o *caldarium* . Os vestígios do pavimento do corpo central do *hypocaustum* (37), mostram que a sua cota actual corresponde à cota do primitivo pavimento. O pavimento da sala 41 encontra-se rebaixado em relação ao pavimento do *hypocaustum* o que se deve, sem dúvida, ao facto do fundo do *alveus* quente se situar abaixo do nível do pavimento do *caldarium* .

As salas circulares foram desde cedo utilizadas nos edifícios termais, quer nos *frigidaria* dos banhos masculinos das *Termae Stabiae* (est.III,3) e nas *Termas do Forum* em Pompeia (est.IV,4), ou mais vulgarmente nos *laconica* , como por exemplo nas *Termas Centrais* , também em Pompeia (est.V,5) ou ainda, em território nacional da Lusitânia, no balneário da villa de *Santa*

---

<sup>92</sup> VITRUV, V, X, 5 "Laconicum sudationesque sunt coniungendae tepidario"

pelo sul, pois o horário dos banhos é entre o meio-dia e o pôr-do-sol " 97 . Para as suas reduzidas dimensões (9,42 m x 7,27 m, pouco maior que o *tepidarium* das *termas augustanas* , de 9,45 m x 6,90 m 98) encontrámos algumas explicações plausíveis :

- adaptação a alinhamentos ou estruturas anteriores
- utilização por um número não muito elevado de utentes 99 - abandonadas as estruturas extra-muros, a *Domus de Cantaber* anexaria também, alguns dos lotes intra-muros, nos quais construiria o seu próprio sector termal (de raíz, ou aproveitando outras instalações de menores dimensões ) 100. Assim, as *termas do aqueduto* serviriam apenas o edifício a sul deste, e outras construções a poente e a norte, como deixa pressupor a existência de uma habitação atribuída ao séc. IV 101.
- Escala de acordo com as reformulações do séc. IV, que multiplicam o número destes edifícios de pequenas dimensões, com carácter essencialmente utilitário.

A analogia com algumas termas dos séculos III e IV, reforça a hipótese de estarmos perante um edifício construído ou reformulado após a construção da muralha.

O sector termal da *Domus de Cantaber* apresenta, na sua última fase

97 VITRUV, V, X, 1 "PRIMUM eligendus locus est quam calidissimus, id est aversus ab septemtrione et aquilone. Ipsa autem caldaria tepidariaque lumen habeant occident hiberno, si autem natura loci impedierit, utique a meridie, quod maxime tempus lavandi a meridiano ad vesperum est constitutum"

98 FOUILLES, *op.cit.*, vol. I, p. 44

99 VITRUV, V,X,5 "Magnitudines autem balneorum videntur fieri pro copia hominum"

100 FERRÃO, Leonor ., *op.cit.*, p.64

101 ALARCÃO, A. Moutinho, MAYET, Françoise, NOLEN, Jeanette S. "Ruínas de Conimbriga", *Roteiros da Arqueologia Portuguesa*, nº 2, I.P.P.C., 1986, p. 52

Neste contexto, como interpretar a placa votiva <sup>94</sup> de que já falámos, e que foi encontrada dentro das próprias termas, como nos dá notícia Vergílio Correia <sup>95</sup>? Colocam-se-nos duas hipóteses :

1 ) Estaria integrada num edifício construído ou que teria sofrido uma remodelação no séc. II, de acordo com a proposta para a sua datação <sup>96</sup> e que, com a construção da muralha seria reintegrada num novo edifício, deixando de fazer sentido a permanência do nome do seu ofertante, pelo que o mesmo terá sido apagado.

2 ) Sendo usual a reutilização de material, ela teria pertencido a um outro edifício, provavelmente as *Termas Extra-muros*, que tendo sido abandonado com a construção da muralha, transferiria as suas funções para um novo local.

Outras observações poderão ser feitas, ainda, resultantes da análise do edifício. Tendo que ficar, por motivos de abastecimento, o mais próximo possível do *castellum* do aqueduto, mas suficientemente afastado para que a sombra produzida por este não diminua a sua exposição solar, a implantação do *tepidarium-caldarium* fez-se, assim, junto do limite poente das termas, de modo a que pudessem ser aplicadas as recomendações feitas por Vitruvius "Para a implantação dos estabelecimentos termais deve-se escolher um local o mais quente possível, evitando exposições a norte e a oriente; **caldarium e tepidarium deverão ser iluminados pelo poente de inverno** e, caso não seja possível,

---

<sup>94</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol. II, p. 38-40, com o nº 18

<sup>95</sup> "Las mas recientes excavaciones romanas de interes en Portugal. La ciudad de Conimbriga ", in *A. E. A.* , XLIII, p. 264

<sup>96</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol.II, p. 40

de terra sigilata, que vem recuar esta data, o problema fica em suspenso aguardando o prosseguimento dos trabalhos" <sup>107</sup>, que nos dão uma cronologia essencialmente tardia.

Da *Quinta do Marim* deixou-nos Estácio da Veiga a sua planta, que nos deixa aperceber também, as reduzidas dimensões das suas salas e as semelhanças com as *Termas do Aqueduto*. De acordo com o espólio arqueológico, em especial o epigráfico <sup>108</sup>, a sua datação aponta para os séculos II e III.

Mas as principais afinidades são as que se podem estabelecer com o conjunto de *Torre da Cardeira*, de que nos ficaram, apenas, os desenhos elaborados por Abel Viana <sup>109</sup>. Apresentando uma complexa organização, em que espaços poligonais e circulares dos *frigidarium*, *tepidarium* e *caldarium* são rematados por compartimentos circulares (na realidade, *arcos ultrapassados*, como no edifício de *CONIMBRIGA*), as semelhanças estendem-se ainda, às dimensões destes e ao aparelho do próprio edifício que, de acordo com o desenho deixado por Abel Viana, parece ser *opus vittatum mixtum* <sup>110</sup>.

Estudos comparativos podem ser feitos, com outros exemplos situados fora do território da Lusitânia que, em virtude das afinidades planimétricas e do seu razoável estado de conservação, nos podem dar algumas pistas quanto à possível volumetria das *Termas do Aqueduto*, em especial no que diz respeito à complexa articulação de coberturas que caracteriza os

---

<sup>107</sup> OLEIRO, J.M. Bairrão, citado in HORTA PEREIRA, Maria Amélia, *op.cit.*, p.356

<sup>108</sup> ENCARNAÇÃO, *op.cit.*, p. 81-101

<sup>109</sup> "Museu...", *op.cit.*, in A.B., nº 2, 1945, p. 315

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 316, fig. 7 x

(séc IV d.C. ) <sup>102</sup> um desenho que, recorrendo a formas poligonais, demonstra bem a complexa e variada articulação de volumes que caracterizam a arquitectura deste período, em especial a termal.

Ainda em território nacional podemos encontrar outros exemplos significativos, nos blocos termais das *villae* de *Vale do Junco* <sup>103</sup> , *Torre da Cardeira* <sup>104</sup> e *Quinta do Marim* <sup>105</sup> , com os quais encontra semelhanças formais.

As escavações do primeiro, efectadas em 1951 e 1952 por Bairrão- Oleiro e Calado Rodrigues, respectivamente <sup>106</sup> , puseram a descoberto salas rematadas em ábside cujas dimensões, que variam entre 2,10 e 2,70 m, estão muito próximas das do *tepidarium-caldarium* do edifício que estamos a estudar. Do espólio, constam "algumas moedas de cobre, das quais foi possível identificar três : respectivamente de Galieno (254-268), de Claudio II (269-270) e de Constante (335-350). Segundo estes elementos a data mais alta que poderíamos atribuir à estação seria a segunda metade do séc. III, mas como se encontrou um pequeno fragmento

---

<sup>102</sup> FERRÃO, Leonor, *op.cit.* , p. 65

<sup>103</sup> Cif , ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal* , *op.cit.* , vol. II, fasc. 3, p. 145-146. HORTA PEREIRA, Maria Amélia, *Monumentos Históricos do concelho de Mação* , Mação, 1970 pp. 352-374.

<sup>104</sup> Cif , ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal* , *op.cit.*, vol. II, fasc. 3 , p. 198. ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições romanas do conventus pacensis . Subsídios para o estudo da romanização* , Coimbra, 1984, pp.355-357, 377-378, 388-390, 392-394. VIANA, Abel *Algumas noções elementares de Arqueologia Prática* , Beja, 1962, p. 87. "Museu Regional de Beja", in *A.B.* , nº 2, 1945, pp. 315-321. "Notas históricas arqueológicas e etno - gráficas", in *A.B.* , 4, pp. 19 e 21, nº 14, 1957, p.36

<sup>105</sup> Cif. ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal* , vol.II, fasc. 3, p. 208. ALMEIDA, Fernando de, "Arte Visigótica em Portugal", in *A.P.* , 2ª série, nº 4, 1962, pp. 237 e 243 .ENCARNÇÃO, José d', *op.cit.* , p. 81-101. HIPÓLITO, M. Castro, "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal", in *Conimbriga*, 2-3, 1960-1961, p. 91-92.SAAVEDRA MACHADO, João L. , "Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I. Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos", in *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, 1970, pp.366-372. SANTOS, Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos, *Arqueologia romana do Algarve* , vol. II, p. 249-277. PEREIRA MAIA, Maria Garcia "Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da 'sigillata luzente' e da Late Roman C Ware", in *Actas Jornadas Arqueológicas* , 1977, vol. I, Lisboa, 1978, pp. 301-302

<sup>106</sup> HORTA PEREIRA, Maria Amélia, *op. cit.* , p. 357

*Filippopoli* na Síria ou as termas de castella sobre a fronteira renana, como as de *Niederbieber* e *Heerlen*, entre outras <sup>113</sup>.

Estes exemplos mostram-nos que, para além das soluções planimétricas características deste tipo de edifícios, a sua expressividade era obtida, ainda, tirando partido do potencial decorativo das abóbodas, deixando-as visíveis exteriormente, o que parece ter constituído uma moda não só no Norte de África, mas também noutras regiões do império, como nas já citadas *Termas de Filippopolis*, ou nos *Banhos de Capito*, em Mileto <sup>114</sup>.

#### *Vitrúvio e a problemática da reconstituição*

Constituindo o único tratado de arquitectura da antiguidade que chegou até nós, o seu valor advem-lhe precisamente, da característica de obra única, tornando-se, como já vimos <sup>115</sup>, elemento determinante para a História da Arquitectura, a partir do Renascimento. No entanto, ele não deixa de constituir problema quando o nosso objecto de estudo se situa no período imperial - frequentemente, monumentos e respectivas dimensões não correspondem aos preceitos vitruvianos.

Para uma investigação e reconstituição correctas necessitamos de colocar algumas reservas à sua aplicação, reservas essas que giram em torno da análise das seguintes questões :

---

<sup>113</sup> CREMA, Luigi, Enc. Class., *op.cit.*, p. 540. Tal como para as Termas de Brad, não nos foi possível consultar alguma da bibliografia que consideramos importante para o estudo destas termas, sobretudo em relação às Termas da Caça, de que salientamos seguintes trabalhos : BARTOCCINI, R., *Le terme di Lepcis*, Bergamo, 1929, WARD-PERKINS, J.B., "The Hunting Baths at Lepcis Magna", in *Archaeologia* 93, 1949, p.165-195

<sup>114</sup> BOETHIUS, Axel, WARD-PERKINS, J.B., *op.cit.*, p. 475.

<sup>115</sup> *Cif*, Cap. I, p. 44

edifícios termais tardios. Desses exemplos salientamos as *Termas de Brad* na Síria, e as *Termas dos Caçadores* ou da *Caça* em Leptis Magna, no Norte de África. Da importância das primeiras, atribuídas ao séc. III <sup>111</sup>, falam-nos Boethius e Ward-Perkins "A few buildings stand out as representative of somewhat wider classicism. One such is the temple of Burdj Bakirha (A.D.161 ), a modest prostyle building which, with its podium and rudimentary adyton, would not have been out of place in the Lebanon. **Another is the small third-century private bath-building at Brad (Roman Barade), the curvilinear plan and vaults of which derive unmistakably from metropolitan practice and look forward in their turn to the small bath-buildings that were one of the more distinctive legacies of Roman to Early Muslim architecture in Syria.** It must represent the taste of some wealthy city-landlord. **Such intrusive buildings were, however, exceptional.** The great majority ring the changes on the very simple range of building forms that constitute the constructional repertory of this whole local group" <sup>112</sup>. De composição axial, o edifício termal propriamente dito (no qual *frigidarium* , *tepidarium* e *caldarium* terminam em ábside) é precedido de uma palestra quadrada, rodeada em todos os seus lados por um pórtico.

As *Termas da Caça* representam um paralelo importante pois, além de apresentarem também salas duplas organizadas transversalmente, tal como no exemplo de *CONIMBRIGA*, a conservação das suas coberturas ( o que raramente sucede), pode-nos informar sobre as possibilidades de cobertura destas últimas. De composição axial, como as anteriores, o *frigidarium* dá acesso, respectivamente, a dois *tepidaria* octogonais e a dois *caldaria* rectangulares. Composição semelhante tinham, também, as *Termas de*

<sup>111</sup> CREMA, Luigi, Enc. Class. ,*op.cit.*, p. 594

<sup>112</sup> BOETHIUS, Axel, WARD-PERKINS, J.B., *Etruscan and Roman Architecture* , Suffolk, 1970, p. 428. Da bibliografia que considerámos importante para o estudo destas termas, não nos foi possível consultar a obra de G. TCHALENKO, *Villages antiques de la Syrie du nord*, Paris, 1953-1958, 3 volumes

**problèmes actuels des rapports de la théorie et de l'Histoire ou celui des rapports entre l'ideologie et le pouvoir.** L'analyse de la proportion, des ordres antiques et de la perception architectural mérite une attention particulière "121. Prova-o a importância que assumiu a discussão do significado de *ordinatio*, *dispositio*, *eurythmia* e *symmetria* 122, em especial para Claude Perrault, para quem a arquitetura romana tinha um lugar de primazia, sobrepondo-se à própria arquitetura grega " **Cette fierté que la nature a mise dans les esprits qui se sentent capables de quelque chose d'excellent**, & qui leur fait dédaigner les exploits qui ne sont pas les plus estimez, **passa autrefois à un tel excez parmy les Romains**, que plusieurs d'entr'eux aimèrent mieux se faire mourir que de travailler à des Battimens dont la structure n'avoit rien d'assez beau pour rendre leur nom recommandable : **au lieu que quand la belle Architecture commença à ettre honorée parmy eux, ils s'y employèrent avec tant d'ardeur, qu'en moins de quarante ans elle parvint à sa plus haute perfection...Pour cela il ne falut point aller chercher des Maitres en Grece ; il s'en trouva plusieurs à Rome capables des plus grands desseins & des executions les plus hardies "** 123.

2º - *Espaço cronológico em que o tratado é escrito*

Como não deixa dúvidas, o próprio Vitruvius situa o seu livro cronologicamente, ao colocar o seu saber à disposição do Imperador Augusto 124, isto é, num período em que, embora se assista já ao princípio

121 FICHET, Françoise, *La theorie architecturale a l'Age Classique*, Bruxelles 1979, p. 7

122 VITRUV., I, I, 1

123 *Les Dix Livres d'Architecture de Vitruve, Corrigez et Traduits ....par M.Perraud...Paris, MDCLXXXIV, Prefácio*. É extremamente curiosa a referência à evolução que a arquitetura romana sofreu, " *en moins de quarante ans* " alusiva, sem dúvida, ao reinado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), em que o Tratado foi escrito. Terá Perrault querido exaltar a importância de Vitruvius, de um modo diferente do que encontrara Palladio, ou será que se apercebeu mesmo da evolução formal e técnica que a arquitetura romana apresenta a partir dos finais da República? Parece-nos ser esta a hipótese mais viável, em virtude dos numerosos comentários que no seu livro vai fazendo ao próprio Tratado.

124 Livro I, *prefácio*: "Cum divina tua mens et numen, imperator Caesar, imperio potiretur orbis terrarum invictaque virtute cunctis hostibus stratis triumpho victoriaque tua cives

1º - *Autenticidade do próprio tratado.*

Descoberto em 1414 por Bracciolini <sup>116</sup>, muitas têm sido as reflexões quer por parte de arqueólogos e historiadores, como por parte dos linguistas, a quem o problema também diz respeito, sobre as possíveis alterações introduzidas pelos seus inúmeros comentadores (veja-se o estudo comparativo feito por Hugh Plommer <sup>117</sup>), em especial as resultantes das interpretações e adaptações feitas pelos artistas do Renascimento, para quem o *De architectura* se revelou determinante na formulação dos conceitos ligados à prática arquitectónica. Demonstra-o a evolução que representa a passagem da simples referência à arquitectura romana feita por Alberti no prefácio do *De re aedificatoria* <sup>118</sup>, escrito em 1452, à exaltação que de Vitruvius faz Palladium ao abrir a sua obra *I Quattro Libri* <sup>119</sup>, bem como a importância de que reveste para os arquitectos dos séculos XVII e XVIII, a que não é, certamente, alheio o papel determinante que o tratadista romano atribui à profissão de arquitecto <sup>120</sup>, simultaneamente operador no mundo do *tangível* (construção) e do *inteligível* (arquitectura), e à estreita relação entre *teoria*, *história* e *ideologia* "**Le code vitruvien donne la clef des problématiques où se retrouvent selon d'autres formulations les**

<sup>116</sup> JIMENEZ, Alfonso, "De Vitruvio a Vignola : autoridad da la tradicion", in *Habis*, nº 6, Sevilla, 1975, p. 255

<sup>117</sup> *Vitruvius and the later roman building manuals*, Cambridge University Press, 1973

<sup>118</sup> "How much Authority accrued to the Roman Name and Empire from their Buildings, I shall duel upon no further..." *The Architecture of Leon Batista Alberti... Translated into English By James Leoni, Architect... London, MDCCLV*

<sup>119</sup> "I proposed to myself VITRUVIUS for my master and guide", *The Four Booksof Andrea Palladio's Architecture ... London, Published by ISAAC Ware, Anno MDCCXXXVIII*

<sup>120</sup> I. I, 1 "ARCHITECTI est scientia pluribus disciplinis et variis eruditionibus ornata, (cuius iudicio probantur omnia) quae ab ceteris artibus perficiuntur. Opera ea nascitur et fabrica et ratiocinatione. Fabrica est continuata ac trita usus meditatio, quae manibus perficitur e materia cuiuscumque generis opus est ad propositum deformationis. Ratiocinatio autem est, quae res fabricatas sollertiae ac rationis proportione demonstrare atque explicare potest".

arquitectura romana, pelo que o mesmo não deverá ser entendido um modelo de modernidade mas, como refere o próprio Vitruvius <sup>127</sup> como um manual que servisse o grande surto construtivo que então se observava, não só em Roma, como também, por todo o Império, veiculador de princípios já anteriormente conhecidos, pondo à disposição o saber acumulado pela própria experiência, ilustrados pelas referências que faz em toda a obra, em especial nos Livros I e II . " Ante esta serie de evidencias negativas cabe preguntarse cuál puede ser la utilidad práctica de Vitruvio y sus herederos modernos para nuestros fines. **Vitruvio, y todos los codificadores posteriores, son insubstituíbles como orientación, como primer paso para identificar miembros arquitectónicos y organizarlos espacialmente. Cabe seguir utilizándolos como solución paralela que oriente en cada passo, pero teniendo muy presente que el hilo conductor de la restauración debe ser la dinámica interna del monumento** " <sup>128</sup>.

### 3º - *Significado do próprio tratado para os arquitectos do seu tempo*

O problema que levantámos no ponto anterior é também agravado pelo facto de não estarem ainda muito bem definidos os circuitos e as cronologias de influência dos modelos dentro do próprio mundo romano. Como tem sido demonstrado em inúmeras obras, as regras vitruvianas foram aplicadas em diversos locais, nomeadamente em Dougga <sup>129</sup> e, para citarmos um exemplo que nos diz directamente respeito, em *CONIMBRIGA*

<sup>127</sup> Livro I, *prefácio* " Cum ergo eo beneficio essem obligatus, ut ad existum vitae non haberem inopiae timorem, haec tibi scribere coepi, quod animadverti multa te aedificavisse et nunc aedificare, reliquo quoque tempore et publicorum et privatorum aedificiorum, pro amplitudine rerum gestarum ut posteris memoriae traderentur, curam habiturum. Conscripsi praescriptiones terminatas, ut eas adtendens et ante facta et futura qualia sint opera, per te posses nota habere. Namque his voluminibus aperui omnes disciplinae rationes. "

<sup>128</sup> JIMENEZ. *op.cit.*, p. 264

<sup>129</sup> GRANGER, Frank, *Vitruvius. On architecture*, 2 vol. London, 1931, Introdução, XV.

da evolução estilística e construtiva que caracterizaria a arquitectura romana (como a construção de espaços cobertos em abóboda o demonstra), ela está ainda muito ligada a uma tradição clássica, longe da liberdade estilística que a partir de meados do século I d.C. se faria sentir, o que faz com que muitos historiadores dicotomizem as suas posições quanto ao seu papel no contexto da arquitectura romana . Se para Macdonald " **Vitruvius, judging by the attention paid him since the fifteenth century, ought to be a help, but as he wrote early in Augustus' reign he had seen very few imperial buildings. He was a conservative for whom the best architecture was found in the past , where the models to be emulated were enshrined, and this, together with his strong practical bent, prevents him from being a guide to imperial architecture in more than a limited way "** <sup>125</sup>, para Boethius "lo que Vitruvio nos da es una valoración hipotética del templo de tres naves, como forma más importante, una reconstrucción modernizada y un programa ; lo que no nos da en modo alguno es una descripción arqueológica o una descripción de construcciones contemporáneas. **Su propósito era únicamente mostrar cómo debían ser contruidos los capitolios del Imperio romano para tener, conjuntamente, la autoridad de la herencia etrusca y adaptarse a las necesidades modernas "** <sup>126</sup>. Isto explica, talvez, as omissões verificadas no seu tratado que, quanto a nós, não deverão ser entendidas tanto como uma ausência intencional, apologista de uma arquitectura de características tradicionais, mas à falta de um conhecimento profundo das grandes transformações em curso na

---

gloriarentur et gentes omnes subactae tuum sperarent nutum populusque Romanus et senatus liberatus timore amplissimistuis cogitationibus consiliisque gubernaretur, non audebam, tantis occupationibus de architectura scripta et magnis cogitationibus explicata edere, metuens, ne non apto tempore interpellans subirem tui animi offensionem.",

<sup>125</sup> The Architecture of the Roman Empire , Vol. II, "An urban appraisal", Yale University, 1986, p. 248

<sup>126</sup> Std. Arch. nº 16, Santiago de Compostela, 1972 ; JIMENEZ, *op.cit.* , p. 261

294), privilegiando as proporções representadas no *triângulo pitagórico* (3,4 e 5) - est. **CLXXIX**,295-297), aplicadas, nomeadamente, em *CONIMBRIGA*<sup>134</sup> (est. **CLXXX**,298) cujas as escavações nos mostraram ter existido uma medida local de 0,296 m<sup>135</sup> (diferindo do pé itálico que era igual a 0,275 m<sup>136</sup>), aplicável tanto no período *augustano* como no período *flávio*. Se a medida local se manteve a mesma, tal não aconteceria com o *módulo*, cujo valor varia de monumento para monumento "A Conimbriga, **l'unité de mesure employée - le pied de 0,296 mètre** - reste la même pour le forum augustéen, le forum flavien et les thermes trajaniens, mais en revanche **le module** général des thermes trajaniens (25 pieds) est différent de celui du forum flavien (10 pieds). Pour nous, cette différence exprime bien deux notions distinctes"<sup>137</sup>.

Vemos, assim, que *medida local* e *módulo* não são a mesma coisa e, que enquanto a primeira é fixa, o segundo é sempre um múltiplo da primeira.

Não dispondo de um levantamento topográfico rigoroso, não nos foi possível determinar os limites exactos do sector termal do aqueduto e, como tal, não pudemos, também, adoptar a metodologia utilizada para o sector monumental, partindo das medidas totais. Cingimo-nos, pois, ao sector termal propriamente dito, no qual as estruturas se encontram consolidadas, ainda

---

medium digitum tantundem, caput a mento ad summum verticem octavae, cum cervicibus imis ab summo pectore ad imas radices capillorum sextae, (a medio pectore) ad summum verticem quartae. Ipsis autem altitudinis tertia est pars ab imo mento ad imas nares, nasum ab imis naribus ad finem medium superciliorum tantundem, ab ea fine ad imas radices capilli frons efficitur item tertiae partis. Pes vero altitudinis corporis sextae, cubitum quartae, pectus item quartae."

<sup>134</sup> GOLVIN, Jean Claude, in FOUILLES, *op.cit.*, Vol.I, Apêndice II, pp. 285

<sup>135</sup> FOUILLES, *op.cit.*, vol.I, Apêndice II, p. 280

<sup>136</sup> CREMA, L., *Enc. Class.,op.cit*, p.6

<sup>137</sup> *Cif. nota 134, supra*

<sup>130</sup>. Se considerarmos, ainda, que entre o período em que o mesmo foi escrito e a grande revolução operada na arquitectura a partir da construção da *Domus Aurea* (64 d.C.), obtemos um quadro cronológico de aproximadamente meio século, o que se nos afigura muito reduzido para podermos estabelecer um quadro analítico, uma vez que a sua difusão não deve ter sido feita uniformemente.

Resta-nos, pois, estabelecer os princípios de metodologia que, a partir das características do edifício (dimensões principais, sua relação, procura do módulo, contexto, e de um estudo comparativo com o maior número de exemplos possível), o situe dentro dos quadros cronológico, tipológico e construtivo romanos.

#### *A procura do módulo - algumas características da sua geometria (des. 4)*

Vitrúvio fala-nos já da importância do módulo na arquitectura, como elemento determinante nas dimensões e proporção (*eurythmia*) dos diferentes elementos no todo <sup>131</sup>, na harmonia que ele designa por *symmetria*, à semelhança do que acontece com o corpo humano <sup>132</sup>, cujas medidas e respectivas proporções ele nos dá também <sup>133</sup> (est. **CLXXVIII**,

<sup>130</sup> ALARCÃO, Jorge, ÉTIENNE, Robert, GOLVIN, Jean Claude, "Vitruve à Conimbriga", Separata de *Conimbriga*, Vol. XVII, 1978

<sup>131</sup> VITRUV, I, II, 2 e 3 "Quantitas autem est **modulorum** ex ipsis operis sumptio e singulis que membrorum partibus universi operis conveniens effectus... **Eurythmia** est venusta species commodusque in compositionibus membrorum aspectus"

<sup>132</sup> *Ibidem*, I, II, 4 "Item **symmetria** est ex ipsius operis membris conveniens consensus ex partibusque separatis ad universae figurae speciem ratae partis responsus. Uti in hominis corpore e cubito, pede, palmo, digito ceterisque particulis symmetros est eurythmiae qualitas, sic est in operum perfectionibus"

<sup>133</sup> "Corpus enim hominis ita natura composuit, uti os capitis a mento ad frontem summam et radices imas capilli esset decimae partis, item manus palma ab articulo ad extremum

chegado a conclusões significativas. Experimentámos, então, outra medida que nos pareceu importante, dada pelo lado do quadrado que se repete no interior do espaço 37, para o que obtivemos valores entre 2,87 e 2,95 m, o que nos parece bastante regular. Esta medida, corresponde aproximadamente a *10 pés*, valor já encontrado como módulo em *CONIMBRIGA*, no *Forum Flávio*<sup>138</sup>, e que ao ser por nós aplicado nas *Termas do Aqueduto*, coincidiu com alguns dos seus pontos importantes (des. 4) Aplicámos ainda alguns dos seus múltiplos, obtendo também, resultados satisfatórios, nomeadamente nas diagonais do trapézio definido pelos seus limites. Na ausência de dados mais seguros (levantamento topográfico rigoroso), parece-nos ser este o módulo utilizado, cujas reduzidas dimensões podem estar directamente relacionadas com a escala modesta determinada pelas condições de implantação do próprio edifício, argumento que por si só não constitui razão suficiente, uma vez que como já vimos, ele foi empregue numa construção de escala monumental.

Para a *reconstituição*, na ausência de dados seguros quanto às características de alguns sectores, optámos por considerar o vasto recinto junto da entrada principal, como uma *palestra*, cuja configuração quase quadrada encontra paralelo nas *Termas de Brad*. Não conseguimos resolver o espaço junto da muralha onde, em virtude do que parece ter constituído um escoamento, colocámos o sector das *latrinas*, reutilizando as estruturas que parecem ter pertencido a uma construção anterior à muralha (est. **CLXIX**,279 a **CLXXII**,284). Tivemos ainda que resolver o problema dos

---

<sup>138</sup> *Ibidem*

que correndo o risco de não sabermos ao certo o que poderá ter sido objecto de restauro por parte dos Monumentos Nacionais.

A partir dos alinhamentos das paredes, tentámos estabelecer os limites das termas, considerando os pontos **A**, **B**, **C** e **D** os vértices do trapézio irregular em que se inserem (des. 4). Um exame atento mostrou-nos que o limite poente tem, sensivelmente, a mesma orientação que uma das diagonais do duplo quadrado que compõe a sala 37. Pudemos verificar, também, a partir dos escassos vestígios existentes, que a orientação da muralha parece seguir alinhamentos que podem ter pertencido a uma construção anterior, de orientação diferente à que determinou a implantação do sector do aqueduto.(des. 1). Teremos então, neste edifício, a confluência de dois alinhamentos distintos. um provavelmente de período *júlio-claudio* (limite poente) , e outro cuja cronologia não nos foi possível determinar.

Apesar da sua aparente irregularidade, o desenho cuidado de alguns dos seus sectores, levou-nos a tentar confirmar a existência de um *módulo* , à semelhança do que aconteceu no sector monumental. As relações que conseguimos estabelecer de início (elaboradas a partir do sector *tepidarium-caldarium* , por ser o que apresenta maior regularidade) fez-nos aperceber da existência de um elemento que, pela sua geometria, sobressaía do conjunto - estamos a falar do ressalto da parede norte do *frigidarium* , que corresponde ao lado do duplo quadrado que define o corpo central da sala 37, cujas medidas nos dão, aproximadamente, 3,54 m, isto é, perto de doze pés . Considerámos, assim, esta como a primeira hipótese de módulo ou sub-módulo , pelo que o fomos aplicar noutros espaços, sem termos

proporção recomendada por Vitruvius para os espaços rectangulares na arquitectura doméstica (na ausência de indicações para espaços com as mesmas características na arquitectura termal) <sup>140</sup> - *a altura deverá ser igual à média da soma do comprimento com a largura* - sobretudo se tivermos em conta a sua relação próxima com o aqueduto.

Parece-nos oportuno chamar a atenção para o facto de a *axonometria* ( des. 6 ) apresentar cortes feitos em diversos níveis , não obedecendo às regras da representação rigorosa (aparecem *a cheio* apenas os cortes horizontais), de modo a facilitar a sua leitura e a dar, no mesmo desenho, o máximo de pormenores significativos.

Por fim, queremos salientar que, de acordo com os dados existentes, a proposta que apresentamos, constituir apenas uma das muitas soluções possíveis.

---

<sup>140</sup> VITRUVIUS, VI, III, 8 "Altitudines omnium conclavorum, quae oblonga fuerint, sic habere debent rationem, uti longitudinis et latitudinis mensura componatur et ex ea summa dimidium sumatur, et quantum fuerit, tantum altitudini detur"

desníveis dos pavimentos. Tendo como seguros apenas a cota do fundo dos *alvei* nascente e poente, bem como a do *hypocaustum* , considerámos que o pavimento do *frigidarium* andaria sensivelmente à cota de 47,80 de modo a permitir uma circulação fácil entre as diferentes salas. O desnível entre este pavimento e a cota da entrada principal, foi seleccionado através da colocação de dois lanços de escada de três degraus cada , um a meio da hipotética *palestra* , e outro à entrada do *frigidarium* , o que nos pareceu do ponto de vista funcional e estético bastante mais satisfatório do que um lanço único. Também no *frigidarium* , optámos por atribuir o desnível apresentado no espaço 43, à existência de um *pediluvium* , abrindo a parede de separação com o *alveus* nascente, à semelhança do que existiu em muitas das cidades do Norte de África <sup>139</sup>

As soluções das coberturas revelou-se da máxima importância para a escolha do modelo a adoptar. Com base nos exemplos conhecidos, em especial nos que já referenciámos, ensaiámos diferentes hipóteses, de modo a ter um resultado coerente, no qual os volumes se articulassem entre si. Sempre que possível, decidimos deixar as abóbodas aparentes no exterior, tirando delas o máximo efeito decorativo, como foi prática corrente na arquitectura romana.

No que diz respeito à altura dos diferentes sectores do edifício, optámos nos espaços quadrados ou com dimensões próximas destes, considerar a altura até ao nascimento das abóbodas, igual à medida do lado. Mais problemática foi a cobertura do *frigidarium* uma vez que o seu exagerado comprimento (12,97 m entre os dois *alvei* ), tornava exagerada também a

---

<sup>139</sup> Cf nota 88, *supra*

de Nero (54-68), onde se teria iniciado a sua divulgação em grande escala, o que, aliado à sua forte presença como elemento *ambivalente*, (simultaneamente autónomo e aglutinador de todo o conjunto) explica a importância que viria a ter para a História da Arquitectura, em especial para o Renascimento e o Barroco.

*CONIMBRIGA* cuja ocupação pré-romana está hoje perfeitamente documentada, soube usufruir da prosperidade que a dominação romana lhe proporcionou, numa coexistência pacífica patente no *forum augustano*, e que denota a preocupação romana pelos princípios e tradições das próprias populações. Provam-no os inúmeros vestígios epigráficos, hoje conhecidos, nos quais se atesta também a persistência da importância de um estrato celta, nomeadamente na placa com dedicatória a *Remetes Augusto* encontrada no sector termal do aqueduto, único vestígio na Península Ibérica que alia uma *divindade da água* indígena ao *culto imperial*.

Após um período de adaptação aos padrões romanos, no qual a cidade alteraria já o seu perfil, instalando pólos dinamizadores de um urbanismo que, não podendo por razões topográficas e relacionadas com o respeito por estruturas pré-existentes, implantar um urbanismo de feição *ortogonal* (só raramente aplicado nas cidades, em especial nas que foram construídas de raiz), tentaria estabelecer um certo ordenamento urbano.

Condicionada por estes factores, a cidade, seria dotada, nesta sua primeira fase romana, de um *sector monumental* com tripla função, bem como

## CONCLUSÕES

Apesar do gosto exacerbado pela natureza, presente em toda a arte, a sociedade romana foi uma sociedade eminentemente urbana. Tipologia tipicamente romana, a arquitectura termal soube aliar, ao culto grego pelo exercício físico, o luxo e o conforto que caracterizaram os seus padrões de vida.

Pondo à disposição das classes mais desfavorecidas todo o conforto que só os ricos podiam usufruir em privado, a arquitectura termal em breve se assumiria como veículo de propaganda cultural e de retórica do poder, pelo que foi objecto de especial atenção, por parte de entidades públicas e particulares, ocupando um lugar de destaque em todas as campanhas de renovação urbana.

Raras vezes, na História da Arquitectura, *inovação e técnica* estiveram tão intimamente ligadas.

Se, por um lado, o *opus caementicium* permitiu aos arquitectos a modelação do espaço de acordo com qualquer modelo por eles imaginado, a reflexão teórica em torno desse mesmo espaço produziria, também, soluções inovadoras que não podem ser explicadas apenas por uma mera evolução da técnica, ou por uma casual experimentação prática. A adopção da *planta centralizada*, elemento fundamental em qualquer tipologia termal, encerra conceitos mais profundos, que estão para lá da simples explicação geométrica. Veja-se, por exemplo, o que sucederia no séc. I d.C., na corte

defensiva, mas que estão intimamente ligada às transformações sociais operadas dentro da própria sociedade romana. Demonstra-o a construção da *muralha* e as grandes alterações que sofreu a cidade, com o abandono das estruturas situadas agora *extra-muros*, e a reformulação dos lotes situados imediatamente dentro do recinto muralhado, bem como as alterações sofridas noutros pontos da cidade, como por exemplo nas *insulae*.

Situadas no sector norte da cidade, as *Termas do Aqueduto* ocupam um espaço possivelmente urbanizado já no período pré-romano, e que deverá ter sido reorganizado na primeira metade do séc. I, à semelhança do que aconteceu com a zona em que se implantaram as *domus*. Assim o parece demonstrar a existência de estruturas perfeitamente alinhadas com o *aqueduto augustano* e o edifício que se situa a sul deste (veja-se, por exemplo, a coincidência entre os alinhamentos de algumas das suas paredes com as desse edifício). Alinhamentos com uma orientação diferente junto da muralha, parecem resultar da reformulação imposta por esta. Estaríamos, assim, perante um edifício cuja implantação terá resultado das alterações impostas pela confluência de duas campanhas de obras urbanas

com orientações distintas, sendo a primeira determinada pela construção do *aqueduto* a que terá pertencido também, provavelmente, a via que lhe passa a ponte, e a segunda determinada pela alterações que a construção da muralha implicou, em finais do séc. III, ou inícios do IV.(a sua construção

de umas *termas* (obedecendo estas, ao modelo campaniense), de um *aqueduto* e de um bairro residencial que escolheria para a sua implantação, a zona limitrofe da cidade, em virtude das exíguas dimensões do espaço deixado livre no centro, não permitirem uma adequada construção das *domus*, de acordo com o modelo que uma classe social em ascensão exigia.

Mais significativas são as campanhas de obras iniciadas em período *flávio*, que devem ter resultado da sua elevação a *municipium* em 73-74, no reinado de Vespasiano (69-79). Pertencem a este período as grandes transformações operadas no centro monumental, no qual o arquitecto não hesitou em arrasar as construções anteriores, pré-romanas e romanas, para construir um modelo perfeitamente integrado nos quadros culturais do império, bem patente nas *Termas Trajânicas*, cuja tipologia, contrastando com a tímida procura de um plano racional das *Termas augustanas*, denuncia a adopção dos princípios que caracterizariam toda a arquitectura *termal imperial* - axialidade, simetria, complexa articulação de espaços recorrendo, preferencialmente, ao uso de formas planimétricas mistilíneas e ao uso da cobertura em abóboda, perfeita simbiose entre arquitectura e natureza, patenteada na integração de espaços ajardinados ou sua representação, seguindo uma tradição já em voga na arquitectura doméstica e termal pompeiana.

*CONIMBRIGA* participaria, ainda das grandes transformações que se fariam sentir por todo o império a partir de finais do séc. III, transformações essas que não podem ser explicadas apenas por uma questão de ordem

acesso ao *alveus* 48, não conseguimos enquadrar na tipologia e funcionalidade dos seus espaços, e para o qual não encontramos assim uma explicação plausível), colocando-se-nos, desde já duas hipóteses

1ª - Ter existido aqui, anteriormente, um outro edifício com as mesmas funções e que, independentemente das limitações impostas pela construção da muralha, poderá ter sofrido uma outra campanha de obras no séc. II, de que resultaria a placa votiva, à semelhança das reformulações que sofreram outros edifícios da cidade neste período, como por exemplo, a Casa dos Repuxos.

2ª - O edifício teria resultado da remodelação e reordenamento provocado pela construção da muralha (não implicando obrigatoriamente, uma pré-existência termal), para o qual se terão transferido as funções das termas Extra-muros, então abandonadas (e donde poderá ter transitado, também, a placa).

Parece-nos ser esta a hipótese mais provável, informados pelas transformações sofridas pelo sector junto à muralha que, vendo reduzido o número das suas *domus* com a reformulação operada na Domus de Cantaber e o abandono das que ficariam extra-muros, bem como com a transformação da *Domus de Tancinus* em *basílica paleocristã*, não necessitaria de um edifício

de grandes proporções.

A muralha representou, assim, um elemento reordenador de todo o urba-

parece ter sacrificado, neste sector, um ou mais edifícios, a julgar pelos vestígios a norte do sector termal, tal como aconteceu com o sector extra-muros).

Com efeito, parece ter existido um cadastro em período *augustano*, com uma orientação que coincide com o eixo longitudinal do respectivo *forum*, e outro de período *tetrárquico*, a que corresponde uma orientação que faz confluír na porta principal da cidade, o encontro de um dos *cardines* com um dos *decumani*.<sup>1</sup>

A partir da análise e estudo comparativo da sua tipologia (de ritmo ternário, com uma composição *axial simétrica*, em especial no sector do *tepidacaldarium*, na qual os ambientes se desenvolvem em pares, com uma disposição transversal) com a de outros edifícios, podemos estabelecer para a sua cronologia um *terminus post quem* os finais do séc. II, o que corresponde também ao período em que se inicia em grande escala, a utilização do *opus vittatum mixtum* que compõe as suas paredes, data para que parece apontar, também, o único espólio arqueológico que a ele pertence - a já referida placa votiva a *Remetes Augusto*.

Que conclusões poderemos então, tirar em relação às características deste edifício? A reflexão em torno dos problemas por nós apresentados indicia-nos estarmos perante um edifício que terá sido construído ou reformulado em época *tardia*, aproveitando estruturas ou alinhamentos anteriores (o que justificaria a existência dos vestígios que, a nascente do *frigidarium* e no

---

<sup>1</sup> MANTAS, Vasco Gil, "Dois novos miliários do território de Conimbriga", in *Biblos*, Vol.LXI, 1985, pp177. (est. **XC**, 139)

vos (quer a nível *nacional* - Torre da Cardeira, Quinta do Marim, Vale do Junco - quer a nível *internacional* - Brad e Termas da Caça, só - para citar os mais conhecidos ), e na ausência de dados arqueológicos mais seguros, somos levados a concluir estar perante um edifício que terá sido construído ou reformulado em finais do séc III ou, mais provavelmente, no início do séc. IV, em pleno *período tetrárquico*, e que em CONIMBRIGA só encontra paralelos no sector termal da *Domus de Cantaber* , num momento em que círculo de influências e de difusão dos modelos começava a deslocar o seu centro, do Norte de Africa para o Oriente.

Ficaremos a aguardar as conclusões de outros trabalhos, em especial de escavação, que possam ou não confirmar a nossa interpretação.

nismo do sector periférico da cidade, o que se deve não só a questões de ordem defensiva, mas também social. As grandes transformações sociais operadas a partir de finais do séc. III ( que favoreciam a concentração de poder e de riqueza nas mãos de um grupo restrito, agudizando os contrastes entre as camadas sociais) trariam, no séc. IV, grandes alterações no aspecto físico das cidades e no próprio conceito de espaço, com um acentuar do favorecimento da vida privada em detrimento da vida social e, sendo frequente o abandono ou alteração dos edifícios públicos de carácter público, e cada vez mais raras as iniciativas de construção dos mesmos promovidas por entidades públicas ou particulares. Tudo isto explica, também, as transformações que se então, se operaram na arquitectura doméstica que passa a integrar espaços de grandes dimensões, a que obrigava o cerimonial da existência de uma clientela em número cada vez maior.

Neste contexto, a frequência de determinados edifícios públicos, em especial as termas, destinar-se-ia apenas às camadas sociais que não podiam usufruir deste conforto na intimidade das suas casas. Isto explica a grande proliferação, neste período, de edifícios termais de dimensões modestas, em detrimento dos edifícios de características monumentais dos séculos I, II e III, expressão máxima de uma retórica de poder.

Informados pela existência de um cadastro e pelas transformações operadas no séc. IV ; pelos vestígios de construção que parecem ter pertencido a estruturas anteriores ; pelas semelhanças das tipologias (construtivas, arquitectónicas e de escala ) que apresenta com outros edifícios significati-

- ALARCÃO, Jorge de, ÉTIENNE, R., *Les cryptoportiques dans l'architecture romaine*, Roma, 1973, pp. 371-408
- ALARCÃO, Jorge, ÉTIENNE, Robert - "Les jardins à Conimbriga", in *Seventh Dumbarton Oaks Colloquium on the History of Landscape Architecture*, Dumbarton Oaks, 1981
- ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R., FABRE, G.-"Le culte des Lares à Conimbriga", in *C.R.A.I.*, 1969, p. 213-216
- ALARCÃO, J. de., ÉTIENNE, R., GOLVIN, J-P., "Vitruve à Conimbriga", in *Conimbriga*, XVII, 1978, p. 5-14
- ALARCÃO, J. de, ÉTIENNE, R., MOUTINHO ALARCÃO, A., PONTE, Salette da - "Trouvailles diverses. Conclusions générales", *Fouilles*, VII, Paris, 1979
- ANÓNIMO - Notícia publicada in *O Diário de Notícias*, de 23 de Fevereiro de 1907, e in *Archeologo Portuguez*, XIII, 1908, p. 25
- BARREIROS, Gaspar - *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho, que fez Gaspar Barreiros o anno de M.D.XXXXVI. começado na cidade de Badajoz em Castella, te à de Milam em Italia...*, Coimbra, 1561, p.93
- BLONDIN, R. - "Le toponyme Conimbriga", in *Conimbriga*, XVI, 1977, p. 145-159
- BORGES, Nelson Correia - "Lucêncio, Bispo de Conimbriga, e as origens do Mosteiro de Lorvão", in *Conimbriga* XXIII, 1984, pp. 143-158
- BORGES DE FIGUEIREDO, A.C., - "Oppida restituta. As cidades mortas de Portugal, Conimbriga (Condeixa-a-Velha)", in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 5ª série, nº 10, 1885, pp.509 a 603
- BORGES DE FIGUEIREDO, A.C. - "Miscellanea", in *Revista Archeologica e Historica*, vol. II. 1888, pp.109 a 111
- BRITO, Fernando B. de - *Monarchia Lusytana. Parte primeira que contem as historias de Portugal desde a criação do mundo te o nascimento de nosso sñor IESU CHRISTO*, Livro II, Cap.VIII, Alcobaça, 1597
- BRITO, Fernando B. de - *Segunda parte de Monarchia Lusytana em que se continhão as historias de Portugal desde o nascimento de nosso Salvador IESU CHRISTO, ate ser dado em dote ao Conde dom Henrique*, Livro VI, Cap.III, Lisboa, 1609

## BIBLIOGRAFIA

Optámos por organizar a bibliografia em dois grupos : no primeiro, figuram os títulos relativos a CONIMBRIGA ; no segundo, as obras que, dentro da vasta bibliografia por nós consultada, considerámos fundamentais para o nosso trabalho (pelo que referenciamos quase exclusivamente obras de carácter geral, ou específicas sobre urbanismo,, arquitectura e estabelecimentos termais) integrando também, títulos que não foram citados ao longo do texto. As referências dizem sempre respeito às edições consultadas.

### A) **Específica** sobre *CONIMBRIGA*

"A PROPOS DES CÉRAMIQUES DE CONIMBRIGA", in *Conimbriga* , XIV, 1975, p. 5-173

A. - "Fragmento de estátua romana", in *O Jornal de Condeixa* , 8 de maio de 1897

A.G. (Antonio Augusto Gonçalves) - "Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha", in *Portugalia* , II, 1905-1908, p. 285-286

ALARCÃO, Adília Moutinho de, ALARCÃO, J.de - "Cerâmica estampada vermelha de Conimbriga" , in *Arquivo de Beja* , XX-XXI, 1963-1964, p. 81-100

ALARCÃO, A.M. - "A terra sigillata em Portugal", in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* , Coimbra, 1971, II, p. 421-432

ALARCÃO, J. - "Cerâmica estampada cinzenta de Conimbriga", in *Arquivo de Beja* , XXII, 1965, p. 191-196

ALARCÃO, J. de - "La céramique commune locale et régionale", *Fouilles* , V, Paris, 1975

ALARCÃO, J.de - "Conimbriga", in *Colóquio* , nº 48, Abril 1968, p. 21-24

ALARCÃO, J. e A. - *Vidros romanos de Conimbriga* , Conimbriga, 1965

ALARCÃO J. de., ÉTIENNE; R., - com a colaboração do Bureau d'Architecture Antique du Sud-Ouest, C.N.R.S., Pau, "L'Architecture", *Fouilles*, I, Paris, 1977

ALARCÃO;, Jorge de, ÉTIENNE, R., "Conimbriga, ville de Lusitanie", in *Latomus*, XXXVIII, nº 4, Bruxelas, 1979, pp. 877-890

- CORREIA, Vergílio - "Conimbriga Visigótica", in *O Instituto* , XC, 1936, p. 410-415
- CORREIA, Vergílio - De Conimbriga, Achados vários. Uma fíbula , in *Archeologo Portuguez* , XIV, 1909, p. 259-261
- CORREIA, Vergílio - "Divindades romanas de Conimbriga", in *Diário de Coimbra* , 24 de Maio de 1943.
- CORREIA, Vergílio - Excavações em Conimbriga", in *Arte e Arqueologia* , I, 1930, p. 171-173
- CORREIA, Vergílio - "Las mas recientes excavaciones romanas de interes en Portugal. La ciudad de Conimbriga", in *Archivo Español de Arqueologia* ,XLIII, 1941, p. 257-267
- CORREIA, Vergílio - *Museu Machado de Castro. Secções de Arte e de Arqueologia. Catálogo-Guia* , Coimbra, 1941
- CORREIA, Vergílio - "Notas de Arqueologia e Etnografia do Concelho de Coimbra", in *Biblos* , XVI, 1940, p. 97 e 142
- CORREIA, Vergílio - "Notas sobre o pré-românico coimbrão", in *Arte e Arqueologia* , I, 1930, p. 174-180
- CORREIA, Vergílio - "A romanização da Lusitânia", in *Congresso do Mundo Português. Publicações, 1º vol., Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)* , Lisboa, 1940, p. 531-546
- CORREIA, Vergílio - "As ruínas de Conimbriga", in *Diário de Coimbra* de 25 de Abril de 1938
- CORREIA, Vergílio e NOGUEIRA GONÇALVES, A. - *Inventário Artístico de Portugal. IV. Distrito de COimbra*, Lisboa, 1952
- CORREIA, Virgílio Hipólito - "Os fenícios no território português", in *Estudos Orientais IV* , Instituto Oriental, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1993
- COSTA, P.A. Carvalho da - *Corografia Portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo II, Lisboa, 1708, pp.34 e 35
- DAVID, Pierre - "Recensão de Oppidum Romano de Conimbriga, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais , LII-LIII, 1948", in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, 14, 1950, p. 321-324

CAMARGO e ALMEIDA, F. de - "Considerações sobre o mosaico das quatro estações de Conimbriga. A representação do Sol", in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, II, p. 494-507

CAMPOS, J.C.A. de - *Catálogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto*, Coimbra, 1877

CARVALHO, J. Teixeira de - "Os túmulos romanos de Condeixa", in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, II série, nº 3, 12 de Março de 1906, p. 92-94

CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO. SUPLEMENTO 1º, 1877-1883, p.7

CATALOGO DOS OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO. SUPPLEMENTO 2º COMPREHENDENDO OS OBJECTOS OFFERECIDOS E DEPOSITADOS DESDE NOVEMBRO DE 1883, in *O Instituto*, 35, 1888, pp.210 a 220

CONGÈS, Anne Roth - "L'hypothese d'une basilique à deux nefes à Conimbriga et les transformations du forum", in *M.E.F.R.A.*, 99, 1987, pp.711-751

CONIMBRIGA - Notícia anónima, in *Arte e arqueologia*, I, 1930, p. 88-89

CORREIA, Vergílio - "Conimbriga", in *Panorama*, I(4), 1941, p. 28-29

" " " " , *Coimbra*, 1945

" " " " , in *Guia de Portugal*, 3º vol., Beira Litoral,

Beira Baixa e Beira Alta, Lisboa 1944, p. 332-337

CORREIA, Vergilio - Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha), in *Archeologo Portuguez*, XXI, 1916, p. 252-264

CORREIA, Vergílio - "Conimbriga. A mais importante cidade romana do centro de Portugal", in *Diário de Coimbra* de 25 de Maio de 1936

CORREIA, Vergílio - *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1935

CORREIA, Vergílio - *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1936

CORREIA, Vergílio - *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1938

- HUBNER, E. - "Additamenta nova ad corporis", vol. II, in *Ephemeris Epigraphica*, IX, Berlin, 1ª parte, 1903
- HUBNER, E. - "Conimbriga", in *Real Encyclopedie der klassischen Altertumswissenschaft*, Stuttgart, 1900, col. 884
- HUBNER, E. - *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871
- HUEBNER, Ae. - *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum, II)*, Berlin, 1869, pp.40 e 41
- HUEBNER, Ae. - *Inscriptiones Hispaniae Latinae, Supplementum (Corpus Inscriptionum Latinarum, II)*, Berlin, 1892
- INAUGURAÇÃO DO MUSEU MONOGRÁFICO, in *Conimbriga*, IV, 1965, p. 112-115
- JORDÃO, L.M. - *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, Olisippone, 1859
- LEITE DE VASCONCELOS, J. - "A respeito de Conimbriga.5.Alcabideque", in *Archeologo Portuguez*, VIII, 1903, p.152-155
- LEITE DE VASCONCELOS, J. - "Analecta archaeologica", in *Archeologo Portuguez*, VIII, 1903, p.162-172
- LEITE DE VASCONCELOS, J. - "Coisas Velhas," in *Archeologo Portuguez*, XXIV, 1919-1920, p. 215-237
- LEITE DE VASCONCELOS, J. - "Rápida visita às ruínas", in *O Jornal de Condeixa*, 8 de maio de 1897
- LEITE DE VASCONCELOS, J. - "A respeito de Conimbriga", in *Archeologo Portuguez*, IV, 1898, pp. 304 a 308.
- MACIEL, Justino, CAMPOS COELHO, Teresa- "A Basílica e o Baptistério Paleocristãos de Conimbriga", comunicação à *III Reunião e Arqueologia Paleocristã*, Maó, Baleares, Setembro de 1988.
- MADAIL, A.G.R. - "Uma ara inédita", in *Archeologo Portuguez*, XXIV, 1919-1920, p. 197-198
- MANTAS, Vasco Gil - "Dois novos miliários do território de Conimbriga", in *Biblos*, Vol. LXI, 1985, pp. 159-179
- MESQUITA DE FIGUEIREDO, A. - "Les Monuments romains du Portugal", in *Revue Archeologique*, XXI, 1913, p. 347-370
- MOUTINHO ALARCÃO, Adília - *Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga*, Coimbra, 1984

- DAVID, Pierre - *A Sé Velha de Coimbra* , Porto, 1943
- DELGADO, M. - "Terra sigillata de Conimbriga" , in *Conimbriga* , VI, 1967, p. 47-128
- ESTACIO DA VEIGA, Sebastião Philippes Martins - *Antiguidades monumentaes do Algarve* . Tempos Prehistoricos, Tomo IV, Lisboa 1891, pp.155 e 156
- ÉTENNE, R., ALARCÃO, J. - "La chronologie des cryptoportiques à Conimbriga", in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia ,Coimbra*, 1971, p. 479-486
- ÉTIENNE, R., FABRE, G., LÉVÊQUE, P. et M.: - "Epigraphie et Sculpture", *Fouilles*, II, Paris, 1976
- EXCAVAÇÕES EM CONIMBRIGA - Artigo anónimo, in *Arte e Arqueologia* ;II, 1933, p. 67
- FERRÃO, Leonor - *A Casa de Cantaber. Estudo arquitectónico*, Trabalho realizado na Cadeira de Antiguidade Clássica do Curso de *Mestrado em História da Arte* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1990, policopiado
- FÉVRIER, P. A., "De Sétif à Conimbriga, en passant par l'Orient (à propos de la céramique de la fin de l'Antiquité)", in *Conimbriga* , XV, 1976, p. 63-72
- FILIPPE SIMÕES, A. - "Alguns passos num labyrintho. Se Coimbra foi povoação romana e que nome teve" , in *Portugal Pittoresco* , 1879
- FLOREZ, Frei Henrique - *España Sagrada. Theatro Geographico-Historico de la Iglesia de España...XIV. De las iglesias de Abila, Caliabria, Coria, Coimbra, Eborá, Egítania, Lamego, Lisboa, Ossonoba, Pacense, Salamanca, Viséo y Zamora, segun su estado antiguo*, Madrid, 1758, pp.62 a 73
- FOUILLES DE CONIMBRIGA - Publicadas sob a direcção de Jorge de Alarcão e de Robert Étienne, *Mission Archéologique Française au Portugal. Musée Monographique de Conimbriga* . 7 vol., Paris, 1974-1979
- G: (António Augusto Gonçalves ?) - Notícia publicada in *Resistência* de 28 de Fevereiro de 1907, e in *Archeologo Portuguez* , XIII, 1908, p. 25-28
- GONÇALVES, A. - "Excavações nas ruínas de Conimbriga (Condeixa-a-Velha)", in *Portugalia* , I, 1899-1903, p.359-365.
- HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO, sob a direcção de António Baião, vol. I, Lisboa, 1937

- OLEIRO, J.M.Bairrão - Ruínas de Conimbriga. Consolidação de mosaicos", in *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 116, Junho 1964
- OLEIRO, J.M.Bairrão - "Trabalhos em Conimbriga e no criptoportico de Aeminium" , in *Conimbriga*, I, 1959, p. 120-122
- OLEIRO, J.M.Bairrão , CASTRO, L. de Albuquerque, "Pequeno ensaio de um aparelho M-Scope na prospecção de elementos arqueológicos em Conimbriga2, in *Boletim de Minas* , 12, 1961, p. 9
- OLEIRO, J.M.Bairrão, ALARCÃO, Adília, ALARCÃO, Jorge, *Conimbriga. Roteiro do Museu e das Ruínas* . Conimbriga, 1963
- OLEIRO, J.M.Bairrão, Étienne, Robert, - Les résultats de la première campagne de Fouilles franco-portugaises à Conimbriga", in C.R.A.I., 1966, p. 442-451
- PEREIRA, I., BOST, J.P., HIENARD, J. - "Les monnaies", *Fouilles* , III, Paris, 1974
- PESSOA, Miguel - *A Muralha Augustana de Conimbriga*, Coimbra, 1992
- PESSOA, Miguel - "Subsídios para a carta arqueológica do período romano na área de Conimbriga", Separata de *Conimbriga*, vol. XXV, 1986
- PIEL, J.M. - "Sobre os toponómios Conimbriga, Condeixa e Alcabideque", in *Conimbriga* , XVI, 1977, p. 161-165
- PIEL, J.M. - " Uma inscrição romana de Conimbriga", in *Humanitas* , I, 1947, p.130-132
- PINHO LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de - *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de portugal e de grande numero de aldeias*, Tomo II, Lisboa 1874, pp.370 a 379
- RACHET, M., BOST, J.-P., PEREIRA, J. - "A propos d'un trésor monétaire découvert à Conimbriga", in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, II, p. 543-557
- ROCHA DE BRITO - "As termas de Conimbriga", in *Clínica, Higiene e Hidrologia* , IX(5), 1943, p. 121-126
- RODRIGUES, M. de Lurdes - "Inscrições romanas do Museu Machado de Castro", in *Humanitas* , XI-XII, 1959-1960, p. 112-132

MOUTINHO ALARCÃO, Adília, *Exposição permanente no Museu Monográfico de Conimbriga, Roteiro*, Coimbra, 1984

MOU TINHO ALARCÃO, Adília, *Roteiros de Arqueologia Portuguesa.2. Ruínas de Conimbriga*, Lisboa, 1987

NOTÍCIAS VARIAS - Artigos vários, anónimos, publicados in *O Século* de 12 de Fevereiro de 1906 e de 20 de Março de 1906 , retomados in *Archeologo Portuguez* , XI, 1906, p.236-238

OLEIRO, J.M:Bairrão - "Archaeologica", in *Humanitas*, VII-VIII, 1955-56, p. 272-284

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Conimbriga", in *Dicionário da História de Portugal*, Porto, 1971, I, p. 670-671

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Conimbriga", in *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale* , Vol. II, 1959, p.781-783

OLEIRO,J.M.Bairrão - "Conimbriga ", in *Verbo, Enciclopedia Luso-Brasileira de Cultura* , 5, Lisboa 1965, 1403-1404

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Conimbriga e alguns dos seus problemas", in *Humanitas*, IV, 1952, 32-42

OLEIRO,J.M.Bairrão - "Conimbriga e o seu Museu Monográfico. Passado-Prezente-Futuro", in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* , V, 1966, p. 6-11

OLEIRO, J. M. Bairrão - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus. I. Conimbriga, Casa dos Repuxos* . Com apêndices por Adília Moutinho Alarcão e Virgílio Hipólito Correia e Rui Nunes Pedroso, Conimbriga, 1992, 2 volumes

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Elementos para o estudo da terra sigilata em Portugal. I.Marcas de oleiro encontradas no País", in *Revista de Guimarães* , LXI, 1951, p. 81-111

OLEIRO,J.M.Bairrão -"Elementos para o estudo da terra sigillata em Portugal.II.Vaso Dragendorf 37, de fabricação hispânica procedente de Conimbriga", in *Humanitas*, V-VI, 1953-54, p.76-85

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Materiales arqueológicos de Conimbriga. El mosaico del Laberinto", in *Archivo Español de Arqueologia* , XXIV, 1951, p. 47-52

OLEIRO, J.M.Bairrão - "Notícia de alguns materiais arqueológicos procedentes de Conimbriga, in *Cronica del II Congresso arqueológico nacional* , Madrid, 1951, Saragoça, 1952 p. 451-454.

- ADAM, J-P. *La construction romaine, matériaux et techniques*, Paris, 1984
- ALARCÃO, Jorge de, "Arquitectura Romana", in *História da Arte em Portugal*, I, Lisboa, 1987.
- ALARCÃO, Jorge de, "O Dominio Romano", in *Nova História de Portugal*, dir. de Joel Serrão, coordenação de Jorge de Alarcão, Vol I, pp.343-489
- ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1988.
- ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, I e II, London, 1988
- ALBERTI, Leon Battista, *The ten books of architecture. The 1755 Leoni Publication*, London, 1755, ed. fac-simile, Toronto, 1986
- BALIL, A, "Casa y urbanismo en la España Antigua," in *Studia Archaeologica* I-IV, Santiago de Compostela, 1972, 1973, 1974
- BARRAL Y ALTET, X., "Transformacions de la topografia urbana a la Hispania cristiana durant l'antiguitat tardana", in *Actas da II Reunião de arqueologia paleocristã*, Abadia de Montserrat, 1982
- BECATTI, G, *Gli scavi di Ostia. Topografia generale*, Roma, 1953
- BESCHAOUCH, A, HANOUNE, R, THÉBERT, Y, *Les ruines de Bulla Regia, Roma, 1977*
- BIANCHI-BANDINELLI, R, *Leptis Magna*, Roma, 1963
- "", *Rome, the Late Empire Roman Art, AD 200-400*
- BIERS, *Investigations at an iron age and roman site in southern Portugal, Missouri*, 1981
- BOESWILDWALD, E, CAGNAT, R, BALLU, A, *Timgad, une cité africaine sous l'empire romain*, Paris, 1905
- BOETHIUS, A, "WARD-PERKINS, J.B., *Etruscan and Roman architecture*, Harmondsworth, 1970
- BOETHIUS, A., *The Golden House of Nero*, Michigan, 1960
- BOETHIUS, A, "Roman Architecture from its classicism to its Late Imperial phase", *Sep. Goteborgs Hogskolas Arsskiift*, V, nº 47, 1941
- BOETHIUS, A, "Vitruvius and the Roman Architecture of his age," in *Dragma*, Roma, 1939, pp. 114-143
- BORNECQUE, H., MORNET; D., *Rome et les romains*, Paris, 1914,
- BRILLIANT, R, *Roman Art from the Republic to Constantine*, Londres, 1974
- BRODNER, E., *Untersuchungen an den caracallathermen*, Berlin, 1951

- RAMALHO, A. da Costa - "Dois antropónimos gregos", in *Humanitas*, XVII-XVIII, 1965-1966, p. 174-179
- RUÍNAS DE CONIMBRIGA - *Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais*, Lisboa, LII-LIII, Junho-Setembro 1948
- RUÍNAS ROMANAS DE CONIMBRIGA - Lisboa, 1962
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora...*, Tomo IV, Lisboa, 1712, pp.61,69,72,73,78,80,90 e 95.
- S.LUIZ, D. Francisco de - "Coimbra e Eminio", in *Revista Estrangeira*, Lisboa, 1853-1862, p.48-51
- SEPULVEDA, Christovão Ayres de Magalhães - *História orgânica e política do exército português. I. Origens. I. Romanos, Hispanicos, Cartaginezes*, 1, Lisboa, 1896, pp.439 a 444
- SEPULVEDA, Christovão Ayres de Magalhães - *História orgânica e política do exército português. Provas*, vol. I, Lisboa, 1902
- SIMÕES DE CASTRO, Augusto Mendes - *Guia histórico do viajante em Coimbra e arredores*, Coimbra, 1867
- SIMÕES DE CASTRO, Augusto Mendes - Instituto de Coimbra, Comissão de Archeologia, Sessão de 5 de Junho de 1873, in *O Instituto*, 17, 1873, pp.80 a 83
- SIMÕES DE CASTRO, Augusto Mendes - Instituto de Coimbra, Comissão de Archeologia, Sessão de 6 de Novembro de 1873, in *O Instituto*, 17, 1873, pp.270 a 274
- TAVARES DE PROENÇA JUNIOR, F. - "Inscrições romanas de Castelo Branco", in *Archeologo Portuguez*, XII, 1907, p. 172-174
- VASCONCELOS, Diogo Mendes de - *L. Andr. Resendii Eborensis de Antiquitatibus Lusitaniae caeteraque, historica, quae extant, Opera tomus I. Scholia Jacobi Maenetti Vasconcelli, Conimbricae* (Coimbra) 1790, p.358-360
- VILLARONGA, L., "Las monedas partidas procedentes de las excavaciones de Conimbriga", in *Nummus*, nº 34-35, p. 3-7
- VINET, Elie - *Notae ad Florum*, Bordeaux, 1576, p.81 a 86, e 93 a 95.

## B) Outras fontes e obras de consulta

- FERREIRA, Octávio da Veiga, "Balneários romanos, Plano e técnica de construção", *Revista do Sindicato da Ordem dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Construtores*, XI, nº 2, Abril-Jun, 1956, pp.4-13
- FICHET, F., *La theorie architecturale a l'Age Classique*, Bruxelles, 1979
- FOUCHER, L., *Thermes romain des environs d'Hadrumete*, Tunis, 1958
- GARCIA y Bellido, A., *Arte Romano*, 2ª ed., Madrid, 1972
- " , *Colonia Aelia Augusta Italica*, Madrid, 1960
- " , *Los Iberos en el Atlantico. Sus viajes y descubrimientos en la epoca antigua*, Madrid, 1953
- GARCIA Y BELLIDO, *Origenes de la ciudad y su evolucion hacia las primeras grandes metropolis*, Madrid, 1958
- GARCIA Y BELLIDO, *Resumen Historico del urbanismo en España*, Madrid, 1968
- GIEDION, S., *La arquitectura, fenomeno de transición . Las tres edades del espacio*, Barcelona, 1969
- GORGES, J.G., *Les Villas Hispano Romaines*, Paris, 1979
- GRANGER, F., *Vitruvius on Architecture*, Cambridge(Mass), 1931, 2 vol.
- GREENHALGH, M., *What is Classicism ?*, London, 1990
- GRIMAL, P., *A civilização romana*, Lisboa, 1988
- " *Les jardins romains*, 3ª ed., Paris, 1984,
- " *A vida em Roma na Antiguidade*, Lisboa, 1981
- " *Les villes romaines*, 6º ed., Paris, 1983 Paris
- GROS, P., "Statut social et ôle culturel des architectes", in *Actes du Colloque "Architecture et société"*, École Française de Rome, 1983, pp. 425-452
- HANSEN, E., "La Piazza d'Oro e la sua cupola", in *Analecta romana Institut danici* 1, Supplementum, 1960
- HAUSCHILD, T., "A Villa romana de Milreu", in *Arqueologia*, 9, 1984, pp. 94-104
- HESPANHA, M.C.F.de O., *Estudo comparativo das Termas Romanas em Portugal*, Dissertação de licenciatura em Ciências históricas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1963, policopiado
- HIPOLITO, M de C., "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, in *Conimbriga*, 2 e 3, 1960-61, pp. 1-165

- BROWN, P, "Antiguidade Tardia" in *História da Vida Privada, I, Do Império Romano ao ano mil*, dir. de Paul Veyne, Porto, 1989, pp. 225-299
- BUTLER, H.C., *Ancient Architecture in Syria*, Leyden, 1909
- CALAIS, M.J., *A geometria de Centum Cellas*, Covilhã, 1984
- CANTINO, G, W, *La Domus Augustana : personalità e problemi dell' architettura Flavia*, Turim, 1966
- CARCOPINO, J., *A vida em quotidiana em Roma no apogeu do império*, Lisboa, s.d.
- CASTAGNOLI, F., *Topografia e urbanistica di Roma antica*, Bolonha, 1969
- CASTRO, M.C.H., " *Villas romanas en españa*", Madrid, 1982
- CHOAY, F., *La règle et le modèle*, Paris, 1980
- CLAVEL, M., LEVEQUE, P., *Villes et structures urbaines dans l'occident romain*, Paris, 1971
- COURTOIS, C., " *Ruines du Cap Bou*", in *Khartago* n° 5, 1954
- CREMA, L'Architettura romana, in *Enciclopedia dell'Arte Classica*, Sezione III, vol, XII, tomo I, Turim, 1959
- CREMA, L., "Osservazioni sull'architettura tardo-romana", in *Studi in onori di A. Calderini e R. Paribeni*, vol. III, Milano, 1956
- D'OSSAT, G. de A, "Tecnica costruttiva e impianti delle terme", in *Civiltà Romana*, n° 23, Roma, 1949
- DAREMBERG, M.C., Saglio, E, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines, d'après les textes et les monuments*, Paris, 1877-1900, 10 vol.
- DIZIONARIO ENCICLOPEDICO DI ARCHITETTURA ED URBANISTICA, Roma, 1968, 6 vol. 6° vol., pp.176-177 -ELLIS, S.P., "The end of the Roman House", in *American Journal of Archaeology*, LXXXII, n° 4 Boston, 1988, pp. 565-576
- DUVAL, Noel, POPOVIC, Vladislau, *Sirmium VII, 1. Architecture*, Belegade, 1977
- ENCARNAÇÃO, J., *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984
- ENNAIFER, M, *La cité d' Althiburus*, Tunes, 1976
- ESCHEBACH, H, *Die Stabianer Thermen in Pompeji*, Berlin, 1979
- ÉTIENNE, R, *Le quartier Nord-Est de Volubilis*, Paris, 1960, 2 vol.
- " *A vida Romana em Pompeia*, Lisboa, s.d.

- LUGLI, G, Il valore topografico e giuridico dell' insula in Roma antica", *Rendiconti della Pont. Accademia Romana di Archeologia*, vol. XVIII, 1941-42pp. 191-208
- MACDONALD, W., *The Architecture of the Roman Empire*. Vol I *An introductory study*, London, 1965, vol. II *An Urban appraisal*, 1986
- JIMENEZ, A., "De Vitruvio a Vignola : autoridad de la tradicion", in *Habis*, nº6, Sevilha, 1975
- MACHADO, J.S., Documentos de estácio da Veiga", in *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas Arqueológicas*, I, pp. 333-385, Lisboa, 1970
- MAGIE, D, *Roman rule in Asia Menor to the end of the third century after Christ*, Princeton, 1950, 2 vol.
- MACKAY, A.G., *Houses ans villas iand Palaces in the roman world*, Londres, 1977
- MEIGGS, R., *Roman Ostia*, Oxford, 1960
- MORENO, G., La cristianizacion de la topografia de las ciudades de la Peninsula Iberica durant la antiguedad tardia", in *Archivo Español de Arqueologia*, nº50-51, 1979, pp.311-321
- THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY, Oxford, 2<sup>a</sup> ed.1971
- PEDOAN, D., *Geometry and the liberal arts*, Harmondsworth, 1976
- PELLETIER, *L'urbanisme romain sous l'empire*
- PERRAULT, Claude, *Les Dix Livres D'Architecture de Vitruve, corrigées et traduits nouvellement en français, avec des Notes & des Figures*. *Seconde edition reveue, corrigée, & augmentée par Claude Perrault*, Paris, 1684. Ed. fac-simile, Paris 1984, p.193
- PICARD, G.C., *Empire Romain*, Fribourg, 1965
- " *Vie et mort de Carthage*, Paris, 1970
- PIGANIOL, A., *Le mémorial des siècles, .V siècle, Le sac de Rome*, Paris, 1964
- PLOMMER, H., *Vitruvius and later roman manuals*, Cambridge, 1973
- PONSICH, M , "Lixus, le Quartier des thermes", in *Études et travaux de Archéologie Marocaine*, IX, Rabat, 1981
- REBUFFAT, R, "Le développement urbain de Volubilis au second siècle de notre ère", in *Bulletin Archéologique du Comité*, 1965-66, pp.231-240

- HOMO, L., *Rome Impérial et l'urbanisme*, Paris, 1951
- HORTA-PEREIRA, M.L., *Monumentos históricos do concelho de Mação*, Mação, 1970
- KEAY, S.J., *Rosman Spain*, London, 1988
- KRAELING, c.H., *Ptolomais, city of the Lybian Pentapolis*, Chicago, 1962K
- KRIER, R., "Elements of architecture", in *architectural Design*, London, 1983
- LAVEDIN, P., *Histoire de l'urbanisme. Antiquité. Moyen-âge*, Paris, 1926
- LÉZINE, *Notes sur la consolidation des monuments des historiques de Tunisie*, Tunis, 1953
- LÉZINE, A., *Carthage, Utique, Etudes d'Architecture et d'Urbanisme*, Paris, 1968
- LÉZINE, A., *Utique*, Tunis, 1970
- " "Les voutes romaines a tubes emboités et les croisées dógives de Bulla Regia", in *Khartago*, n° 5, 1954
- d'Afrique,
- LUGLI, G., "Architettura italica", *Atti Della Accademia Nazionale dei Lincei, série VIII*, II fasc., 4, Roma, 1949
- LUGLI, G., "Le fortificazioni delle antiche città italiche", *Accademia dei Lincei, serie VIII*, vol. II, fasc 5-6, 1947, pp. 294-307
- LUGLI, G., *I monumenti antichi di Roma e suburbio*, vol I, 1931
- LUGLI, G., "Nuove forme dell'architettura romana nell'età dei flavi", in *Atti del Convenno naz. storia dell'architettura*, Roma, 1938
- LUGLI, G., "Osservazioni sulla topografia di Aosta antica", in *Atti del X Congresso di Storia dell'architettura*, Torino, 1957
- LUGLI, G., "La Roccabruna della Villa Adriana", in *Palladio*, Ano IV, n° VI, Roma, 1940
- LUGLI, G., *La scienza costruttiva al tempo dei re e dei primi consoli di Roma*, Roma, 1941
- LUGLI, G., *La tecnica edilizia romana*, Roma, 1957, 2 vol.
- " "La trasformazione di Roma pagana in Roma cristiana", *Accademia Naz. dei Lincei*, 1949, serie VIII, vol. IV, fasc 1 e 2
- LUGLI; G "L'urbanistica nel mondo etrusco, italico e romano", *Sep. L'Urbanistica Dell'Antichità ad Oggi*, s.d.

VEYNE, P., O Império Romano, in *História da vida Privada I - Do Imperio Romano Ao Ano Mil* (dir. P. Veyne), Porto, 1989, pp. 192-223

VIANA, A, *Algumas noções elementares de Arqueologia Prática*, Beja, 1962

VIANA, A, "Museu regional de Beja", in *Arquivo de Beja*, nº2, 1945pp. 315-321

VIANA, A., "Notas historicasarqueológicas e etnográficas", in *Arquivo de Beja*, nº4, pp. 19-21. Nº 14, 1957, p. 36

LES VILLAS ROMAINES DE SÃO CUCUFATE (PORTUGAL), Publ. sob dir. de J. de Alarcão, R. Étienne, F. Mayet, Mission Archéologique Française au Portugal, Paris, 1990

- REBUFFAT, R., "Enceintes urbaines et insécurité en Mauritanie Tingitane," *Mélanges de l'École Française de Rome-Antiquité*, n° 86, 1974
- REBUFFAT, R., *Thamusida. Fouilles du service des Antiquités du Maroc.*, Paris, 1970
- ROBERTSON, D.S., *Greek and Roman Architecture*, Cambridge, 2<sup>a</sup> ed. 1943
- ROMANELLI, P., *Storia delle province romane dell'Africa romana*, Roma, 1959
- " " "Topografia e archeologia dell' Africa romana", in *Enciclopedia Classica*. Sezione III, X, tomo VII, Turim, 1970
- SAAVEDRA MACHADO, J.L, "Documentos de Estácio da veiga para o estudo da arqueologia do algarve. I. Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos", in *Actas das I jornadas Arqueológicas*, I, Lisboa, 1970, pp. 366-372
- SANTOS, M.L.E. da V. A. dos., *Arqueologia Romana do Algarve*", vol. II, pp. 249-277
- SANZ, Don Joseph Ortiz y Sanz, *Los diez libros de arquitetura de M. Vitruvio Polión*, Madrid, 1787, ed. fac-simile, Barcelona, 1987
- SARTRE, M., *L'Orient romain*, Paris, 1991
- SEAR, F., *Roman architecture*, London, 1988
- SERLIO, S., *The five books of architecture*, London, 1611, ed. fac-simile, Nova York, 1982
- STACCIOLI, R.A., *I criptoportici forensi di Aosta e di Arles*
- SUCEVEANU, A., *Histria VI, les thermes romains*, Bucarest, 1982
- TARACENA, B., Arte Romano, in *Ars Hispania. Historia Universal del Arte Hispanico*, II, Madrid, 1947, pp. 11-179
- THEBERT, Y., Vida privada e arquitetura doméstica na África romana, in *História da Vida Privada I, Do império ao Ano Mil* (vol. dir. por P. Veyne), Porto, 1989, pp 301-397
- THOUVENOT, R, *Essai sur la province romaine de Bétique*, Paris, 1940
- WARD\_PERKINS, J.B., *Architettura romana*, Milano, 1979
- WARMINGTON, B.H., *The North African Provinces from Diocletian to the Vandal Conquest*, Cambridge, 1954
- WATAGHIN-CANTINO, G., *La Domus Augustana: personalità e problemi dell'architettura flavia*, Turim, 1966
- WISEMAN, F.J., *Roman Spain : an introduction to the Roman antiquities of Spain and Portugal*, Londres, 1956

**Clipeus** - disco, geralmente de bronze, que nas aberturas das abóbodas das salas aquecidas (*oculi*) permitia regular a quantidade de calor ou de vapor. Este sistema era utilizado também, noutro tipo de edifícios, como, por exemplo, na sala octogonal da *Domus Aurea* ou no *Panteão* (VITRUV., V, X, 5)

**Concamerata sudatio** - abóboda das salas aquecidas (VITRUV, V, X, 3 e V, XI, 2)

**Descensio** - *Alveus* cujo acesso se fazia descendo

**Destructarium** - sala entre o banho quente e o frio na qual, depois de suar, se usava o *strigilis*

**Elaeotherium** - sala especial para massagens (VITRUV, V, XI, 2)

**Exedra** - sala de reunião e de conversação (VITRUV, V, XI, 2)

**Frigidarium** - salas não aquecida que se destinava aos banhos frios (VITRUV., V, X, 1 e V, XI, 2)

**Fornax** - forno

**Hemisphaerium** - abóboda (VITRUV, V, X, 5)

**Hypocaustum** - espaço sob as salas destinado ao aquecimento das mesmas, o que era conseguido através da circulação de ar quente, produzido pela combustão de materiais (normalmente carvão de madeira) no *praefurnium*

**Hypocaustis** - sistema de aquecimento (VITRUV, V, X, 1)

**Imbrex** - telha em forma de meia cana que cobria a união de duas *tegulae*

**Labrum** - recipiente isolado que, situado *caldarium* ou no *tepidarium* servia para abluções (VITRUV, V, X, 4)

**Laconicum** - sala destinada à transpiração através da circulação de ar quente. Cif. *sudationes* (VITRUV., V, X, 5 e V, XI, 2)

**Lavatrina** - sala das habitações que no tempo da república se destinava às lavagens, geralmente situada perto da cozinha

**Loculi** - piscinas com divisórias

**Módulo** - unidade de medida, múltipla da medida local, que em diferentes proporções nos dá a medida de cada uma das partes e, conseqüentemente a sua relação com todo o edifício (VITRUV., I, II, 2 e 3)

## GLOSSÁRIO

Indicamos aqui não só alguns dos vocábulos que constam do texto, mas também outros que, embora nele não figurem, estão intimamente ligados à terminologia dos banhos ou termas. Indicamos ainda as referências que a eles são feitas na obra de Vitruvio, em especial nos capítulos dedicados às instalações para banhos e palestras (Livro V, X e XI)

**Alveus** - piscina, banheira (VITRUV., V, X, 4)

**Ahenum** - caldeiras de bronze que se utilizavam para aquecer a água

**Alipilus** - escravo que nos banhos romanos tinha por função fazer a depilação

**Alipta** - aqueles que nos ginásios e palestras administravam as unções e as fricções que precediam ou seguiam os exercícios

**Apodyterium** - sala que servia de vestiário. o mesmo que *spoliarium*

**Aquarii** - escravos públicos que sob a direcção de magistrados, estavam encarregues de fazer a conservação de fontes, aquedutos e distribuição das águas, nomeadamente para as termas.

**Balneum** ou **Balneum** - banho ou edifício para banhos de reduzidas dimensões. Cif. *Termas*

**Balneae pensiles** - banhos sobre *hypocaustum*

**Balneator** - escravo que cuida dos banhos

**Bessalis** - tijolos de  $\frac{2}{3}$  de pé de lado (aprox. 19,7 cm) e de espessura variável entre 3 e 4,5 cm (VITRUV., V, X, 2)

**Bipedalis** - tijolos de dois pés de lado (aprox. 59,2 cm) e de espessura variável entre 3 e 4,5 cm (VITRUV., V, X, 2)

**Calda lavatio** - banho de água quente (VITRUV., V, XI, 2 e 5)

**Caldarium** - sala aquecida que se destinava aos banhos quentes (VITRUV., V, X, 1 e 3)

**Capsarius** - aquele que guardava as roupas dos banhistas

**Sudationes** - sala destinada à transpiração, através da circulação de vapor quente

**Suspensura** - pavimentos suspensos de modo a que se pudesse fazer o seu aquecimento por baixo (VITRUV, V, X, 2)

**Strigilis** - instrumento com o qual se raspava o corpo para retirar a gordura e a sujidade.

**Tegula** - telha rectangular com rebordos laterais

**Tegulae hammatae** (ou **mammatae**) - telhas quadradas ou rectangulares, de dimensões variáveis, munidas de saliências, usadas nas paredes das salas aquecidas de forma a permitir a passagem do ar quente. Podiam ser utilizadas também, como material isolador de humidades. Cif *tubuli*

**Tepidarium** - salas que se destinavam aos banhos tépidos (VITRUV., V, X, I, 5)

**Termas** - edifício que, a partir do séc. I, se destina aos banhos diferindo do *balneum* pelas grandes dimensões e pela planimetria de esquema axial que, em regra geral, apresenta

**Tubuli** - canalizações de cerâmica, de secção rectangular e dimensões variáveis, utilizados nas paredes das salas aquecidas, de forma a permitir a circulação do ar quente através das mesmas. Cif *tegulae hammatae*

**Unctor** - aquele que fazia massagens com *unghentum*, em especial áqueles que praticavam exercícios físicos. Cif. *aliptes*

**Unghentum** - perfumes oleosos, líquidos ou sólidos, utilizados na massagem

**Oculi** - aberturas nas abóbodas das salas aquecidas que, através de um disco (*clipeus*) permitiam regular a quantidade de calor ou de vapor . Cif. *clipeus*

**Opus signinum** - argamassa feita de cal hidráulica, areia e tijolo esmigalhado, usada na impermeabilização de pavimentos, tanques e paredes

**Opus vittatum mixtum** - paramento feito de diferentes materiais (geralmente pedra e tijolo), dispostos em filas alternadas, e em proporção variável, de acordo com a disponibilidade dos mesmos

**Palaestra** - pátio geralmente destinado à prática de exercícios físicos (VITRUV., V, XI, 1)

**Palaestra Peristylia** - pátio porticado (VITRUV., V, XI, 1 e 2)

**Pé** - unidade de medida romana, variável, de acordo com o local. O *pé itálico* era, normalmente, igual a 27,5 cm, enquanto que em *CONIMBRIGA* o valor encontrado foi de 29,6 cm

**Pluteus** - parapeito baixo utilizado, frequentemente, como divisória entre o *alveus* e a sala em que ele está inserido

**Praefurnium** - sala normalmente de forma rectangular, muitas vezes precedida por um pátio ou câmara que servia como depósito. Abobadada na maior parte das vezes, e coberta de telhas, possuía uma abertura para acender o fogo. O forno (*fornax*) era de construção bastante sólida, de materiais refractários, por vezes de lava porosa ou mesmo de blocos de ferro forjado. Numa das suas paredes, nem sempre em frente da sua abertura, existia um canal destinado à condução do calor. (VITRUV., V, X, 2)

**Pulvinus** - rebordo em que na piscina do *caldarium* se apoiavam os banhistas

**Scamma** - bancos

**Schola** - espaço à volta do *labrum* (VITRUV., V, X, 4)

**Sesquipedalis** - tijolo de 1,5 pés de lado (aprox. 44,4 cm) e de espessura variável entre 3 e 4,5 cm (VITRUV., V, X, 2)

**Solium** - banco no fundo de uma piscina que permite aos banhistas sentarem-se. No Baixo Império poderá designar o próprio banho

**Spoliarium** - lugar onde os banhistas se despiam. cif. *apodyterium*

**4**

**6 de Novembro de 1873**

Excerto da comunicação de o Dr Fillipe Simões sobre os vestígios de Conimbriga e a sua possível ligação com Condeixa a Velha e Coimbra

SIMÕES DE CASTRO, Mendes, "Acta da Sessão da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra", in O Instituto, 1873, p.270- 274

p. XXVII

**5**

**21 de Dezembro de 1936**

Carta de Vergílio Correia, Director do Museu Machado de Castro em Coimbra, à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com proposta de mão d'obra referente à execução de diversos trabalhos no Oppidum Romano de Conimbriga - Condeixa-a-Velha

p. XXIX

**6**

**29 de Março de 1937**

Memória com estimativa orçamental dos trabalhos de escavação e conservação de Conimbriga

p. XXX

**7**

**7 de Novembro de 1944**

Memoria com estimativa orçamental dos trabalhos de escavação e de conservação de Conimbriga

p. XXXII

## **APENDICE DOCUMENTAL**

### **Índice dos Documentos**

**!**

#### **Séc. I a.C.**

Preceitos a seguir nos banhos

Vitruvio, *De Architectura*, Livro V, Capítulo X

p. XXIII

**2**

**1708**

Excerto da deacrição de Condeixa a Velha

COSTA, Padre Antonio Carvalho da, *Corografia Portuguesa, e descripção topografica do famoso*

*Reyno de Portugal...*, II, 1708, pp. 22-24

p. XXIV

**3**

#### **5 de Junho de 1873**

Excerto da comunicação de Miguel Osorio sobre os vestigios de Conimbriga e a sua possível identificação com Condeixa-a-Velha e Coimbra

SIMÕES DE CASTRO, A, Mendes, in "Actada Sessão da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra", in *O Instituto*, 17, 1873, pp. 80-83

p. XXVI

pavimentum spectat, primum testa cum calce trullizetur, deide opre albario sive tectorio poliatur. Eaeque camerae in caldariis si duplices factae fuerint, meliorem habebunt usum ; non enim a vapore umor corrumpere poterit materiem contignationis, sed inter duas camerae vagabitur. Magnitudines autem balneorum videntur fieri pro copia hominum ; sint ita conpositae. Quanta longitudo fuerit tertia dempta, latitudo sit, praeter scholam labri et alvei. Labrum utique sub lumine faciendum videtur, ne stantes circum suis umbris obscurent lucem. Scholas autem labrorum ita fuerit oportet spatiosas, uti, cum priores occupaverint loca circum, spectantes reliqui recte stare possint. Alvei autem latitudo inter parietem et pluteum ne minus sit pedes senos, ut gradus inferior inde auferat et pulvinus duos pedes. Laconicum sudationesque sunt coniungendae tepidario ; eaeque quam latae fuerint, tantan altitudinem habeant ad iman curvaturam hemisphaerii. Mediumque lumen in hemisphaerio relinquatur, ex eoque clypeom aeneum catenis pendeat, per cuius reductiones et dimissiones perficietur sudationis temperatura. Ipsumque ad circum fieri oportere videtur, ut aequaliter a medio flammae vaporisque vis per curvaturae rutundationes pervagetur.

## 2

1708

Excerto da descrição da Freguesia de Condeixa-a-Velha

COSTA, Padre Antonio Carvalho da, *Corografia Portugueza, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, II, Lisboa, 1708, pp. 22-24

### Freguesia de Condeyxa a velha

A antiguidade do tempo foy sempre a mais tyranna Parca das noticias, sendo este o motivo, que os Historiadores tiverão para não poderem individuar fundador certo á magnifica Cidade de Colimbria, que hoje se chama Condeixa a velha ; huns disserão, & com melhor fundamento, fora obra dos Turdetanos Colimbrios ; outros que fora Hercules Libico ; & finalmente outros que os cartaginezes : a primeyra opinião parece mais provavel, assim pela semelhança do nome, dextricto da marinha, que então occupavaõ os Colimbrios na Lusitania ; muitas fortalezas, que fazião para se segura-

## Documentos

### 1

#### Séc I a.C. - I d.C.

Preceitos a seguir na construção dos *banhos*

VITRUVIUS, De Architectura, Livro V, Capítulo X

(Tradução de F. GRANGER, London, 1983, 1ª edição em 1931, com reedições em 1944, 1955, 1962, 1970, 1983)

PRIMUM eligendus locus est quam calidissimus, id est aversus ab septentrione et aquilone. Ipsa autem caldaria tepidariaque limun habeant ab occidente hiberno, si autem natura loci inpedierit, utique a meridie, quod maxime tempus lavandi a meridiano ad vesperum est constitutum. Et item est anmadvertum, uti caldaria muliebria et virilia coniuuncta et in isdem regionibus sint collocata ; sic enim efficietur, ut in vasaria et hypocaustis communis sit eorum utrisque. Aenea supra hypocaustum tria sunt componenda, unum caldarium, alterum tepidarium, tertium frigidarium, et ita conlocanda, uti, ex tepidario in caldarium quantum aquae caldae exigierit, influat de frigidario in tepidarium ad eundem modum, testudinesque alveolorum ex communi hypocausti calfaciantur. Suspensurae caldariorum ita sunt faciendae, ut primum sesquipedalibus tegulis solum sternatur inclinatum ad hypocaustum, uti pila cum mittatur, non possit intro resistere, sed rursus redeat ad praefurnium ipsa per se ; ita flamma facilius pervagabitur sub suspensione. Supraque laterculis besalibus pilae struantur ita dispositae, uti bipedalis tegulae possint supra esse conlocatae ; altitudinem autem pilae habeant pedes duo. Eaeque struantur argilla cum capillo subacta, supraque conlocentur tegulae bipedalis quae sustineant pavimentum. Concamerationes vero si ex structura factae fuerint, erunt utiliores ; sin autem contignationes fuerint, figlinum opus subiciatur. Sed hoc ita rerit faciendum. Regulae ferreae aut arcus fiant, eaeque uncinis ferreis ad contignationem suspendantur quam creberrimis ; eaeque regulae sive arcus ita disponantur, uti tegulae sine marginibus sedere in duabus invehique possint, et ita totae concamarationes in ferro nitentes sint perfectae. Earumque camararum superiora coagmenta ex argilla cum capillo subacta liniantur ; inferior autem pars, quae ad

Ataces Rey dos Alanos desolou esta Cidade, não deixando pedra sobre pedra, & em seu lugar fundou o mesmo Rey a de Coimbra moderna, seminario florentissimo de letras, na proximidade do Mondego : morto Ataces, não tornou Colimbria nunca ao seu primeyro esplendor, supposto que passados quarenta & oyto annos, foy reedificada, no fim dos quaes segunda , & ultima vez destruida Remismundo Rey dos Suevos. Não consta que na lamentavel perda de Espanha os Mouros a melhorassem ; antes foraõ a total ruina das Colonias, & povoaçoens ; toda aquella soberba maquina está hoje reduzida a huma pequena Aldea de trinta visinhos : a Freguesia consta de muitos lugares ; razaõ que faz rendoso o Seu Curado, apresentação do Real Convento de Santa Cruz de Coimbra.....

### 3

#### 5 de Junho de 1873

Excerto da comunicação de Miguel Osorio sobre os vestigios de Conimbriga e a sua possível identificação com Condeixa a Velha e Coimbra

SIMÕES DE CASTRO, A. Mendes, "*Acta da Sessão da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra*", in *O Instituto* , 17, 1873, pp. 80-83

Presidencia do Sr. Miguel Osorio Cabral de Castro. Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Adolpho Ferreira de Loureiro, Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conselheiro João José de Mendonça Cortez, Dr. Júlio Marques de Vilhena, Luiz Guedes Coutinho Garrido, prior Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e eu secretario. Foi lida e aprovada a acta da sessão antecedente.

o sr presidente participou ao sr. Pereira Coutinho a resolução , que se havia tomado na sessão anterior, de o convidar para claviculário do museu de archeologia, e o sr. Pereira coutinho promptificou-se a prestar este serviço em quanto se não fizer o regulamento.....

Disse que outra questão muito embaraçosa se tem suscitado quanto a Condeixa-a Velha. Que affirmam alguns escriptores que esta povoação e a actual cidade de Coimbra coexistiram, e que até dizem que cada uma teve seu bispo ao mesmo tempo, pois que num dos primeiros concilios toledanos apparece a assignatura do

rem das naçoens confinantes ; & outras mais conjecturas, que todas persuadem serem os Colimbrios os seus preyros fundadores. Passados já alguns seculos se senhoreàraõ desta Cidade os Romanos ; assim o mostraõ muitas inscripçoens, monumentos, letreiros, & pedras em varios lugares, & principalmente na torre da Igreja de Condeyxa a nova, para onde foraõ tresladadas, principiando-se por ordem do felicissimo Rey Dom Manoel. era Colimbria huma das mais fortes, & inexpugnaveis Cidades, & Praças de armas da Lusitania, assim pela capacidade do terreno, como tambem pela fortaleza de seus muros, principalmente na Praça de armas , aonde os muros tem vinte palmos de largo, & de materia taõ solida , que passando já por elles tantos seculos, estaõ ainda mostrando aos olhos o que foraõ. O corpo da Cidade está assentado em huma planicie de bastante circunvallaçaõ, todo cercado de muros, & a Praça de armas posta na imminencia de hum rochedo, conservando ainda o nome de Almedina. Foy bem provida de agua, porque toda a que nasce na caudelosa fonte de Alcabedeque vinha à Cidade, & fortaleza por grandiosos canos, & aqueductos, dos quaes se conserva grande parte ainda a pezar da voracidade do tempo. He esta fonte huma das mais copiosas, & abundantes deste Reyno, porque logo no seu nascimento lavraõ muitos engenhos de azeyte, & moinhos de paõ, fertilizando com suas correntes grande legoa, & meya de terras de comprido, & meya de largo, com que faz produzir as terras duas, & tres novidades cada anno de todo o genero de excellentes frutos. Junto a esta fonte permanece huma torre, que era presidiada para defenzaõ della, & com razaõ , & propriedade lhe puzeraõ os Mouros o nome de Alcabedeque, que na sua lingua Arabiga significa agua de Deos. Alèm do que tem junto á fortaleza, tiro de mosquete tres chorros de agua nativa, que despejaõ em tres pias de pedra inteiriça de admiravel comprimento, que serviaõ para a mais limpeza, & beber da cavallaria. Em pouca distancia estava hum forte, de que inda existem alguns vestigios, o qual guardava esta agua , & he tradiçaõ que tambem defendia os navios , que ancoravaõ immediatos à fortaleza ; a muitos parece isto livre dito pela distancia de sete legoas, em que vay hoje o mar Oceano ; porém ponderadas bem as circunstancias, naõ parece improvavel que assim fosse naquelles seculos, pois nos mostra a experiencia que nas prayas & potrtos de Portugal tem o mar retrocedido grandes espaços, & assim entrando o mar, & sobindo pelo Mondego assima, campos de Montemòr, figueirò, 6 Ega, se naõ vê obstaculo, ou monte, que pudesse impedir o acesso.

SIMMOES DE CASTRO "Acta da Sessão da Commissão de Archeologia do Instituto de Coimbra", in O Instituto 1873

Presidencia do sr. Miguel Osorio. - Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Dr Augusto Filipe Simões, Dr Francisco da Fonseca Corrêa Torres, Luíz Guedes Coutinho Garrido, João Ayres de Campos, Dr. Julio de Vilhena, Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e eu seu secretário. Foi lida e aprovada a acta da sessão antecedente. O sr. Presidentedisse que lhe constava que o Dr Fillipe Simões fallaria nesta sessão das ruínas de Condeixa a Velha, e que por este motivo ficariam para a sessão seguinte quaesquer outros assumptos que nesta se hiouvessem de tractar.

O sr. Dr. Fillipe Simões disse que , estando ausente em Évora quando da sessão de archeologia se occupara das ruinas de Condeixa a Velha, e, interrompendo-se nas ferias os trabalhos da secção, sómente agora poderia tambem tomar parte na discussão que tivera principio havia já alguns mezes.

Que estando o ponto intimamente ligado com a questão da existencia de uma povoação romana onde hoje é a cidade de Coimbra, tractaria d'estes dois assumptos, parecendo-lhe que não se poderia esclarecer um sem examinar o outro

Mencionou as lápides com inscripções romanas que têm apparecido em Coimbra e hoje se guardam no Instituto, e o arco da Estrellá , demolido no século passado , o qual, pelas descripções dos contemporaneos mais que pelas estampas em que foi representado , se há-de considerar obra de architectura romana. Que não contrariava esta opinião o dizer Coelho Gasco que o arco tinha ameias, porque as tivera também até ha poucos annos o templo de Évora.

Fallou depois das ruinas de Condeixa a Velha, da grande muralha que alli subsiste ainda de pé, das inscripções sepulchraes, dos vasos etruscos, da variedade das moedas romanas, das sepulturas, mosaicos tijolos, da casa com pinturas a fresco, dos vestigios de uma therma e do aqueducto que trazia a agua de uma fonte de Alcabideque na distancia de uma legua, e finalmente, do toro de uma base de columna, com um metro de diametro, egoal na forma e dimensões aos toros das columnas corinthias do templo romano de evora, o que tudo em varias epochas alli se t~em descoberto. Soccorreu-se particularmente d'estes dois ultimos vestigios para provar que no sitio de Condeixa a Velhahouvera não um acampamento, como pretendiam alguns e ultimamente o sr: Miguel Osorio, porem uma grande cidade. Mostrou tambem que a muralha, tendo de circunferencia mais de dois Kilometros, se

bispo Conimbricensis e a do Eminiensis, e pretendem que a povoação de Condeixa se chamava Conimbrica, e a actual Coimbra Eminium....

Passou depois a descrever as ruínas de Condeixa a Velha. Disse que se vê alli um recinto muralhado, cuja muralha, de notavel largura, não offerece duvida alguma ser romana. Que a um dos lados d'este recinto ha um despenhadeiro escarpadissimo sobre um pequeno rio que corre a grande profundidade, e que na extremidade occidental d'aquella area, no ponto mais elevado, ha uma como separação por uma muralha, e que d'ahi se descobrem e dominam largos tractos de terreno, para os lados de Ega. Que existem notaveis restos de um aqueducto que de Alcabideque conduzia agua para alli. Que da parte de fora da muralha encontrara restos de uma estrada romana, como eram tres grandes arcos de um viaducto.

Disse que não lhe restava duvida alguma de ter existido naquelle logar uma povoação romana importante. Mas seria uma cidade ?

Que varios escriptores dizem serem aquellas ruínas, mas que nenhum delles dá noticia de ter visto alli edificio algum notavel, e que só fallam de moedas romanas e de inscrições lapidares alli achadas. Que elle mesmo possuia grande quantidade de moedas de cobre provenientes d'aquelle recinto.

Que tinha para si o que se tem ditcto de ataces passar a povoação para a margem direita do Mondego é uma fabula, mas que isto não se opõe a ter existido em Condeixa uma grande população. Que de certo ahi houvera grandes transacções, como se deve inferir das moedas lá encontradas em tanta quantidade. Que dentro da muralha não ha vestigios de grandes edificios, mas que pelos detricos, que alastram o terreno, de fragmentos de tijolos, de pequenas pedras e caliça, era levado a crer que houvera alli muitas edificações, mas de pequena importancia. Que de tudo isto, e por serem de cobre e de insignificante valor as moedas alli encontradas, era de opinião sua que aquelle recinto não foi mais do que um acampamento romano, *castrum*.....

#### 4

##### 6 de Novembro de 1873

Excerto da comunicação deo Dr Fillipe Simões sobre os vestígios de Conimbriga e a sua possível identificação com Condeixa a Velha e Coimbra

Romano de Conimbriga, em Condeixa-a-Velha, incluindo a escôlha e recôlha dos objectos que apareçam a 30\$00 esc cada 1,000 m<sup>3</sup>.

Mais declara fornecer tôdas as ferramentas e utensílios necessários para a realização dêstes trabalhos, acatar as determinações da fiscalização e responsabilisar--se pelo seguro do pessoal operário e pelo cumprimento de tôdos so Regulamentos em vigôr relativos ao Fundo do Desemprêgo, horário de trabalho, etc, sem mais encargos de qualquer género para o Estado.

Coimbra, 21 de Dezembro de 1936

O Director (segue-se assinatura)

## 6

### 29 de Março de 1937

Memória com estimativa orçamental dos trabalhos de escavação e conservação de Conimbriga

#### MEMÓRIA

Em cumprimento da O.S. n.º.258, de 23 do mês findo, da Exm<sup>a</sup> Direcção dos Monumentos Nacionais, se organizou a presente estimativa que vem submeter-se à apreciação das entidades superiores e se refer ao prosseguimento dos trabalhos de escavação e conservação do Oppidum Romano de Conimbriga, de Condeixa-a-Velha.

Os trabalhos a que alude a presente nmedição constam da reconstrução de paredes em cantaria apicoada assente em elevação para suporte dos terrenos circundantes, da construção de colunas de diferentes alturas com teijolo assente com argamassa de cal e areia das quais um pequeno número já existente tornam gracioso o ambiente local, e, por último, do prosseguimento das escavações cuidadosamente empreendidas nêstes últimos tempos das quais tem resultado o aparecimento de diferentes objectos de valor arqueológico e de perto estudados por pessoa que aquela ciencia dedica uma parte da sua vida afanosa e que se encontram já convenientemente guardados e expostos à observação dos curiosos no Museu de Machado de Castro, de Coimbra, compensando assim, na sua existência, o elevado custeio de tão delicados trabalhos.

houvesse pertencido a um acampamento ou castrum, deveria este ser grande, que sómente pareceria possível nas fronteiras das reghiões dominadas pelos romanos, onde as invasões dos povos inimigos obrigavam a grandes obras de defesa

Dise mais que não tinha a menor duvida de que as duas cidades Conimbriga e Eminio coexistiram nos primeiros tempos da edad media. Que apreciam estes dois nomes em varios concilios. No de Lugo de 569 fez-se a divisão de Theodemiro, pela qual Eminio ficara sendo uma das parochias da sé conimbricense. E logo no anno de 589 estivera no concílio de Toledo Possidonio, bispo de Eminio. Que neste ultimo anno reinava Recaredo que cunhou moeda e. Eminio. Que tambem era conhecida outra moeda de Sizebuto, pouco posterior, cunhada em Eminio. Por outra parte, em Condeixa a Velha ainda no anno de 541 havia uma povoação importante, como se prova pelo achado da inscripção de sereniano, pertencente à collecção do Instituto. E mais tarde no principio do sec. VIII, alli ficara uma moeda de oiro de Egica, possuída pelo sr. Miguel Osorio. Emfim na segunda metade do séc. IX ainda Affonso III destruíra e povoara depois de christãos, entre outras cidades, as de Coimbra e Eminio, como se lê no chonicon Abeldense, documento contemporaneo ou pouco posterior. Desaparecera então o nome de Eminio de todos os monumentos permanecendo sómente o de Coimbra, que no séc. X era já onde existe, na margem direita do Mondego, como se prova por escripturas d'esse tempo

.....

## 5

### 21 de Dezembro de 1936

Carta de Vergílio Correia, Director do Museu Machado de Castro em Coimbra, à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com proposta de tarefa de mão d'obra referente à execução de diversos trabalhos no Oppidum Romano de Conimbriga - Condeixa-a-velha

A Direcção do Museu Machado de Castro, de Coimbra, declara que de harmonia com as condições e instruções dadas e a dar pela Exm<sup>a</sup>. Direcção dos Monumentos Nacionais se compromete a executar com o necessário esmêro e cuidado tôda a escavação e remoção de terras e entulhos provenientes das ruínas do Oppidum

Mão de obra	72\$00 x 12,560 =	904\$32
5% para fiscalização e imprevistos		
Material		6.340\$00
Mão de obra		5.169\$00

7 de Novembro de 1944

Memoria com estimativa orçamental dos trabalhos de escavação e de conservação de Conimbriga

#### MEMORIA DESCRITIVA

Refere-se a presente memória à estimativa elaborada em cumprimento da Ordem de Serviço n.º 3489, de 21 de Outubro findo, para continuação das obras de Consolidação e restauro que se julga por conveniente levar a efeito no OPPIDUM ROMANO DE CONIMBRIGA (Monumento Nacional), durante o decorrer do próximo ano económico de 19 As obras previstas são:

- Escavação cuidadosa de terra solta até à profundidade, máxima de um metro, incluindo a procura de materiais arqueológicos e remoção de terras
- Construção de alvenaria com argamassa ordinária em reconstrução de muralhas.
- Restauro e consolidação de pavimentos de mosaico

Importa esta estimativa na quantia total de 81.000\$00, 59.000\$00 para jornais e 22.000\$00 para materiais.

Coimbra, 4ª Secção da Direcção dos Monumentos Nacionais, em 4 de Novembro de 1944

O ARQUITECTO

(segue-se assinatura irreconhecível)

4 de Novembro de 1944

Estimativa Orçamental dos trabalhos escavação e Conservação a realizar no Oppidum Romano de Conimbriga

atinge êste orçamento, organizado por estimativa, na importância de 241.710\$00 esc. dos quais se destinam a materiais e mão de obra as quantias de 133.150\$00 esc. e 108.560\$00 esc. respectivamente.

Pôrto, 29 de Março de 1937

O Agente Técnico de Engenharia de 3ª classe, contª

(segue-se assinatura ilegível)

29 de Março de 1937

Estimativa Orçamental das obras de escavação e de Conservação do Oppidum Romano de Conimbriga

CAPÍTULO I Obra de cavouqueiro.....

Artº 1º. - Escavação cuidadosa em terra solta, incluindo a procura de materiais arqueológicos e remoção de terras:

-- Em continuação da escavação começada - 7350 m<sup>3</sup>

Material 2\$00 x 7350 = 14.700\$00

Mão de Obra 7\$00 X 7350 = 51.450\$00

- *Idem, idem* 1500 m<sup>3</sup>

Material 2\$00 x 1500 = 3.000\$00

Mão de obra 7\$00 x 1500 = 10.500\$00

- Em diversos pontos 600 m<sup>3</sup>

Material 2\$00 x 600 = 1.200\$00

Mão de obra 7\$00 x 600 = 4.200\$00

CAPÍTULO II - Obra de Pedreiro.....

Artº 2º - Reconstrução de paredes de cantaria apicoada e assentate em argamassa de cal e areia

- Em varios pontos 450 m<sup>3</sup>

- Muralha 360 m<sup>3</sup>

Material 137\$00 x 810 = 110.970\$00

Mão de obra 63\$00 x 810 = 51.030\$00

Artª III - Alvenaria de tejo assente em argamassa de cal e areia

- Em colunas (50) 12,56 m<sup>3</sup>

Material 90\$00 x 12,560 = 1.130\$00

CAPÍTULO I - Obra de trabalhador .....

Artª 1º - Escavação cuidadosa de terra solta até à profundidade máxima de 1 m, incluindo a procura de materiais arqueológicos e remoção de terras :

- Continuação das escavações efectuadas 542 m<sup>2</sup>
- Dos terrenos adquiridos 200 m<sup>2</sup>

CAPÍTULO II - Obra de Pedreiro .....

Artº II -Construção de alvenaria com argamassa ordinaria em reconstrução de muralha

- Muralha lateral esquerda 42 m<sup>3</sup>
- Macissos da porta principal 32 m<sup>3</sup>

CAPÍTULO III - Obra de canteiro.....

Artº III - Cantaria em paramentos, com aparelho segundo o existente, assente em consolidação de muralhas:

- Muralha lateral esquerda 13,5 m<sup>3</sup>
- Macissos da porta principal 20 m<sup>3</sup>

CAPÍTULO IV- Pavimentos de Mosaico.....

Artº 4º - Restauro e consolidação de Mosaicos 73,6 m<sup>3</sup>

RESUMO

Capítulo I - Obra de trabalhador		25.970\$00
Capítulo II - Obra de Pedreiro	Mão de Obra	11.100\$00
	Materiais	11.100\$00
Capítulo III - Obra de Canteiro	Mão de Obra	11.725\$00
	Materiais	8.327\$00
Capítulo IV- Pavimento de Mosaico	Mão de Obra	7.360\$00
	Materiais	1.427\$00
	SOMA	Mão de Obra 56.155\$00
		Materiais 20.947\$00
	5%	Mão de obra 2.807\$00
		Materiais 1.047\$00
	Jornais	59.000\$00
	Materiais	22.000\$00

